

A sepia-toned portrait of Jiddu Krishnamurti, an elderly man with grey hair, wearing a brown jacket over a light blue shirt. He is shown in profile, looking out a window at a garden with arched trellises and trees. The entire image is framed by an ornate, decorative border.

KRISHNAMURTI PARA ELE PRÓPRIO

——
TRADUÇÃO:
AMADEU ANTÔNIO
——

KRISHNAMURTI PARA ELE PRÓPRIO

O SEU ÚLTIMO DIÁRIO

PREFÁCIO DE MARY LUTYENS

ESTE LIVRO é único no sentido em que é a única publicação de Krishnamurti que regista palavras faladas para um gravador de cassetes enquanto se encontrava totalmente só.

Após o sucesso do *Diário de Krishnamurti*, publicado em 1982, foi-lhe pedido com insistência que o continuasse, mas, como por essa altura a sua mão se tornara bastante trémula (tinha oitenta e sete anos), foi-lhe sugerido que, em vez de o escrever, o que o cansaria, ditasse para si mesmo. Esta ideia agradou-lhe. No entanto, não pôde começar de imediato porque estava prestes a voar para a Índia, onde não teria tempo para si. No seu regresso à Califórnia, em fevereiro de 1983, ditou a primeira das peças contidas neste volume para um gravador Sony novo.

Todos os ditados, exceto um, foram gravados na sua casa, *Pine Cottage*, no Vale de Ojai, cerca de oitenta milhas a norte de Los Angeles. Ditava de manhã, na cama após o pequeno-almoço, sem ser perturbado.

Krishnamurti ficara hospedado em *Pine Cottage* pela primeira vez com o seu irmão em 1922, quando a casa lhe foi emprestada por um amigo, e foi ali, em agosto de '22, que passou por uma experiência espiritual que transformou a sua vida. Pouco depois, foi constituído um *Trust* para o qual se subscreveu dinheiro para comprar a casa de campo e seis acres de terreno em redor. Em 1978, foi construída uma casa nova e bonita que incorporou a casa de campo, na qual Krishnamurti manteve o seu quarto original e uma pequena sala de estar.

Os seus ditados não eram tão acabados quanto os seus escritos e, por vezes, a sua voz afastava-se do gravador, tornando-se bastante distante, pelo que, ao contrário do seu *Livro de Anotações* e do *Diário*, foi necessária alguma ligeira edição por amor à clareza. O leitor fica

muito próximo de Krishnamurti nestas peças — quase, assim parece em certos momentos, no interior da sua própria consciência. Em algumas delas, ele introduz um visitante imaginário que o vem questionar e desafiar a expressar-se.

O essencial do ensino de Krishnamurti está aqui, e as descrições da natureza com que inicia a maior parte das peças podem, para muitos que o consideram um poeta tanto quanto um filósofo, aquietar todo o seu ser, de modo a torná-los intuitivamente recetivos ao que se segue. Há repetições, mas estas parecem de algum modo necessárias para enfatizar o seu significado e mostram claramente como cada dia era para ele um dia completamente novo, livre de todos os fardos do passado.

Curiosamente, a última peça, e talvez a mais bonita, é sobre a morte. É a última ocasião em que ouviremos Krishnamurti a discorrer para si mesmo. Dois anos mais tarde, morreu neste mesmo quarto em *Pine Cottage*.

M.L.

KRISHNAMURTI PARA SI MESMO

BROCKWOOD PARK

SEXTA-FEIRA, 25 DE FEVEREIRO DE 1983

HÁ UMA árvore junto ao rio e temo-la observado dia após dia, durante várias semanas, quando o sol está prestes a nascer. À medida que o sol sobe lentamente sobre o horizonte, sobre as árvores, esta árvore em particular torna-se, de repente, dourada. Todas as folhas estão resplandecentes de vida e, à medida que a observa com o passar das horas, essa árvore cujo nome não importa — o que importa é essa árvore bonita —, uma qualidade extraordinária parece espalhar-se por

toda a terra, sobre o rio. E à medida que o sol sobe um pouco mais, as folhas começam a esvoaçar, a dançar.

E cada hora parece dar a essa árvore uma qualidade diferente. Antes de o sol nascer, ela tem uma sensação sombria, quieta, distante, cheia de dignidade. E à medida que o dia começa, as folhas com a luz sobre elas dançam e dão-lhe aquela sensação peculiar que se tem de grande beleza. Ao meio-dia, a sua sombra adensou-se e pode sentar-se ali protegido do sol, sem nunca se sentir só, tendo a árvore como sua companheira. Enquanto se senta ali, há uma relação de segurança profunda e duradoura e uma liberdade que só as árvores podem conhecer.

Rumo ao fim da tarde, quando os céus do oeste são iluminados pelo sol poente, a árvore torna-se gradualmente sombria, escura, recolhendo-se em si mesma. O céu tornou-se vermelho, amarelo, verde, mas a árvore permanece quieta, oculta, e está a descansar para a noite.

Se estabelecer uma relação com ela, então tem relação com a humanidade. É responsável, então, por essa árvore e pelas árvores do mundo. Mas se não tem relação com as coisas vivas nesta terra, pode perder qualquer relação que tenha com a humanidade, com os seres humanos. Nunca olhamos profundamente para a qualidade de uma árvore; nunca lhe tocamos realmente, sentimos a sua solidez, a sua casca áspera e ouvimos o som que é parte da árvore. Não o som do vento através das folhas, não a brisa de uma manhã que faz esvoaçar as folhas, mas o seu próprio som, o som do tronco e o som silencioso das raízes. Tem de ser extraordinariamente sensível para ouvir o som. Este som não é o ruído do mundo, não é o ruído do chilreio da mente, não é a vulgaridade das disputas humanas e das guerras humanas, mas o som como parte do universo.

É estranho que tenhamos tão pouca relação com a natureza, com os insetos e a rã que salta e o mocho que ulula entre as colinas chamando pelo seu par. Parece que nunca temos um sentimento por todas as coisas vivas na terra. Se pudéssemos estabelecer uma relação

profunda e duradoura com a natureza, nunca mataríamos um animal para o nosso apetite, nunca faríamos mal, nunca vivissecionariíamos um macaco, um cão, uma cobaia para nosso benefício.

Encontraríamos outras formas de curar as nossas feridas, curar os nossos corpos. Mas a cura da mente é algo totalmente diferente. Essa cura ocorre gradualmente se estiver com a natureza, com aquela laranja na árvore, e com a lâmina de erva que rompe através do cimento, e com as colinas cobertas, ocultas pelas nuvens.

Isto não é sentimento ou imaginação romântica, mas uma realidade de uma relação com tudo o que vive e se move na terra. O homem matou milhões de baleias e continua a matá-las. Tudo o que derivamos do seu abate poderia ser obtido por outros meios. Mas, aparentemente, o homem adora matar coisas, o veado veloz, a maravilhosa gazela e o grande elefante. Adoramos matar-nos uns aos outros. Este assassinato de outros seres humanos nunca parou ao longo da história da vida do homem nesta terra. Se pudéssemos, e temos de o fazer, estabelecer uma relação profunda e duradoura com a natureza, com as árvores reais, os arbustos, as flores, a erva e as nuvens de movimento rápido, então nunca chacinaríamos outro ser humano por razão alguma. O assassinato organizado é a guerra, e embora demonstremos contra uma guerra em particular, a nuclear ou qualquer outro tipo de guerra, nunca demonstrámos contra a guerra. Nunca dissemos que matar outro ser humano é o maior pecado na terra.

OJAI, CALIFÓRNIA

SEGUNDA-FEIRA, 28 DE FEVEREIRO DE 1983

VOANDO A 41 000 pés de um continente para outro, não se vê nada senão neve, milhas de neve; todas as montanhas e as colinas estão cobertas de neve, e os rios também estão congelados. Vemo-los a vagar, a serpentear, por toda a terra. E, muito abaixo, as quintas distantes estão cobertas de gelo e neve. É um voo longo e cansativo de onze horas. Os passageiros tagarelavam. Havia um casal atrás de nós e nunca pararam de falar, nunca olharam para a glória daquelas colinas

e montanhas maravilhosas, nunca olharam para os outros passageiros. Aparentemente, estavam absorvidos nos seus próprios pensamentos, nos seus próprios problemas, na sua tagarelice. E finalmente, após um voo tedioso e calmo, no rigor do inverno, aterramos na cidade no Pacífico.

Após o ruído e a agitação, deixamos aquela cidade feia, tentacular, vulgar, gritante e as lojas sem fim a vender quase todas as mesmas coisas. Deixamos tudo isso para trás à medida que percorremos a estrada costeira do azul do Pacífico, seguindo a orla marítima, numa estrada bonita, serpentando pelas colinas, encontrando o mar frequentemente; e à medida que deixamos o Pacífico para trás e entramos no interior, curvando sobre várias colinas pequenas, pacíficas, quietas, cheias daquela estranha dignidade do campo, entramos no vale. Estamos ali há sessenta anos e, de cada vez, ficamos espantados ao entrar neste vale. É quieto, quase intocado pelo homem. Entramos neste vale que é quase como uma taça vasta, um ninho.

Depois deixamos a pequena aldeia e subimos até cerca de 1400 pés, passando por fileiras e fileiras de pomares e olivais de laranjeiras. O ar está perfumado com a flor de laranjeira. Todo o vale está preenchido por esse aroma. E o cheiro dele está na sua mente, no seu coração, em todo o seu corpo. É a sensação mais extraordinária de viver num perfume que durará cerca de três semanas ou mais. E há uma quietude nas montanhas, uma dignidade. E de cada vez que olhamos para aquelas colinas e para a montanha alta, que tem mais de 6000 pés, ficamos verdadeiramente surpreendidos por existir um país assim. De cada vez que vimos a este vale quieto e pacífico, há uma sensação de estranho afastamento, de silêncio profundo e do vasto desdobrar do tempo lento.

O homem está a tentar estragar o vale, mas ele tem sido preservado. E as montanhas, nessa manhã, estavam extraordinariamente bonitas. Quase podíamos tocar-lhes. A majestade, o vasto sentido de permanência está ali nelas. E entramos quietamente na casa onde vivemos há mais de sessenta anos e a atmosfera, o ar é, se se pode usar essa palavra, sagrado; podemos senti-lo. Quase

podemos tocar-lhe. Como choveu consideravelmente, pois é a época das chuvas, todas as colinas e as pequenas dobras da montanha estão verdes, prósperas, cheias — a terra está a sorrir com tal deleite, com alguma compreensão profunda e quieta da sua própria existência.

«Disse uma e outra vez que a mente, ou, se preferir, o cérebro, deve estar quieto, deve esvaziar-se de todo o conhecimento que acumulou, não apenas para ser livre, mas para compreender algo que não é do tempo nem do pensamento nem de ação alguma. Disse isto de diferentes maneiras na maioria das suas palestras e eu acho isto terrivelmente difícil, não apenas agarrar a ideia, a profundidade dela, mas a sensação de vazio quieto, se posso usar essa palavra. Nunca consegui sentir o meu caminho para dentro disso. Tentei vários métodos para terminar com a tagarelice da mente, a ocupação sem fim com uma coisa ou outra, criando esta própria ocupação os seus problemas. E, à medida que se vive, fica-se preso em tudo isto. Esta é a nossa vida diária, o tédio, a conversa que decorre numa família, e se não há conversa, há sempre a televisão ou um livro. A mente parece exigir que deva estar ocupada, que deva mover-se de uma coisa para outra, do conhecimento para o conhecimento, da ação para a ação com o movimento eterno do pensamento.»

«Como apontámos, o pensamento não pode ser parado pela determinação, por uma decisão da vontade, ou pelo desejo urgente e premente de entrar nessa qualidade de vazio quieto e imóvel.» «Sinto-me invejoso de algo que penso, que sinto ser verdadeiro, que gostaria de ter, mas isso esquivou-se-me sempre, foi sempre além do meu alcance. Vim, como venho frequentemente, para falar consigo: por que razão na minha vida diária, na minha vida de negócios, não há a estabilidade, a resistência dessa quietude? Por que não está isto na minha vida? Perguntei a mim mesmo o que devo fazer.

Também percebo que não posso fazer muito, ou não posso fazer absolutamente nada em relação a isso. Mas está ali a remoer. Não consigo deixar isso em paz. Se ao menos pudesse experimentá-lo uma vez, então essa própria memória me nutriria, então essa própria recordação daria um significado a uma vida que é realmente bastante

tola. Por isso vim investigar, sondar este assunto: por que razão a mente — talvez a palavra cérebro seja melhor — exige que deva estar ocupada?»

OJAI, CALIFÓRNIA

TERÇA-FEIRA, 10 DE MARÇO DE 1983

OUTRO DIA, enquanto se caminhava ao longo de uma azinhaga arborizada e isolada, longe do ruído, da brutalidade e da vulgaridade da civilização, bem longe de tudo o que foi construído pelo homem, havia uma sensação de grande quietude, envolvendo todas as coisas — serena, distante e cheia do som da terra. À medida que caminhava quietamente, sem perturbar as coisas da terra ao seu redor, os arbustos, as árvores, os grilos e os pássaros, de repente, ao virar de uma curva, estavam duas pequenas criaturas a disputar uma com a outra, a lutar à sua pequena maneira. Uma estava a tentar expulsar a outra. A outra estava a introduzir-se, a tentar entrar no pequeno buraco da outra, e o proprietário estava a expulsá-la através da luta. Momentos depois, o proprietário venceu e a outra fugiu. Novamente havia quietude, uma sensação de profunda solidão.

E ao olhar para cima, o caminho subia alto nas montanhas, a cascata murmurava suavemente encosta abaixo ao longo do caminho; havia grande beleza e dignidade infinita, não a dignidade alcançada pelo homem que parece tão vã e arrogante. A pequena criatura tinha-se identificado com o seu lar, tal como nós, seres humanos, fazemos. Estamos sempre a tentar identificar-nos com a nossa raça, com a nossa cultura, com as coisas em que acreditamos, com alguma figura mística, ou algum salvador, algum tipo de autoridade superior. Identificar-se com algo parece ser a natureza do homem. Provavelmente derivámos este sentimento daquele pequeno animal.

Pergunta-se o motivo por que existe esta ânsia, este anseio pela identificação. Pode compreender-se a identificação com as necessidades físicas de cada um — as coisas necessárias, roupas, comida, abrigo e assim por diante. Mas interiormente, dentro da pele por assim dizer, tentamos identificar-nos com o passado, com a tradição, com alguma imagem romântica e fantasiosa, um símbolo muito estimado. E certamente nesta identificação há uma sensação de segurança, de proteção, uma sensação de ser possuído e de possuir. Isto dá um grande conforto. Encontra-se conforto, segurança, em qualquer forma de ilusão. E o homem, aparentemente, precisa de muitas ilusões.

À distância, ouve-se o ulular de um mocho e há uma resposta de voz grave vinda do outro lado do vale. Ainda é madrugada. O ruído do dia não começou e tudo está quieto. Há algo de estranho e sagrado onde o sol nasce. Há uma oração, um cântico à alvorada, a essa luz estranha e quieta. Nessa manhã cedo, a luz era ténue, não havia brisa e toda a vegetação, as árvores, os arbustos, estavam quietos, imóveis, à espera. À espera que o sol nascesse. E talvez o sol não surgisse durante mais meia hora ou algo do género, e a alvorada cobria lentamente a terra com uma estranha imobilidade.

Gradualmente, lentamente, a montanha mais alta estava a ficar mais brilhante e o sol tocava-lhe, dourado, límpido, e a neve era pura, intocada pela luz do dia.

À medida que subia, deixando os caminhos da pequena aldeia lá em baixo, o ruído da terra, os grilos, as codornizes e outros pássaros começaram o seu canto matinal, o seu cântico, a sua rica adoração ao dia. E à medida que o sol nascia, fazia parte dessa luz e tinha deixado para trás tudo o que o pensamento tinha construído. Esquecia-se completamente de si mesmo. A psique estava vazia das suas lutas e das suas dores. E à medida que caminhava, subia, não havia sentido de separação, nem sentido de ser sequer um ser humano.

A névoa matinal ajuntava-se lentamente no vale, e essa névoa era você, ficando cada vez mais espessa, cada vez mais dentro da fantasia,

do romance, da idiotia da própria vida. E após um longo período de tempo, desceu. Havia o murmúrio do vento, insetos, os chamamento de muitos pássaros. E à medida que descia, a névoa ia desaparecendo. Havia ruas, lojas, e a glória da alvorada esvanecia-se rapidamente. E começava a sua rotina diária, preso no hábito do trabalho, nas contendas entre o homem e o homem, nas divisões da identificação, na divisão das ideologias, nas preparações para guerras, na sua própria dor interior e na eterna dor do homem.

OJAI, CALIFÓRNIA

SEXTA-FEIRA, 11 DE MARÇO DE 1983

ERA UMA manhã fresca e fresca e havia aquela luz que só a Califórnia tem, especialmente a parte sul dela. É realmente uma luz bastante extraordinária.

Viajámos provavelmente por todo o mundo, pela maior parte do mundo pelo menos, vimos várias luzes e nuvens em muitas partes da terra. As nuvens na Holanda estão muito próximas; aqui na Califórnia, as nuvens contra o céu azul parecem reter a luz eternamente — a luz que as grandes nuvens têm, com a sua forma e qualidade extraordinárias.

Era uma manhã fresca, muito agradável. E à medida que subia o caminho rochoso até à grande altura e olhava para baixo para o vale e via a fileira após fileira de laranjeiras, abacateiros e as colinas que cercam o vale, era como se estivesse fora deste mundo, de tal modo estava completamente perdido para todas as coisas, para o cansaço, para as reações e ações feias do homem. Deixou tudo isso para trás à medida que subia e subia o caminho muito rochoso. Deixou para trás, muito abaixo de si, a vaidade, a arrogância, a vulgaridade dos uniformes, as condecorações espalhadas por todo o peito, e a vaidade e os trajes estranhos dos padres. Deixou tudo isso para trás.

E à medida que subia, quase pisou uma mãe com a sua dúzia ou mais de pequenas codornizes bebés e elas dispersaram-se chilreando para os arbustos. À medida que continuava a subir e olhava para trás,

a mãe tinha-as reunido novamente à sua volta e estavam todas bastante seguras sob as asas da sua mãe.

Tinha de subir hora após hora para alcançar a grande altura. Certos dias via um urso um pouco distante e ele não prestava atenção. E os veados do outro lado do desfiladeiro, eles também pareciam desinteressados. Finalmente alcançou a altura de um planalto rochoso, e através das colinas para sudoeste viu o mar distante, tão azul, tão quieto, tão infinitamente longe. Sentou-se numa rocha, lisa, rachada, onde o sol devia, durante século após século, sem qualquer lamento, tê-la rachado. E nas pequenas rachas viu pequenas coisas vivas a correr, e havia aquele silêncio absoluto, completo e infinito. Um pássaro muito grande — chamam-lhe condor — estava a circular no céu. Além desse movimento, nada se movia exceto estes pequeninos insetos. Mas havia aquele silêncio que existe apenas onde o homem não esteve antes; era tão pacífico.

Deixou tudo para trás naquela pequena aldeia tão abaixo de si. Literalmente tudo: a sua identidade, se tinha alguma, os seus pertences, a posse das suas experiências, as suas memórias de coisas que tinham significado algo para si — deixou tudo isso para trás, lá em baixo, entre os olivais e pomares resplandecentes. Aqui havia silêncio absoluto e estava totalmente só.

Era uma manhã maravilhosa e o ar fresco, que estava a ficar mais frio, envolvia-o, e estava completamente perdido para tudo. Não havia nada e além do nada.

Deveria realmente esquecer a palavra meditação. Essa palavra foi corrompida. O significado ordinário dessa palavra — ponderar sobre, considerar, pensar sobre — é bastante trivial e ordinário. Se quer compreender a natureza da meditação, deveria realmente esquecer a palavra, porque não pode possivelmente medir com palavras aquilo que não é mensurável, aquilo que está além de toda a medida. Palavra alguma o pode transmitir, nem quaisquer sistemas, modos de pensamento, prática ou disciplina. A meditação — ou melhor, se pudéssemos encontrar outra palavra que não tivesse sido tão mutilada,

tornada tão ordinária, corrupta, que se tornou o meio de ganhar uma grande quantidade de dinheiro —, se puder pôr de parte a palavra, então começa quietamente e suavemente a sentir um movimento que não é do tempo. Mais uma vez, a palavra movimento implica tempo — o que se quer dizer é um movimento que não tem início nem fim.

Um movimento no sentido de uma vaga: vaga após vaga, começar em lado nenhum e sem praia onde se despenhar. É uma vaga sem fim. O tempo, por mais lento que seja, é bastante cansativo. O tempo significa crescimento, evolução, tornar-se, alcançar, aprender, mudar. E o tempo não é o caminho daquilo que se encontra muito além da palavra meditação. O tempo não tem nada a ver com isso. O tempo é a ação da vontade, do desejo, e o desejo não pode de forma alguma [palavra ou palavras inaudíveis aqui] — encontra-se muito além da palavra meditação.

Aqui, sentado naquela rocha, com o céu azul — é espantosamente azul —, o ar é tão puro, não poluído. Muito além desta cordilheira está o deserto. Pode vê-lo, milhas dele. É realmente uma percepção intemporal daquilo que é. É apenas essa percepção que pode dizer que é.

Sentou-se ali a observar durante o que pareciam muitos dias, muitos anos, muitos séculos. À medida que o sol descia em direção ao mar, fez o seu caminho de volta ao vale e tudo ao seu redor estava iluminado, aquela lâmina de erva, aquele sumagre [um arbusto silvestre], o eucalipto imponente e a terra em flor. Levou tempo para descer como tinha levado tempo para subir. Mas aquilo que não tem tempo não pode ser medido por palavras. E meditação é apenas uma palavra. As raízes do céu estão no silêncio profundo e duradouro.

OJAI, CALIFÓRNIA

SEXTA-FEIRA, 11 DE MARÇO DE 1983 (CONTINUAÇÃO)

ERA REALMENTE uma manhã muito linda, límpida e bonita. Havia orvalho em cada folha. E à medida que o sol nascia lentamente, espalhando-se quietamente pela terra bonita, havia grande paz neste vale. As árvores estavam cheias de laranjas, pequenas mas muitas.

Gradualmente, o sol iluminou cada árvore e cada laranja. Quando se sentou naquela varanda com vista para o vale, havia as sombras longas da manhã. A sombra é tão bonita quanto a árvore. Queríamos sair, não de carro, mas sair para o meio das árvores, cheirar o ar fresco e o aroma de muitas laranjas e das flores, e ouvir o som da terra.

Mais tarde, subiu-se até ao topo da colina, com vista para o vale amplo. A terra não pertence a ninguém. É a terra sobre a qual todos nós havemos de viver durante muitos anos, lavrando, colhendo e destruindo.

É sempre um convidado nesta terra e tem a austeridade de um convidado. A austeridade é muito mais profunda do que possuir apenas algumas coisas. A própria palavra austeridade foi estragada pelos monges, pelos *sannyasis*, pelos eremitas. Sentado naquela colina alta, sozinho na solidão de muitas coisas, muitas rochas e pequenos animais e formigas, essa palavra não tinha significado.

Sobre as colinas, na distância remota, estava o mar amplo, resplandecente, cintilante. Nós fragmentámos a terra como sua e minha — a sua nação, a minha nação, a sua bandeira e a bandeira dele, esta religião em particular e a religião do homem distante. O mundo, a terra, está dividido, fragmentado. E por isso lutamos e disputamos, e os políticos exultam no seu poder para manter esta divisão, nunca olhando para o mundo como um todo. Não têm a mente global. Nunca sentem nem percecionam a imensa possibilidade de não ter nacionalidade, divisão alguma; nunca conseguem percecionam a fealdade do seu poder, da sua posição e do seu sentido de importância. São como você ou outro qualquer, apenas ocupam o assento do poder com os seus desejos e ambições mesquinhos e pequenos, e assim mantêm aparentemente, desde que o homem está nesta terra, a atitude tribal perante a vida. Não têm uma mente que não esteja comprometida com qualquer questão, com quaisquer ideais, ideologias — uma mente que dê um passo além da divisão de raça, cultura, que as religiões que o homem inventou.

Os governos têm de existir enquanto o homem não for uma luz para si próprio, enquanto não viver a sua vida diária com ordem, cuidado, trabalhando diligentemente, observando, aprendendo. Ele prefere que lhe digam o que fazer. Foi-lhe dito o que fazer pelos antigos, pelos padres, pelos gurus, e ele aceita as suas ordens, as suas disciplinas destrutivas e peculiares como se eles fossem deuses nesta terra, como se soubessem todas as implicações desta vida extraordinariamente complexa.

Sentado ali, bem acima de todas as árvores, numa rocha que tem o seu próprio som como cada coisa viva nesta terra, e a observar o céu azul, límpido, sem manchas, pergunta-se quanto tempo levará para o homem aprender a viver nesta terra sem disputas, zangas, guerras e conflito. O homem criou o conflito através da sua divisão da terra, linguisticamente, culturalmente, superficialmente. Pergunta-se quanto tempo o homem, que evoluiu através de tantos séculos de dor e desgosto, ansiedade e prazer, medo e conflito, levará para viver uma forma de vida diferente.

À medida que se sentava quietamente sem movimento, um lince-pardo, um lince, desceu. Como o vento soprava vale acima, não se apercebeu do cheiro desse ser humano. Estava a ronronar, a esfregar-se contra uma rocha, com a sua cauda pequena levantada, e a desfrutar da maravilha da terra. Depois desapareceu colina abaixo entre os arbustos. Estava a proteger a sua toca, a sua caverna ou o seu lugar de dormir. Estava a proteger o que precisa, a proteger as suas próprias crias de lince, e a vigiar contra o perigo. Tinha medo do homem mais do que de qualquer outra coisa, do homem que acredita em deus, do homem que reza, do homem de riqueza com a sua arma, com a sua matança casual. Quase podia cheirar aquele lince-pardo à medida que ele passava por si. Estava tão imóvel, tão completamente quieto que ele nem sequer olhou para si; fazia parte daquela rocha, parte do ambiente.

Por que razão, pergunto-me, não percebe o homem que se pode viver em paz, sem guerras, sem violência; quanto tempo levará ele, quantos séculos sobre séculos para perceber isto? Dos séculos

passados de mil ontens, não aprendeu. O que ele é agora será o seu futuro.

Estava a ficar demasiado quente naquela rocha. Podia sentir-se o calor acumulado através das calças, por isso levantou-se, desceu e seguiu o lince que há muito tinha desaparecido. Havia outras criaturas: o esquilo-terrestre, a cobra-real e uma cascavel. Iam silenciosamente à sua vida. O ar da manhã desapareceu; gradualmente o sol estava no oeste. Levaria uma hora ou duas antes de se pôr atrás daquelas colinas com a forma maravilhosa da rocha e as cores da noite de azul, vermelho e amarelo. Depois a noite começaria, os sons da noite preencheriam o ar; apenas ao fim da noite haveria silêncio absoluto. As raízes do céu são de um grande vazio, pois no vazio há energia, incalculável, vasta e profunda.

OJAI, CALIFÓRNIA

TERÇA-FEIRA, 15 DE MARÇO DE 1983

ESTE FIM de vale, particularmente nesta manhã bonita e quieta, estava em paz, não havia som de tráfego. As colinas estavam atrás de si e a montanha mais alta nesta região tinha mais de 6000 pés. Esta casa está cercada por pomares, laranjas de um amarelo brilhante, e o céu estava azul sem uma única nuvem. Podia ouvir-se o murmúrio das abelhas entre as flores na manhã ainda quieta. O velho carvalho [*o zambujeiro/azinheira californiano de folha persistente*] atrás da casa tinha uma grande idade; os ventos fortes tinham partido muitos ramos mortos. Sobreviveu a muitas tempestades, a muitos verões de grande calor e aos invernos frios. Provavelmente poderia contar-lhe muitas histórias, mas esta manhã estava muito quieto, não havia brisa. Tudo ao seu redor estava cheio de verde e de laranjas brilhantes, amarelas e resplandecentes, e o perfume preenchia o ar — o perfume do jasmim.

Este vale está longe de todo o ruído e da agitação do tráfego humano, da humanidade, de todas as coisas feias que estão a acontecer no mundo. As laranjeiras estavam precisamente a começar a mostrar as suas flores jovens e frescas. O aroma delas preencheria o vale numa semana ou duas e haveria o zumbido de milhares de abelhas. Era uma

manhã pacífica e além de tudo isto jazia o mundo doente, um mundo que se está a tornar cada vez mais perigoso, cada vez mais corrupto, vastamente enfadonho em busca de entretenimento, religioso e outro. A superficialidade da existência está a prosperar. O dinheiro parece ser o maior valor na vida, e com ele vai naturalmente o poder, a posição e a dor de tudo isso.

«Numa manhã tão bonita quero discutir consigo um assunto bastante triste, assustador, a sensação de apreensão que permeia a humanidade e a mim próprio. Gostaria realmente de compreender, não meramente de forma intelectual ou descritiva, por que razão, com tantos outros, receio o fim da vida.

«Matamos tão facilmente — chama-se desporto sangrento, caçar pássaros por divertimento para ostentar a própria perícia, perseguir a raposa, matar aos milhões as coisas do mar; a morte parece estar em todo o lado. Sentado nesta varanda quieta, a olhar para aquelas laranjas de um amarelo brilhante, é difícil — ou melhor, parece tão despropositado — discutir algo que é tão assustador. O homem ao longo de todas as eras nunca resolveu nem compreendeu realmente a coisa chamada morte.

«Naturalmente estudei várias racionalizações religiosas e científicas, crenças, e elas presumem realidades; algumas delas são lógicas, confortantes, mas o facto permanece que há sempre o medo do desconhecido.

«Estava a discutir este facto com um amigo meu cuja esposa faleceu recentemente. Ele era um homem bastante solitário e estava inclinado não apenas a viver nas suas memórias, mas também a descobrir por si mesmo, através de sessões espíritas, médiuns e tudo isso, se a sua esposa, a quem amava realmente, tinha acabado de se evaporar no ar rarefeito, ou se havia ainda uma continuidade dela noutra dimensão, num mundo diferente deste.

«Ele disse: "Estranhamente descobri que numa dessas sessões espíritas o médium mencionou o meu nome e disse que tinha uma mensagem da minha esposa. E a mensagem era algo apenas conhecido

por ela e por mim. Claro que o médium pode ter lido os meus pensamentos ou a minha esposa pode existir. Esse pensamento estava no ar, o pensamento desse segredo que existia entre nós. Perguntei a muitas pessoas sobre as suas experiências. Tudo parece tão vão e bastante estúpido, incluindo a mensagem da minha esposa que era tão trivial, tão profundamente desprovida de significado." Não quero discutir consigo se existe uma entidade de uma pessoa que continua após a morte. Esse não é o meu interesse. Alguns dizem que há uma continuidade, outros dizem que há aniquilação total. Esta contradição — aniquilação, fim total de uma pessoa ou a continuidade desse indivíduo — esteve presente em toda a literatura, desde os antigos até ao dia de hoje. Mas para mim, tudo isto é irrelevante. A sua validade está ainda no domínio da especulação, da superstição, da crença e do desejo de conforto, de esperança. Não estou realmente preocupado com nada disso. Quero realmente dizer isto. Estou pelo menos bastante certo disso. Mas gostaria de ter um diálogo consigo, se me permite, sobre qual é o significado de tudo isto — todo este assunto de viver e morrer. Será tudo completamente desprovido de sentido, vago, sem qualquer profundidade, sem qualquer significado seja ele qual for? Milhões morreram e milhões nascerão e continuarão e morrerão. Eu sou um desses. Pergunto-me sempre: qual é o significado de viver e morrer? A terra é bonita, viajei imenso, falei com muitas pessoas que supostamente são sábias e eruditas, mas elas também morrem.

«Vim de muito longe, por isso talvez fosse tão simpático que dedicasse algum tempo e tivesse a paciência quieta para discutir este assunto comigo.»

«A dúvida é uma coisa preciosa. Limpa, purifica a mente. O próprio questionar, o próprio facto de a semente da dúvida estar em alguém, ajuda a clarificar a nossa investigação. Não apenas duvidando do que todos os outros disseram, incluindo todo o conceito de regeneração, e a crença e dogma cristão da ressurreição, mas também a aceitação do mundo asiático de que há continuidade. Ao duvidar, ao questionar tudo isso, há uma certa liberdade que é necessária para a nossa investigação. Se se puder pôr tudo isso de parte, realmente, não

meramente da boca para fora, mas negar tudo isso profundamente dentro de si mesmo, então não se tem ilusão alguma. E é necessário estar totalmente livre de qualquer tipo de ilusão — as ilusões que nos são impostas e as ilusões que criamos para nós próprios. Todas as ilusões são as coisas com que jogamos, e se se fala a sério, então elas não têm lugar seja ele qual for, nem a fé entra em nada disto.

«Portanto, tendo posto tudo isso de parte, não no momento mas vendo a falsidade de tudo isso, a mente não fica presa na falsidade que o homem inventou sobre a morte, sobre deus, sobre todos os rituais que o pensamento criou. Deve haver liberdade de opinião e de julgamento, pois só então se pode deliberadamente, realmente, hesitantemente explorar o significado do viver e morrer diários — a existência e o fim da existência. Se se está preparado para isto, ou se se está disposto, ou melhor ainda se se está realmente, profundamente preocupado em descobrir a verdade da matéria (viver e morrer é um problema muito complexo, uma questão que requer um exame muito cuidadoso), por onde deveríamos começar? Com a vida ou com a morte? Com o viver ou com o fim daquilo a que chamamos viver?»

«Tenho mais de cinquenta anos e vivi de forma bastante extravagante, mantendo um interesse em muitas, muitas coisas. Penso que gostaria de começar — estou bastante hesitante, estou bastante duvidoso sobre por onde deveria começar.»

«Penso que deveríamos começar com o início da existência, a existência do homem, com a existência de cada um como ser humano.»

«Nasci numa família razoavelmente abastada, cuidadosamente educado e criado. Estive em vários negócios e tenho dinheiro suficiente; sou um homem solteiro agora. Já fui casado, tive dois filhos, que morreram todos num acidente de viação. E nunca mais casei. Penso que gostaria de começar com a minha infância. Desde o início, como qualquer outra criança no mundo, pobre ou rica, havia uma psique bem desenvolvida, a atividade focada em si mesma. É estranho, à medida que se olha para trás para isso, que comece desde a

infância muito precoce, essa continuidade possessiva de mim como J. Smith.

Ele passou pela escola, a expandir-se, agressivo, arrogante, aborrecido, depois para o colégio e universidade. E como o meu pai tinha um bom negócio, entrei para a Empresa dele. Cheguei ao topo e, aquando da morte da minha esposa e filhos, comecei esta investigação. Como acontece a todos os seres humanos, foi um choque, uma dor — a perda dos três, as memórias associadas a eles. E quando o choque disso passou, comecei a investigar, a ler, a perguntar, a viajar por diferentes partes do mundo, discutindo o assunto com alguns dos chamados líderes espirituais, os gurus. Li imenso, mas nunca fiquei satisfeito. Por isso penso que deveríamos começar, se posso sugerir, com o viver real — a construção diária da minha mente cultivada e circunscrita. E eu sou isso. Como vê, a minha vida tem sido isso. A minha vida não é nada de excepcional. Provavelmente seria considerado classe média alta e, durante algum tempo, foi prazenteiro, entusiasmante e, noutras alturas, enfadonho, cansativo e monótono. Mas a morte da minha esposa e filhos de algum modo tirou-me disso. Não me tornei mórbido, mas quero saber a verdade de tudo isto, se existe tal coisa como a verdade sobre viver e morrer.»

«Como é a psique, o ego, o si mesmo, o Eu, a pessoa, construído? Como é que esta coisa veio à existência, da qual surge o conceito do indivíduo, o "mim", separado de todos os outros? Como é este impulso posto em marcha — este impulso, esta sensação do Eu, do si mesmo? Usaremos a palavra "si mesmo" para incluir a pessoa, o nome, a forma, as características, o ego. Como nasce este si mesmo? O si mesmo vem à existência com certas características transmitidas pelos pais? É o si mesmo meramente uma série de reações? É o si mesmo meramente a continuidade de séculos de tradição? É o si mesmo construído pelas circunstâncias, através de acidentes, acontecimentos? É o si mesmo o resultado da evolução — sendo a evolução o processo gradual do tempo, enfatizando, dando importância ao si mesmo? Ou, como alguns sustentam, especialmente

o mundo religioso, a concha exterior do si mesmo contém realmente dentro de si a alma e o conceito antigo dos hindus, dos budistas?

O si mesmo vem à existência através da sociedade que o homem criou, que dá força à fórmula de que se está separado do resto da humanidade? Tudo isto tem certas verdades em si, certos factos, e tudo isto constitui o si mesmo. E ao si mesmo tem sido dada uma importância tremenda neste mundo. A expressão do si mesmo no mundo democrático é chamada liberdade, e no mundo totalitário essa liberdade é suprimida, negada e punida. Por isso diria que o instinto começa na criança com o impulso de possuir? Isto também existe nos animais, por isso talvez tenhamos derivado dos animais este instinto de possuir. Onde há qualquer tipo de posse deve haver o início do si mesmo. E a partir deste instinto, desta reação, o si mesmo aumenta gradualmente em força, em vitalidade, e torna-se bem estabelecido. A posse de uma casa, a posse de terra, a posse de conhecimento, a posse de certas capacidades — tudo isto é o movimento do si mesmo. E este movimento dá a sensação de separação como o indivíduo.

«Agora pode ir muito mais longe nos detalhes: estará você, o si mesmo, separado do resto da humanidade? Estará você, porque tem um nome separado, um organismo físico separado, certas tendências diferentes das de outro, talvez um talento — será que isso o torna um indivíduo? Esta ideia de que cada um de nós em todo o mundo está separado de outro, será isso uma realidade? Ou será todo o conceito ilusório, tal como dividimos o mundo em comunidades separadas, nações, o que é realmente uma forma glorificada de tribalismo? Esta preocupação consigo mesmo e com a comunidade ser diferente de outras comunidades, outros si mesmos — será isso na realidade real?

Claro que pode dizer que é real porque é americano, e outros são franceses, russos, indianos, chineses e assim por diante. Esta diferença linguística, cultural, religiosa trouxe o caos ao mundo — guerras terríveis, danos incalculáveis. E também, claro, em certos aspetos há uma grande beleza nisso, na expressão de certos talentos, como pintor, como músico, como cientista e assim por diante. Considerar-se-ia um indivíduo separado com um cérebro separado que é seu e de mais

ninguém? É o seu pensamento, e o seu pensamento é supostamente diferente do de outro. Mas será o pensamento individual de todo? Ou haverá apenas pensamento, que é partilhado por toda a humanidade, quer seja a pessoa cientificamente mais talentosa quer a mais ignorante, primitiva?

«Todas estas questões e mais surgem quando estamos a considerar a morte de um ser humano. Portanto você, olhando para tudo isto — as reações, o nome, a forma, a possessividade, o impulso para estar separado de outro, sustentado pela sociedade e pela religião —, ao examinar tudo isto logicamente, sensatamente, razoavelmente, considerar-se-ia um indivíduo? Esta é uma questão importante no contexto do significado da morte.» «Vejo onde quer chegar.

Tenho uma compreensão intuitiva, um conhecimento de que, enquanto pensar que sou um indivíduo, o meu pensamento está separado do pensamento dos outros — a minha ansiedade, a minha dor está separada do resto da humanidade. Tenho uma sensação — por favor corrija-me — de que reduzi uma vasta e complexa vida do resto da humanidade a um assunto muito pequeno e mesquinho. Está a dizer, na verdade, que eu não sou de todo um indivíduo? O meu pensamento não é meu? E o meu cérebro não é meu, separado dos outros? É isto que está a insinuar? É isto que está a sustentar? É esta a sua conclusão?»

«Se se pode apontar, a palavra "conclusão" não se justifica. Concluir significa fechar, terminar — concluir um argumento, concluir uma paz após uma guerra. Não estamos a concluir nada; estamos apenas a apontar, porque temos de nos afastar de conclusões, da finalidade e assim por diante. Tal asserção limita, traz uma estreiteza à nossa investigação. Mas o facto, o facto racional observável, é que o seu pensamento e o pensamento de outro são semelhantes. A expressão do seu pensamento pode variar; pode expressar algo de uma forma se for um artista, e outra pessoa, que não é um artista, pode expressá-lo de outra forma. Julga, avalia, de acordo com a expressão, e a expressão então divide-o num artista e num jogador de futebol. Mas você, como artista, e ele, como jogador de

futebol, pensam. O jogador de futebol e o artista sofrem, estão ansiosos, têm grande dor, desapontamento, apreensão; um acredita em deus e o outro não acredita em deus, um tem fé e o outro não tem fé, mas isto é comum a todos os seres humanos, embora cada um possa pensar que é diferente.

Pode pensar que a minha dor é inteiramente diferente da de outro, que a minha solidão, o meu desespero, são totalmente opostos aos de outro. A nossa tradição é essa, o nosso condicionamento é esse, fomos educados para isso — eu sou um árabe, você é um judeu, e assim por diante. E desta divisão surge não apenas a individualidade, mas a diferença racial comunitária. O indivíduo identificar-se com uma comunidade, com uma nação, com uma raça, com uma religião traz invariavelmente o conflito entre seres humanos. É uma lei natural. Mas nós estamos apenas preocupados com os efeitos, não com as causas da guerra, causas desta divisão.

«Portanto, estamos meramente a apontar, não a assertar, não a concluir, que o senhor é o resto da humanidade, psicologicamente, profundamente. As suas reações são partilhadas por toda a humanidade. O seu cérebro não é seu, evoluiu através de séculos de tempo. Pode estar condicionado como cristão, acreditar em vários dogmas, rituais; outro tem o seu próprio deus, os seus próprios rituais, mas tudo isto é reunido pelo pensamento. Por isso estamos a questionar profundamente se existe de todo um indivíduo. Nós somos a totalidade da humanidade; somos o resto da humanidade. Isto não é uma afirmação romântica, fantástica, e é importante, necessário, quando vamos discutir juntos o significado da morte.»

«O que diz a tudo isto, senhor?»

«Devo dizer que estou bastante perplexo com todas estas questões. Não estou certo da razão pela qual sempre me considere separado de si ou de outra pessoa qualquer. O que diz parece ser verdade, mas devo pensar sobre o assunto, devo ter um pouco de tempo para assimilar tudo o que disse até agora.»

«O tempo é o inimigo da percepção. Se vai pensar sobre o que discutimos até agora, argumentar consigo mesmo, debater o que foi dito, analisar o que discutimos juntos, isso vai levar tempo. E o tempo é um fator novinho em folha na percepção daquilo que é verdadeiro. Seja como for, deixamos isso por agora?»

Ele voltou ao fim de um par de dias e parecia mais quieto e bastante preocupado. Era uma manhã nublada e provavelmente ia chover. Nesta parte do mundo precisam de muito mais chuva porque além das colinas há um vasto deserto. Fica muito frio aqui à noite por causa disso. «Voltei ao fim de um par de dias de pensamento quieto. Tenho uma casa junto ao mar, vivo sozinho. É uma daquelas pequenas casas de praia e tem à sua frente a praia e o azul do Pacífico, e pode caminhar por milhas na praia. Geralmente dou longos passeios ou de manhã ou ao fim da tarde. Depois de o ver no outro dia, dei um passeio ao longo da praia, provavelmente cerca de cinco milhas ou mais, e decidi voltar e vê-lo novamente. Fiquei a princípio muito perturbado. Não conseguia perceber bem o que estava a dizer, o que me estava a apontar. Embora seja uma pessoa bastante cética sobre estes assuntos, permiti que o que estava a dizer ocupasse a minha mente. Não era que estivesse interiormente a aceitar ou a negar, mas intrigou-me, e uso de propósito a palavra "permitir" — permitir que entrasse na minha mente. E após alguma deliberação peguei num carro e conduzi ao longo da costa e depois virei para o interior e vim para aqui. É um vale bonito. Fico contente por o encontrar aqui. Então poderíamos continuar com o que estávamos a falar no outro dia?

«Se compreendo claramente, estava a apontar que a tradição, o pensamento condicionado de longa data, pode provocar uma fixação, um conceito que se aceita prontamente, talvez não com um grande pensamento — aceita-se a ideia de que somos indivíduos separados; e à medida que pensei mais sobre isso — estou a usar a palavra "pensei" no seu sentido ordinário, pensar, racionalizar, questionar, argumentar —, era como se estivesse a ter uma discussão comigo mesmo, um diálogo prolongado, e penso que compreendo realmente o que está envolvido nisso. Vejo o que fizemos com o mundo maravilhoso em

que vivemos. Vejo toda a sequência histórica. E após considerável avanço e recuo de pensamento, compreendo realmente a profundidade e a verdade do que disse. Por isso, se tem tempo, gostaria de ir muito mais longe em tudo isto. Vim realmente para descobrir, como sabe, sobre a morte, mas vejo a importância de começar com a compreensão de si próprio e, através da porta do si mesmo — se se pode usar a palavra —, chegar à questão de o que é a morte.»

«Como estávamos a dizer no outro dia, nós partilhamos, toda a humanidade partilha a luz do sol [*ele não tinha dito isto; que a luz do sol não é sua nem minha. É a energia que dá vida e que todos partilhamos. A beleza de um pôr do sol, se o estiver a observar sensivelmente, é partilhada por todos os seres humanos. Não é o seu pôr do sol a pôr-se no oeste, leste, norte ou sul; é o pôr do sol que é importante. E a nossa consciência, na qual estão incluídas as nossas reações e ações, as nossas ideias e conceitos e padrões, sistemas de crença, ideologias, medos, prazeres, fé, a adoração de algo que projetámos, as nossas dores, os nossos desgostos e sofrimento — tudo isto é partilhado por todos os seres humanos.

Quando sofremos, fizemos disso um assunto pessoal. Excluímos todo o sofrimento da humanidade. Como o prazer; tratamos o prazer como uma coisa privada, nossa, o entusiasmo disso e assim por diante. Esquecemo-nos de que o homem — incluindo a mulher, claro, o que não precisamos de repetir — de que o homem sofreu desde tempos além de toda a medida. E esse sofrimento é o solo no qual todos nos encontramos. É partilhado por todos os seres humanos.

«Portanto, a nossa consciência não é realmente sua ou minha; é a consciência do homem, evoluída, crescida, acumulada através de muitos, muitos séculos. Nessa consciência está a fé, os deuses, todos os rituais que o homem inventou. É realmente uma atividade do pensamento; é o pensamento que fez o conteúdo — comportamento, ação, cultura, aspiração; toda a atividade do homem é a atividade do pensamento. E esta consciência é o si mesmo, é o "mim", o Eu, o ego, a personalidade e assim por diante. Penso que é necessário compreender isto muito profundamente, não meramente de forma

argumentativa, lógica, mas profundamente, como o sangue está em todos nós, é parte de nós, é a essência, o processo natural de todos os seres humanos.

Quando se percebe isto, a nossa responsabilidade torna-se extraordinariamente importante. Somos responsáveis por tudo o que está a acontecer no mundo enquanto o conteúdo da nossa consciência continuar. Enquanto o medo, as nacionalidades, o impulso para o sucesso, sabe toda a azáfama disso — enquanto isso existir, somos parte da humanidade, parte do movimento humano.

«Isto é totalmente importante de compreender. É assim: o si mesmo é reunido pelo pensamento. O pensamento não é, como dissemos, seu ou meu; o pensar não é um pensamento individual. O pensar é partilhado por todos os seres humanos. E quando se viu realmente e profundamente o significado disto, então penso que podemos compreender a natureza do que significa morrer.

«Quando rapaz deve ter seguido um pequeno riacho a borbulhar ao longo de um vale pequeno e estreito, as águas a correrem cada vez mais depressa, e deve ter atirado algo, como um pedaço de pau, para o riacho e seguido esse objeto, encosta abaixo, sobre um pequeno monte, através de uma pequena ravina — deve tê-lo seguido até ele ir pela cascata abaixo e desaparecer. Este desaparecimento é a nossa vida.

«O que significa a morte? O que é a própria palavra, a sensação ameaçadora sobre ela? Parece que nunca a aceitamos.»

OJAI, CALIFÓRNIA

QUARTA-FEIRA, 16 DE MARÇO DE 1983 (CONTINUAÇÃO DO DIÁLOGO DE 15 DE MARÇO DE 1983)

«O HOMEM MATOU o homem em diferentes estados de espírito. Matou-o por razões religiosas, matou-o por razões patrióticas, pela paz, matou-o através da guerra organizada. Esta tem sido a nossa sorte, matarmo-nos uns aos outros sem fim.

«Senhor, considerou este tipo de matança, que dor veio ao homem — a imensa dor da humanidade que prosseguiu ao longo das eras, as lágrimas, a agonia, a brutalidade, o medo de tudo isso? E continua a acontecer. O mundo está doente. Os políticos, quer de esquerda, direita, centro ou totalitários, não vão trazer a paz. Cada um de nós é responsável e, sendo responsável, devemos ver que o massacre chegue ao fim para que vivamos nesta terra, que é nossa, em beleza e paz. É uma tragédia imensa que não enfrentamos nem queremos resolver. Deixamos tudo para os especialistas; e o perigo dos especialistas é tão perigoso quanto um precipício profundo ou uma cobra venenosa.

«Portanto, deixando tudo isso de parte, qual é o significado da morte? O que significa a morte para si, senhor?»

«Para mim significa que tudo o que fui, tudo o que sou, chega subitamente ao fim através de alguma doença, acidente ou velhice. Claro que li e falei com asiáticos, com indianos, para quem há uma crença na reencarnação. Não sei se isto é verdade ou não, mas tanto quanto consigo compreender, a morte significa o fim de uma coisa viva; a morte de uma árvore, a morte de um peixe, a morte de uma aranha, a morte da minha esposa e filhos, um corte súbito, um fim súbito daquilo que esteve vivo com todas as suas memórias, ideias, dor, ansiedade, alegrias, prazeres, ver o pôr do sol juntos — tudo isso chegou ao fim. E a recordação de tudo isso não só traz lágrimas, mas também a percepção da própria inadequação, da própria solidão. E a ideia de separação da própria esposa e filhos, das coisas pelas quais se trabalhou, estimou, recordou, a que se apegou, os apegos e a dor do apego — tudo isso e mais cessa subitamente. Penso que geralmente queremos dizer isso; a morte significa isso. É para mim o fim.

«Há uma fotografia da minha esposa e dos filhos sobre o piano na minha casa de praia. Costumávamos tocar piano juntos. Há a recordação deles na fotografia sobre o piano, mas a realidade concreta partiu. A recordação é dolorosa, ou a recordação pode dar prazer a alguém, mas o prazer é bastante ténue porque a dor é proeminente. Tudo isso para mim significa a morte.

«Tínhamos um gato persa muito bonito, uma coisa muito linda. E uma manhã tinha partido. Estava no alpendre da frente. Deve ter comido algo — ali estava ele, sem vida, sem sentido; nunca mais voltará a ronronar. Isso é a morte. O fim de uma vida longa, ou o fim de um bebê recém-nascido. Tinha uma pequena planta nova uma vez que prometia crescer e tornar-se uma árvore saudável. Mas alguma pessoa desatenta e inconsiderada passou, pisou-a, e ela nunca será uma grande árvore. Isso é também uma forma de morte. O fim de um dia, um dia que foi pobre ou rico e bonito, também pode ser chamado morte. O início e o fim.»

«Senhor, o que é viver? Desde o momento em que se nasce até se morrer, o que é viver? É muito importante compreender a forma como vivemos — por que razão vivemos desta forma após tantos séculos. Depende de si, não é verdade, senhor, se é uma luta constante? Conflito, dor, alegria, prazer, ansiedade, solidão, depressão e trabalhar, trabalhar, trabalhar, mourejar para os outros ou para si próprio; ser focado em si mesmo e talvez ocasionalmente generoso, invejoso, zangado, tentar reprimir a zanga, deixar essa zanga ficar desenfreada, e assim por diante. Isto é o que chamamos viver — lágrimas, riso, dor e a adoração de algo que inventámos; viver com mentiras, ilusões e ódio, o cansaço de tudo isso, o tédio, as inanidades: esta é a nossa vida. Não apenas a sua, mas a vida de todos os seres humanos nesta terra, esperando escapar de tudo isso. Este processo de adoração, agonia, medo prosseguiu desde os tempos antigos até agora — mourejo, contenda, dor, incerteza, confusão, e alegria e riso. Tudo isto é parte da nossa existência.

«O fim de tudo isto é chamado morte. A morte põe fim a todos os nossos apegos, quer sejam superficiais quer sejam profundos. O apego do monge, do *sannyasi*, o apego da dona de casa, o apego à família de cada um, todas as formas de apego têm de terminar com a morte.

«Há vários problemas envolvidos nisto: um, a questão da imortalidade. Existirá tal coisa como a imortalidade? Isto é, aquilo que não é mortal, pois mortal implica aquilo que conhece a morte. O imortal é aquilo que está além do tempo e é totalmente inconsciente

deste fim. Será o si mesmo, o "mim", imortal? Ou conhecerá ele a morte? O si mesmo nunca pode tornar-se imortal. O "mim", o Eu, com todas as suas qualidades é reunido através do tempo, que é o pensamento; esse si mesmo nunca pode ser imortal. Pode inventar-se uma ideia de imortalidade, uma imagem, um deus, uma figura e agarrarmo-nos a isso e retirar daí conforto, mas isso não é imortalidade.

«Em segundo lugar (isto é um pouco mais complexo): será possível viver com a morte? Não mórbida mente, não em qualquer forma de autodestruição. Por que razão dividimos a morte do viver? A morte é parte da nossa vida, é parte da nossa existência — o morrer e o viver, e o viver e morrer. Eles são inseparáveis. A inveja, a zanga, a dor, a solidão e o prazer que se tem, a que chamamos viver, e esta coisa chamada morte — por que separá-los? Por que mantê-los a milhas de distância? Sim, a milhas de tempo de distância. Aceitamos a morte de um homem velho. É natural. Mas quando uma pessoa jovem morre através de algum acidente ou doença, revoltamo-nos contra isso. Dizemos que é injusto, que não deveria ser. Portanto, estamos sempre a separar a vida e a morte. Este é um problema que deveríamos questionar, compreender — ou não tratar como um problema, mas olhar para ele, ver as implicações interiores dele, não de forma enganadora.

«Outra questão é a matéria do tempo — o tempo envolvido em viver, aprender, acumular, agir, fazer, e o fim de mim como o conhecemos; o tempo que separa o viver do terminar. Onde há separação, divisão, de aqui para ali, do "o que é" para "o que deveria ser", o tempo está envolvido. Sustentar esta divisão entre aquilo a que se chama morte e aquilo a que se chama vida é, para mim, um fator principal.

«Quando há esta divisão, esta separação, há medo. Depois há o esforço de superar esse medo e a busca de conforto, satisfação, de um sentido de continuidade. (Estamos a falar do mundo psicológico, não do mundo físico ou do mundo técnico.) É o tempo que reuniu o si mesmo e é o pensamento que sustenta o ego, o si mesmo. Se ao menos

se pudesse realmente agarrar o significado do tempo e da divisão, a separação, psicologicamente, do homem contra o homem, da raça contra a raça, de um tipo de cultura contra outro.

Essa separação, essa divisão, é provocada pelo pensamento e pelo tempo, como o viver e o morrer. E viver uma vida com a morte significa uma mudança profunda em toda a nossa perspectiva sobre a existência. Terminar com o apego sem tempo e sem motivo, isso é morrer enquanto se vive.

«O amor não tem tempo. Não é o meu amor oposto ao seu amor. O amor nunca é pessoal; pode amar-se outra pessoa, mas quando esse amor é limitado, estreitado a uma só pessoa, então cessa de ser amor. Onde há realmente amor não há divisão de tempo, pensamento e todas as complexidades da vida, toda a miséria e confusão, as incertezas, ciúmes, ansiedades envolvidas. Tem de se dar uma grande dose de atenção ao tempo e ao pensamento. Não que se deva viver apenas no presente, o que seria totalmente desprovido de sentido. O tempo é o passado, modificado e a continuar como o futuro. É um contínuo e o pensamento agarra-se, prende-se a isto. Prende-se a algo que ele próprio criou, reuniu.

«Outra questão é: enquanto os seres humanos representarem a humanidade inteira — você é a humanidade inteira, não a representando, tal como você é o mundo e o mundo é você —, o que acontece quando você morre? Quando você ou outro morre, você e o outro são a manifestação dessa vasta corrente de ação e reação humana, a corrente de consciência, de comportamento e assim por diante: você é dessa corrente. Essa corrente condicionou a mente humana, o cérebro humano, e enquanto permanecermos condicionados pela ganância, inveja, medo, prazer, alegria e todo o resto disso, somos parte desta corrente. O seu organismo pode terminar, mas você é dessa corrente, tal como é, enquanto vive, essa própria corrente. Essa corrente, mudando, lenta por vezes, rápida noutras, profunda e rasa, estreitada por ambos os lados da margem e rompendo através da estreiteza para um vasto volume de água — enquanto for dessa corrente não há liberdade. Não há liberdade do

tempo, da confusão e da miséria de todas as memórias acumuladas e apegos. É apenas quando há o fim dessa corrente, o fim, não você a sair dela e a tornar-se noutra coisa qualquer, mas o fim dela, apenas aí há uma dimensão completamente diferente. Essa dimensão não pode ser medida por palavras. O fim sem um motivo é todo o significado de morrer e viver. As raízes do céu estão no viver e no morrer.»

OJAI, CALIFÓRNIA

QUINTA-FEIRA, 17 DE MARÇO DE 1983

AS NUVENS estavam muito baixas esta manhã. Choveu a noite passada, não em demasia, mas deixou a terra regada, rica, nutrida. Considerando, numa manhã como esta com as colinas a flutuar entre as nuvens e com estes céus, a enorme energia que o homem despendeu nesta terra, o vasto progresso tecnológico nos últimos cinquenta anos, todos os rios mais ou menos poluídos e o desperdício de energia neste entretenimento eterno, tudo parece tão estranho e tão doente.

Na varanda, esta manhã, o tempo não está muito próximo do homem, o tempo como movimento, o tempo como ir de aqui para ali, tempo para aprender, tempo para agir, tempo como meio de mudar disto para aquilo nas coisas ordinárias da vida. Pode compreender-se que o tempo seja necessário para aprender uma língua, para aprender uma perícia, para construir um avião, para montar um computador, para viajar à volta do mundo; o tempo da juventude, o tempo da velhice, o tempo como o pôr do sol e como o sol a nascer lentamente sobre as colinas, as sombras longas e o crescimento de uma árvore a amadurecer lentamente, tempo para se tornar um bom jardineiro, um bom carpinteiro e assim por diante. No mundo físico, na ação física, o tempo para aprender torna-se necessário e útil.

Será que transportamos, estendemos o mesmo uso do tempo para o mundo psicológico? Estender esta forma de pensar, agir, aprender para o mundo dentro da pele, para a área da psique, como esperança, como tornar-se algo, como o aperfeiçoamento pessoal? Soa bastante absurdo — a mudança disto para aquilo, do "o que é" para "o que

deveria ser". O tempo é necessário, pensa-se, para mudar toda a qualidade complexa da violência naquilo que não é violento.

Sentado quietamente sozinho, com vista para o vale, amplo e longo, quase podia contar as fileiras de laranjeiras, os pomares lindamente mantidos. Ver a beleza da terra, do vale, não envolve tempo, mas a tradução dessa percepção para uma tela ou para um poema precisa de tempo. Talvez usemos o tempo como um meio de escapar do "o que é", do que somos, do que o futuro será para nós próprios e para o resto da humanidade.

O tempo no domínio psicológico é o inimigo do homem. Queremos que a psique evolua, cresça, se expanda, se realize, se transforme em algo mais do que aquilo que é. Nunca questionamos a validade de tal desejo, de tal conceito; aceitamos facilmente, talvez com agrado, que a psique pode evoluir, florescer, e que um dia haverá paz e felicidade. Mas na realidade não há evolução psicológica.

Há um beija-flor a ir de flor em flor, brilho nesta luz quieta, com tal vitalidade naquela pequena coisa. A rapidez das asas, tão fantasticamente ritmada, constante; parece que se pode mover para a frente e para trás. É uma coisa maravilhosa observá-lo, sentir a delicadeza, a cor brilhante e maravilhar-se com a sua beleza, tão pequeno, tão rápido e tão rapidamente ido. E há um mímico sobre o fio do telefone. Outro pássaro está sentado no topo daquela árvore com vista para o mundo inteiro. Esteve ali durante mais de meia hora, sem nunca se mover, mas a observar, a mover a sua cabeça pequena para ver que não há perigo. E ele também já se foi agora. As nuvens estão a começar a afastar-se das colinas, e quão verdes estão as colinas.

Como estávamos a dizer, não há evolução psicológica. A psique nunca pode tornar-se ou crescer para algo que não é. A vaidade e a arrogância não podem crescer para uma vaidade melhor e maior, nem o egoísmo, que é a sorte comum de todos os seres humanos, se pode tornar cada vez mais egoísta, cada vez mais da sua própria natureza. É bastante assustador perceber que a própria palavra "esperança" contém

o mundo inteiro do futuro. Este movimento do "o que é" para "o que deveria ser" é uma ilusão, é realmente, se se pode usar a palavra, uma mentira. Aceitamos o que o homem repetiu ao longo das eras como um facto consumado, mas quando começamos a questionar, a duvidar, podemos ver muito claramente, se quisermos ver e não nos escondermos atrás de alguma imagem ou de alguma estrutura verbal fantasiosa, a natureza e a estrutura da psique, do ego, do "mim". O "mim" nunca pode tornar-se um mim melhor. Tentará, pensa que pode, mas o "mim" permanece em formas subtis. O si mesmo esconde-se em muitas vestes, em muitas estruturas; varia de tempos a tempos, mas há sempre este si mesmo, esta atividade separativa, focada em si mesma, que imagina que um dia se tornará em algo que não é.

Portanto, vê-se que não há um tornar-se do si mesmo, há apenas o fim do egoísmo, da ansiedade, da dor e do desgosto que são o conteúdo da psique, do "mim". Há apenas o fim disso, e esse fim não requer tempo. Não é que tudo vá terminar depois de amanhã. Apenas terminará quando houver a percepção do seu movimento. Percecionar não apenas objetivamente, sem qualquer preconceito, viés, mas percecionar sem todas as acumulações do passado; testemunhar tudo isto sem o observador — o observador é do tempo e, por mais que queira provocar uma mutação em si mesmo, será sempre o observador; recordações, por mais prazenteiras que sejam, não têm realidade, são coisas do passado idas, terminadas, mortas: apenas ao observar sem o observador, que é o passado, se vê a natureza do tempo e o fim do tempo.

O beija-flor voltou novamente. Um raio de luz do sol através das nuvens abertas apanhou-o, fazendo faiscar as suas cores e o bico longo e fino e a rapidez daquelas asas. A pura observação daquele pequeno pássaro, sem qualquer reação, apenas a observá-lo, é observar o mundo inteiro de beleza.

«Ouvi-o no outro dia dizer que o tempo é o inimigo do homem. Explicou algo brevemente sobre isso. Parece uma afirmação tão ultrajante. E fez outras afirmações semelhantes. Algumas delas achei

que eram verdadeiras, naturais, mas a mente de alguém nunca vê facilmente aquilo que é real, a verdade, o facto. Estava a perguntar a mim mesmo, e perguntei a outros também, por que razão as nossas mentes se tornaram tão embotadas, tão lentas, por que não podemos ver instantaneamente se algo é falso ou verdadeiro? Por que precisamos de explicações que parecem tão óbvias quando as explica? Por que não vejo eu, e qualquer um de nós, a verdade deste facto? O que aconteceu às nossas mentes? Gostaria, se me permite, de ter um diálogo sobre isto consigo, para descobrir por que razão a minha mente não é subtil, rápida. E poderá esta mente, que foi treinada e educada, tornar-se alguma vez realmente, profundamente subtil, rápida, vendo algo instantaneamente, a qualidade e a verdade ou a falsidade disso?»

«Senhor, começemos a investigar por que nos tornámos assim. Seguramente não tem nada a ver com a velhice. Será a forma da nossa vida — o beber, o fumar, as drogas, a agitação, o cansaço, a ocupação eterna? Exteriormente e interiormente estamos ocupados com algo. Será a própria natureza do conhecimento? Fomos treinados para adquirir conhecimento — através do colégio, da universidade, ou ao fazer algo com perícia. Será o conhecimento um dos fatores desta falta de subtilidade? Os nossos cérebros estão cheios de tantos factos, recolheram tanta informação, da televisão e de cada jornal e revista, e estão a registar o máximo que podem; estão a absorver, a reter. Portanto, será o conhecimento um dos fatores que destrói a subtilidade? Mas não pode ver-se livre do seu conhecimento ou pô-lo de parte; tem de ter conhecimento. Senhor, tem de ter conhecimento para conduzir um carro, para escrever uma carta, para realizar várias transações; até tem de ter algum tipo de conhecimento sobre como segurar uma pá. Claro que sim. Temos de ter conhecimento no mundo da atividade diária.

«Mas estamos a falar do conhecimento acumulado no mundo psicológico, o conhecimento que recolheu sobre a sua esposa, se tem uma esposa; esse próprio conhecimento de ter vivido com a sua esposa durante dez dias ou cinquenta anos embotou o seu cérebro, não

embotou? As memórias, as imagens estão todas armazenadas ali. Estamos a falar deste tipo de conhecimento interior. O conhecimento tem as suas próprias subtilezas superficiais: quando ceder, quando resistir, quando recolher e quando não recolher, mas estamos a perguntar: esse próprio conhecimento não torna a sua mente, o seu cérebro, mecânico, repetitivo pelo hábito? A enciclopédia tem todo o conhecimento de todas as pessoas que escreveram nela. Por que não deixar esse conhecimento na prateleira e usá-lo quando necessário? Não o carregue no seu cérebro.

«Estamos a perguntar: será que esse conhecimento impede a compreensão instantânea, a percepção instantânea, que provoca a mutação, a subtileza que não está nas palavras? Será que somos condicionados pelos jornais, pela sociedade em que vivemos — a qual, já agora, nós criámos, pois cada ser humano desde as gerações passadas até ao presente criou esta sociedade, quer nesta parte do mundo quer em qualquer outra parte? Será o condicionamento pelas religiões que moldou o nosso pensamento? Quando se tem crenças fortes em alguma figura, em alguma imagem, essa própria força impede a subtileza, a rapidez.

«Estaremos tão constantemente ocupados que não há espaço na nossa mente e no nosso coração — espaço tanto exteriormente como interiormente? Precisamos de um pouco de espaço, mas não se pode ter espaço fisicamente se se está numa cidade superpovoada, ou superpovoado na sua família, superpovoado por todas as impressões que recebeu, todas as pressões. E psicologicamente tem de haver espaço — não o espaço que o pensamento possa imaginar, não o espaço do isolamento, não o espaço que divide os seres humanos, politicamente, religiosamente, racialmente, não o espaço entre continentes, mas um espaço interior que não tem centro. Onde há um centro há uma periferia, há uma circunferência. Não estamos a falar de tal espaço.

«E será outra razão pela qual não somos subtis, rápidos, o facto de nos termos tornado especialistas? Podemos ser rápidos na nossa própria especialização, mas pergunto-me, se se é treinado,

especializado, se há qualquer compreensão da natureza da dor, do desgosto, da solidão e assim por diante. Claro que não se pode ser treinado para ter uma mente boa e límpida; a palavra "treinado" significa ser condicionado. E como pode uma mente condicionada ser alguma vez límpida? Portanto, todos estes podem ser os fatores, senhor, que nos impedem de ter uma mente boa, subtil e límpida.»

«Obrigado, senhor, por me receber. Talvez, e espero que sim, algo do que disse — não que tenha compreendido completamente —, mas que algumas das coisas que disse possam deitar semente em mim e que eu permita a essa semente crescer, florescer sem interferir com ela. Talvez então eu possa ver algo muito rapidamente, compreender algo sem tremendas explicações, análise verbal e assim por diante. Adeus, senhor.»

OJAI, CALIFÓRNIA

SEXTA-FEIRA, 18 DE MARÇO DE 1983

NO COMEDOURO de pássaros havia uma dúzia ou mais de pássaros a chilrear, a picar os grãos, a lutar, a combater uns com os outros, e quando outro pássaro grande vinha, todos esvoaçavam para longe. Quando o pássaro grande saía novamente, todos voltavam, a tagarelar, a disputar, a chilrear, a fazer bastante ruído. Momentos depois passou um gato e houve um alvoroço, um ruído estridente e um grande alvoroço.

O gato foi espantado — era um daqueles gatos bravos, não um gato doméstico; há uma grande quantidade desses bravos por aqui de diferentes tamanhos, formas e cores. No comedouro, durante o dia todo, havia pássaros, pequeninos e grandes, e depois veio um gaio-azul a ralar com toda a gente, com o universo inteiro, e espantou os outros pássaros — ou melhor, eles saíram quando ele veio. Estavam muito atentos aos gatos. E à medida que a tarde se aproximava do fim, todos os pássaros foram embora e houve silêncio, quieto, pacífico. Os gatos vinham e iam, mas não havia pássaros.

Nessa manhã as nuvens estavam cheias de luz e havia a promessa no ar de mais chuva. Durante as últimas semanas tinha estado a

chover. Há um lago artificial e as águas estavam mesmo até ao topo. Todas as folhas verdes e os arbustos e as árvores altas estavam à espera do sol, que não tinha surgido brilhante como o sol californiano é; não tinha mostrado a sua face há já muitos dias.

Pergunta-se qual é o futuro da humanidade, o futuro de todas aquelas crianças que se vê a gritar, a brincar — faces tão felizes, suaves, bonitas —, qual é o seu futuro? O futuro é aquilo que somos agora. Isto tem sido assim historicamente durante muitos milhares de anos — o viver e o morrer, e todo o mourejo das nossas vidas. Parece que não prestamos muita atenção ao futuro. Vê-se na televisão entretenimento sem fim desde a manhã até à noite tardia, exceto num ou dois canais, mas são muito breves e não demasiado sérios. As crianças são entretidas. Os anúncios sustentam todos a sensação de que se está a ser entretido. E isto está a acontecer praticamente em todo o mundo.

Qual será o futuro destas crianças? Há o entretenimento do desporto — trinta, quarenta mil pessoas a ver algumas pessoas na arena e a gritar até ficarem roucas. E também se vai ver alguma cerimónia a ser realizada numa grande catedral, algum ritual, e isso também é uma forma de entretenimento, apenas se chama a isso sagrado, religioso, mas continua a ser um entretenimento — uma experiência sentimental, romântica, uma sensação de religiosidade. Observando tudo isto em diferentes partes do mundo, observando a mente a estar ocupada com diversão, entretenimento, desporto, deve-se inevitavelmente perguntar, se se está de alguma forma preocupado: qual é o futuro? Mais do mesmo em diferentes formas? Uma variedade de diversões?

Portanto, tem de considerar, se está minimamente consciente do que lhe está a acontecer, como os mundos do entretenimento e do desporto estão a capturar a sua mente, a moldar a sua vida. Para onde está tudo isto a levar? Ou talvez não esteja minimamente preocupado? Provavelmente não se importa com o amanhã. Provavelmente não pensou sobre o assunto ou, se pensou, pode dizer que é demasiado complexo, demasiado assustador, demasiado perigoso pensar nos anos

vindouros — não na sua velhice em particular, mas no destino, se podemos usar essa palavra, no resultado da nossa forma atual de vida, preenchida com todo o tipo de sentimentos e buscas românticas, emocionais, sentimentais, e todo o mundo do entretenimento a incidir sobre a sua mente. Se está minimamente consciente de tudo isto, qual é o futuro da humanidade?

Como dissemos anteriormente, o futuro é o que você é agora. Se não houver mudança — não adaptações superficiais, ajustes superficiais a qualquer padrão, político, religioso ou social, mas a mudança que é muito mais profunda, exigindo a sua atenção, o seu cuidado, a sua afeição —, se não houver uma mudança fundamental, então o futuro é o que estamos a fazer todos os dias da nossa vida no presente. Mudança é uma palavra bastante difícil. Mudança para quê? Mudança para outro padrão? Para outro conceito? Para outro sistema político ou religioso? Mudança disto para aquilo? Isso continua dentro do domínio, ou dentro do campo do "o que é". A mudança para isso é projetada pelo pensamento, formulada pelo pensamento, materialisticamente determinada.

Portanto, deve-se investigar cuidadosamente esta palavra mudança. Haverá uma mudança se houver um motivo? Haverá uma mudança se houver uma direção em particular, um fim em particular, uma conclusão que pareça sensata, racional? Ou talvez uma frase melhor seja "o fim do que é". O fim, não o movimento do "o que é" para "o que deveria ser". Isso não é mudança. Mas o fim, a cessação, o — qual é a palavra certa? —, penso que fim é uma boa palavra, por isso fiquemos por essa. O fim. Mas se o fim tem um motivo, um propósito, é uma questão de decisão, então é meramente uma mudança disto para aquilo. A palavra decisão implica a ação da vontade. "Eu farei isto"; "Eu não farei aquilo". Quando o desejo entra no ato do fim, esse desejo torna-se a causa do fim. Onde há uma causa há um motivo e, portanto, não há um fim real de todo.

O século vinte teve uma enorme quantidade de mudanças produzidas por duas guerras devastadoras, e pelo materialismo dialético, e pelo ceticismo quanto às crenças, atividades e rituais

religiosos e assim por diante, à parte o mundo tecnológico que provocou uma grande quantidade de mudanças, e haverá mais mudanças quando o computador estiver totalmente desenvolvido — estamos apenas no início disso. Depois, quando o computador tomar conta, o que vai acontecer às nossas mentes humanas? Essa é uma questão diferente em que deveríamos entrar noutra altura.

Quando a indústria do entretenimento tomar conta, como está gradualmente a fazer agora, quando os jovens, os estudantes, as crianças forem constantemente instigados ao prazer, à fantasia, à sensualidade romântica, as palavras contenção e austeridade são empurradas para longe, nem sequer lhes é dado um pensamento. A austeridade dos monges, dos *sannyasis*, que negam o mundo, que cobrem os seus corpos com algum tipo de uniforme ou apenas um pano — esta negação do mundo material não é seguramente austeridade.

Provavelmente nem sequer vai escutar isto, o que as implicações da austeridade são. Quando foi criado desde a infância para se divertir e escapar de si próprio através do entretenimento, religioso ou outro, e quando a maioria dos psicólogos diz que tem de expressar tudo o que sente e que qualquer forma de contenção é prejudicial, levando a várias formas de neurose, você entra naturalmente cada vez mais no mundo do desporto, da diversão, do entretenimento, tudo a ajudá-lo a escapar de si próprio, do que é.

A compreensão da natureza do que é, sem quaisquer distorções, sem qualquer viés, sem quaisquer reações ao que descobre que é, é o início da austeridade. A observação, a consciência de cada pensamento, de cada sentimento, não para o conter, não para o controlar, mas para o observar, como observar um pássaro em voo, sem nenhum dos seus próprios preconceitos e distorções — essa observação provoca uma sensação extraordinária de austeridade que vai além de toda a contenção, de todo o andar a brincar consigo próprio e de toda esta ideia de aperfeiçoamento pessoal, de realização pessoal. Isso é tudo bastante infantil. Nesta observação há uma grande liberdade e nessa liberdade há o sentido da dignidade da austeridade.

Mas se dissesse tudo isto a um grupo moderno de estudantes ou crianças, eles provavelmente olhariam pela janela de aborrecimento porque este mundo está obstinado na sua própria busca de prazer.

Um esquilo grande de cor alaranjada desceu da árvore e foi até ao comedouro, picou alguns grãos, sentou-se ali em cima dele, olhou em redor com os seus olhos grandes e redondos, com a cauda levantada, curvada, uma coisa maravilhosa. Sentou-se ali durante um momento ou algo do género, desceu, foi ao longo de algumas rochas e depois correu para a árvore e subiu, e desapareceu.

Parece que o homem sempre escapou de si próprio, do que é, para onde vai, sobre o que é tudo isto — o universo, a nossa vida diária, o morrer e o começar. É estranho que nunca percebamos que, por mais que possamos escapar de nós próprios, por mais que possamos vagar para longe consciente, deliberada ou inconscientemente, subtilmente, o conflito, o prazer, a dor, o medo e assim por diante estão sempre ali. Eles acabam por dominar.

Pode tentar reprimi-los, pode tentar pô-los de parte deliberadamente com um ato de vontade, mas eles voltam à superfície. E o prazer é um dos fatores que predominam; ele também tem os mesmos conflitos, a mesma dor, o mesmo tédio. O cansaço do prazer e o desgosto são parte desta agitação da nossa vida. Não pode escapar a isso, meu amigo. Não pode escapar desta agitação profunda e insondável a menos que pense realmente sobre o assunto, não apenas pense, mas veja por uma atenção cuidadosa, uma observação diligente, todo o movimento do pensamento e do si mesmo. Pode dizer que tudo isto é demasiado cansativo, talvez desnecessário.

Mas se não prestar atenção a isto, não der ouvidos, o futuro não só vai ser mais destrutivo, mais intolerável, mas sem grande significado. Tudo isto não é um ponto de vista desalentador, deprimente, é na realidade assim. O que é agora é o que será nos dias vindouros. Não pode evitá-lo. É tão definitivo quanto o sol a nascer e a pôr-se. Esta é a sorte de todo o homem, de toda a humanidade, a

menos que todos mudemos, cada um de nós, mudemos para algo que não seja projetado pelo pensamento.

OJAI, CALIFÓRNIA

SEXTA-FEIRA, 25 DE MARÇO DE 1983

É O SEGUNDO dia de uma manhã de primavera. É lindo. É extraordinariamente bonito aqui. Choveu a noite passada intensamente e tudo está novamente lavado e limpo e todas as folhas estão resplandecentes e brilhantes à luz do sol. Há um aroma no ar de muitas flores e o céu está azul, salpicado de nuvens passageiras. A beleza de uma manhã assim é intemporal. Não é esta manhã: é a manhã do mundo inteiro. É a manhã de mil ontens. É a manhã que se espera que continue, que dure sem fim. É uma manhã que está cheia de luz do sol suave, cintilante, límpida, e o ar é tão puro aqui, bastante alto no vale. As laranjeiras e as laranjas de um amarelo brilhante foram lavadas e limpas e estão a brilhar como se fosse a primeira manhã do seu nascimento. A terra está pesada com a chuva e há neve nas montanhas altas. É realmente uma manhã intemporal.

Através do vale, as montanhas distantes que cercam este vale estão ansiosas pelo sol, pois foi uma noite fria, e todas as rochas e os seixos e o pequeno riacho parecem estar conscientes e cheios de vida.

Senta-se quietamente longe de tudo e olha para o céu azul, sente a terra inteira, a pureza e a graciosidade de tudo o que vive e se move nesta terra — exceto o homem, claro. O homem é o que é agora após muitos milhares de séculos de tempo. E continuará talvez da mesma maneira; o que ele é agora é o que será amanhã e em mil amanhã. O tempo, a evolução, trouxe-o ao que ele é agora. O futuro é o que ele é a menos que, claro, haja uma mutação profunda e duradoura de toda a sua psique.

O tempo tornou-se extraordinariamente importante para o homem, para todos nós — tempo para aprender, tempo para ter uma perícia, tempo para nos tornarmos e tempo para morrer, tempo tanto exteriormente no mundo físico como tempo no mundo psicológico. É

necessário ter tempo para aprender uma língua, para aprender a conduzir, para aprender a falar, para adquirir conhecimento.

Se não tivesse tempo, não poderia juntar as coisas para construir uma casa; tem de ter tempo para colocar tijolo sobre tijolo. Tem de ter tempo para ir de aqui até onde quer ir. O tempo é um fator extraordinário na nossa vida — para adquirir, para dispensar, para ser curado, para escrever uma simples carta. E parece-nos que precisamos de tempo psicológico, o tempo do que foi, modificado agora e a continuar no futuro. O tempo é o passado, o presente e o futuro. O homem interiormente deposita a sua esperança no tempo; a esperança é tempo, o futuro, os amanhãs sem fim, tempo para se tornar interiormente — a pessoa é "isto", tornar-se-á "aquilo". O tornar-se, tal como no mundo físico, do pequeno operador ao grande operador, do zé-ninguém ao mais alto numa qualquer profissão — tornar-se.

Pensamos que precisamos de tempo para mudar de "isto" para "aquilo". As próprias palavras "mudança" e "esperança" implicam intrinsecamente tempo. Pode compreender-se que o tempo seja necessário para viajar, para alcançar um porto, para atingir terra após um longo voo para o lugar desejado. O lugar desejado é o futuro. Isso é bastante óbvio e o tempo é necessário nesse domínio de alcançar, ganhar, tornar-se proficiente numa qualquer profissão, numa carreira que exige treino. Aí, o tempo parece não só necessário, mas tem de existir.

E no mundo da psique este mesmo movimento, este tornar-se, é estendido. Mas haverá de todo um tornar-se psicológico? Nós nunca questionamos isso. Aceitámo-lo como natural. As religiões, os livros evolucionistas informaram-nos de que precisamos de tempo para mudar do "o que é" para "o que deveria ser". A distância percorrida é tempo. E aceitamos que há um certo prazer e dor em tornar-nos não violentos quando se é violento, que alcançar o ideal exige uma quantidade enorme de tempo. E seguimos este padrão todos os dias da nossa vida, cegamente, sem nunca questionar. Não duvidamos. Seguimos o velho padrão tradicional. E talvez seja essa uma das misérias do homem — a esperança de realização, e a dor de essa

realização, essa esperança, não ser alcançada, não ser obtida facilmente. Haverá realmente tempo no mundo psicológico — isto é, para mudar aquilo que é para algo totalmente diferente? Por que razão existem de todo ideais, ideologias, quer políticas quer religiosas? Não será um dos conceitos divisivos do homem que provocou o conflito?

Afinal de contas, as ideologias, de esquerda, direita ou centro, são reunidas pelo estudo, pela atividade do pensamento, pesando, julgando e chegando a uma conclusão, fechando assim a porta a toda a investigação mais completa. As ideologias existiram talvez desde que o homem se lembra. São como a crença ou a fé que separam o homem do homem. E esta separação ocorre através do tempo. O "mim", o Eu, o ego, a pessoa, da família para o grupo, para a tribo, para a nação. Pergunta-se se as divisões tribais poderão alguma vez ser superadas.

O homem tentou unificar nações, que são realmente tribalismo glorificado. Não se podem unificar nações. Elas permanecerão sempre separadas. A evolução tem grupos separados. Mantemos guerras, religiosas e outras. E o tempo não mudará isto. Conhecimento, experiência, conclusões definitivas nunca provocarão essa compreensão global, relação global, uma mente global.

Portanto, a questão é: haverá a possibilidade de provocar uma mudança no "o que é", a realidade, desconsiderando totalmente o movimento do tempo? Haverá a possibilidade de mudar a violência — não tornando-nos não violentos, isso é meramente o oposto do "o que é"? O oposto do "o que é" é meramente outro movimento do pensamento. A nossa questão é: poderá a inveja, com todas as suas implicações, ser mudada sem que o tempo esteja de todo envolvido, sabendo que a própria palavra mudança implica tempo — nem sequer transformada, pois a própria palavra transformar significa mover de uma forma para outra forma —, mas terminar radicalmente com a inveja sem tempo?

Tempo é pensamento. Tempo é o passado. Tempo é motivo. Sem motivo algum, poderá haver — e usaremos a palavra — mudança? A própria palavra motivo não implica já uma direção, uma conclusão? E

quando há um motivo não há na realidade mudança alguma. O desejo é, novamente, uma coisa bastante complexa, complexa na sua estrutura. O desejo de provocar uma mudança, ou a vontade de mudar, torna-se o motivo e, portanto, esse motivo distorce aquilo que tem de ser mudado, aquilo que tem de terminar. O fim não tem tempo.

Nuvens estão lentamente a ajuntar-se ao redor da montanha, nuvens estão a mover-se para cobrir o sol e provavelmente vai chover novamente, como ontem. Pois aqui nesta parte do mundo é a época da chuva. Nunca chove no verão; quando está quente e seco, este vale é um deserto. Além das colinas o deserto jaz lá fora, aberto, sem fim e desolado. E noutras alturas é muito bonito, tão vasto no seu espaço. A própria vastidão dele faz dele um deserto. Quando a primavera desaparece fica cada vez mais quente e as árvores parecem murchar e as flores foram-se e o calor seco torna todas as coisas límpidas novamente.

«Por que razão diz o senhor que o tempo é desnecessário para a mudança?»

«Descubramos juntos qual é a verdade da matéria, não aceitando o que se disse, ou discordando, mas tendo juntos um diálogo para explorar esta matéria. É-se treinado para acreditar e é a tradição que o tempo é necessário para a mudança. Isso está correto, não está? O tempo é usado para tornar-se a partir do que se é para algo maior, para algo mais. Não estamos a falar do tempo físico, o tempo necessário para ganhar uma perícia física, mas antes estamos a considerar se a psique se pode tornar mais do que aquilo que é, melhor do que aquilo que é, alcançar um estado mais elevado de consciência. Esse é todo o movimento de medição, comparação. Juntos estamos a perguntar, não estamos, o que implica a mudança?

Vivemos em desordem, confusos, incertos, reagindo contra isto e a favor daquilo. Estamos a procurar recompensa e a evitar a punição. Queremos estar seguros, contudo tudo o que fazemos parece provocar insegurança. Isto, e mais, provoca desordem na nossa vida diária. Não se pode ser desordenado nos negócios, por exemplo, ou negligente.

Tem de se ser preciso, pensar claramente, logicamente. Mas não levamos essa mesma atitude para o mundo psicológico. Temos este impulso constante para nos afastarmos do "o que é", para nos tornarmos algo diferente da compreensão do "o que é", para evitar as causas da desordem.»

«Isso eu compreendo», disse o interrogador. «Nós escapamos realmente do "o que é". Nunca consideramos cuidadosamente, diligentemente, o que está a acontecer, o que está a acontecer agora em cada um de nós.

Tentamos realmente reprimir ou transcender o "o que é". Se temos uma grande dose de dor, psicologicamente, interiormente, nunca olhamos para ela cuidadosamente. Queremos imediatamente apagá-la, encontrar alguma consolação. E há sempre esta luta para alcançar um estado onde não haja dor, onde não haja desordem. Mas a própria tentativa de provocar a ordem parece aumentar a desordem, ou provocar outros problemas.»

«Não sei se reparou que quando os políticos tentam resolver um problema, essa própria resolução multiplica outros problemas. Isto, novamente, está a acontecer a todo o tempo.»

«Está o senhor a dizer que o tempo não é um fator de mudança? Consigo compreender isto vagamente, mas não tenho a certeza absoluta de que o compreenda realmente. O senhor está a dizer, na verdade, que se eu tiver um motivo para a mudança, esse próprio motivo torna-se um obstáculo à mudança, porque esse motivo é o meu desejo, o meu impulso para me afastar daquilo que é desagradável ou perturbador para algo muito mais satisfatório, que me dará maior felicidade. Portanto, um motivo ou uma causa já ditou ou moldou o fim, o fim psicológico. Isto eu compreendo. Estou a ter um vislumbre do que o senhor está a dizer. Estou a começar a sentir a implicação da mudança sem tempo.»

«Portanto, façamos a pergunta: haverá uma percepção intemporal desse "o que é"? Isto é, olhar para, observar o "o que é" sem o passado, sem todas as memórias acumuladas, os nomes, as palavras,

as reações — olhar para esse sentimento, para essa reação, a que chamamos, digamos, inveja. Observar este sentimento sem o ator, o ator que é toda a recordação de coisas que aconteceram antes.

«O tempo não é meramente o nascer do sol e o pôr do sol, ou ontem, hoje e amanhã. O tempo é muito mais complicado, mais intrincado, subtil. E para compreender realmente a natureza e a profundidade do tempo tem de se meditar sobre se o tempo tem uma paragem — não o tempo fictício nem a imaginação que evoca tantas probabilidades fantásticas, românticas —, mas se o tempo, realmente, na realidade, no campo da psique, pode alguma vez chegar ao fim? Essa é realmente a questão.

Pode analisar-se a natureza do tempo, investigá-la, e tentar descobrir se a continuidade da psique é uma realidade ou a esperança desesperada do homem de se agarrar a algo que lhe dê algum tipo de segurança, conforto. Terá o tempo as suas raízes no céu? Quando se olha para os céus, para os planetas e para o número inimaginável de estrelas, poderá esse universo ser compreendido pela qualidade da mente ligada ao tempo? Será o tempo necessário para agarrar, para compreender todo o movimento do cosmos e do ser humano — para ver instantaneamente aquilo que é sempre verdadeiro?

«Deveria realmente, se se pode apontar, reter isso na sua mente, não pensar sobre isso, mas apenas observar todo o movimento do tempo, que é realmente o movimento do pensamento. Pensamento e tempo não são duas coisas diferentes, dois movimentos, ações diferentes. Tempo é pensamento e pensamento é tempo. Haverá, para o colocar de forma diferente, o fim real do pensamento? Isto é, o fim do conhecimento? O conhecimento é tempo, o pensamento é tempo, e estamos a perguntar se este processo acumulativo de conhecimento, recolhendo cada vez mais informação, perseguindo cada vez mais as intrincâncias da existência, pode terminar? Poderá o pensamento, que é afinal a essência da psique, os medos, os prazeres, as ansiedades, a solidão, a dor e o conceito do Eu — o Eu como separado de outro —, esta atividade do egoísmo focada em si mesma, poderá tudo isso chegar ao fim? Quando a morte vem há o fim de tudo isso. Mas não

estamos a falar da morte, do fim final, mas de se podemos na realidade perceber que o pensamento, o tempo, têm um fim.

«O conhecimento é, afinal de contas, a acumulação através do tempo de várias experiências, o registo de vários incidentes, acontecimentos e assim por diante; este registo é naturalmente armazenado no cérebro, este registo é a essência do tempo. Podemos descobrir quando é necessário o registo, e se o registo psicológico é de todo necessário? Não é dividir o conhecimento e a perícia necessários, mas começar a compreender a natureza do registo, por que razão os seres humanos registam e a partir desse registo reagem e agem. Quando se é insultado ou ferido psicologicamente por uma palavra, por um gesto, por uma ação, por que razão deveria essa ferida ser registrada? Seria possível não registar o elogio ou o insulto para que a psique nunca fique atulhada, para que tenha um espaço vasto, e a psique de que estamos conscientes como o "mim", que novamente é reunida pelo pensamento e pelo tempo, chegue ao fim? Estamos sempre com medo de algo que nunca vimos, percebemos — algo não experienciado. Não se pode experienciar a verdade. Para experienciar tem de haver aquele que experimenta. O experienciador é o resultado do tempo, da memória acumulada, do conhecimento e assim por diante.

«Como dissemos no início, o tempo exige uma compreensão rápida, vigilante, atenta. Na nossa vida diária, podemos existir sem o conceito do futuro? Não conceito — perdoe-me, não a palavra conceito —, mas pode alguém viver sem o tempo, interiormente? As raízes do céu não estão no tempo e no pensamento.»

«Senhor, o que diz tornou-se na realidade, na vida diária, uma realidade. As suas várias afirmações sobre o tempo e o pensamento parecem agora, enquanto o escuto, tão simples, tão claras, e talvez por um segundo ou dois haja o fim e a paragem do tempo. Mas quando volto à minha rotina ordinária, ao cansaço e ao tédio de tudo isso, até o prazer se torna bastante cansativo — quando volto atrás vou retomar os velhos fios. Parece tão extraordinariamente difícil largar os fios e olhar, sem reação, para o caminho do tempo.

Mas estou a começar a compreender (e espero que não seja apenas da boca para fora) que há a possibilidade de não registar, se posso usar a sua palavra. Percebo que eu sou o registo. Fui programado para ser isto ou aquilo. Pode ver-se isso razoavelmente fácil e talvez pôr tudo isso de parte. Mas o fim do pensamento e as intricâncias do tempo precisam de uma grande dose de observação, uma grande dose de investigação. Mas quem há de investigar, pois o próprio investigador é o resultado do tempo? Eu apanho algo. O senhor está realmente a dizer: apenas observe sem reação alguma, dê atenção total às coisas ordinárias da vida e descubra aí a possibilidade de terminar com o tempo e o pensamento. Muito obrigado de facto por esta conversa interessante.»

BROCKWOOD PARK

QUINTA-FEIRA, 31 DE MARÇO DE 1983

TINHA ESTADO a chover o dia todo e as nuvens pairavam baixas sobre o vale e as colinas e as montanhas. Não se podiam ver as colinas de todo. É uma manhã bastante sombria, mas há folhas novas, flores novas e as pequenas coisas estão a crescer depressa. É primavera e há toda esta nuvem e penumbra. A terra está a recuperar do inverno e nesta recuperação há uma grande beleza. Tem estado a chover quase todos os dias durante o último mês e meio; tem havido grandes tempestades e ventos, destruindo muitas casas e a terra a deslizar pelas encostas.

Ao longo de toda a costa há uma grande destruição. Nesta parte do país tudo parece ter sido tão extravagante. Nunca é igual de inverno para inverno. Num inverno pode não haver quase chuva nenhuma e, noutros invernos, pode haver chuva muitíssimo destrutiva, ondas enormes e monstruosas, as estradas alagadas e, embora fosse primavera, os elementos nunca foram graciosos com a terra.

Há manifestações por todo o país contra tipos particulares de guerra, contra a destruição nuclear. Há prós e contras. Os políticos falam sobre defesa, mas na realidade não há defesa; há apenas guerra, há apenas o assassinato de milhões de pessoas. Esta é uma situação

bastante difícil. É um grande problema que o homem está a enfrentar. Um lado quer expandir-se à sua própria maneira, o outro está agressivamente a pressionar, a vender armas, a provocar certas ideologias definitivas e a invadir terras.

O homem está agora a colocar uma questão que deveria ter colocado a si próprio há muitos anos, não no último momento. Ele tem estado a preparar-se para guerras todos os dias da sua vida. A preparação para a guerra parece, infelizmente, ser a nossa tendência natural. Tendo percorrido um longo caminho ao longo desse caminho, estamos agora a dizer: o que faremos?

O que faremos nós, seres humanos? Enfrentando realmente a questão, qual é a nossa responsabilidade? É isto que a nossa humanidade atual está realmente a enfrentar, não que tipos de instrumentos de guerra deveríamos inventar e construir. Nós provocamos sempre uma crise e depois perguntamos a nós próprios o que fazer. Dada a situação como está agora, os políticos e o vasto público em geral decidirão com o seu orgulho nacional, racial, com as suas pátrias e terras natais e todo o resto disso.

A questão vem demasiado tarde. A questão que devemos colocar a nós próprios, apesar da ação imediata a ser tomada, é se é possível parar todas as guerras, não um tipo particular de guerra, a nuclear ou a ortodoxa, e descobrir com a maior seriedade quais são as causas da guerra. Até que essas causas sejam descobertas, dissolvidas, quer tenhamos a guerra convencional quer a forma nuclear de guerra, continuaremos e o homem destruirá o homem.

Por isso deveríamos realmente perguntar: quais são essencialmente, fundamentalmente, as causas da guerra? Ver juntos as verdadeiras causas, não causas inventadas, românticas, patrióticas e toda essa tolice, mas ver realmente por que razão o homem se prepara para assassinar legalmente — a guerra. Até pesquisarmos e encontrarmos a resposta, as guerras continuarão. Mas nós não estamos a considerar seriamente o suficiente, ou comprometidos com o desvelar das causas da guerra. Pondo de parte aquilo com que estamos

agora confrontados, a imediatismo da questão, a crise atual, não podemos juntos descobrir as verdadeiras causas e pô-las de parte, dissolvê-las? Isto precisa do impulso de encontrar a verdade.

Por que razão há, deve-se perguntar, esta divisão — o russo, o americano, o britânico, o francês, o alemão e assim por diante —, por que razão há esta divisão entre o homem e o homem, entre a raça e a raça, cultura contra cultura, uma série de ideologias contra outra? Porquê? Por que razão há esta separação? O homem dividiu a terra como sua e minha — porquê? Será que tentamos encontrar segurança, autoproteção, num grupo particular, ou numa crença, fé particular? Pois as religiões também dividiram o homem, puseram o homem contra o homem — os hindus, os muçulmanos, os cristãos, os judeus e assim por diante. O nacionalismo, com o seu patriotismo infeliz, é realmente uma forma glorificada, uma forma enobrecida de tribalismo. Numa pequena tribo ou numa tribo muito grande há uma sensação de estar juntos, ter a mesma língua, as mesmas superstições, o mesmo tipo de sistema político, religioso. E a pessoa sente-se segura, protegida, feliz, confortada. E por essa segurança, conforto, estamos dispostos a matar outros que têm o mesmo tipo de desejo de estar seguros, de se sentirem protegidos, de pertencerem a algo. Este terrível desejo de se identificar com um grupo, com uma bandeira, com um ritual religioso e assim por diante, dá-nos a sensação de que temos raízes, de que não somos vagabundos sem teto. Há o desejo, o impulso de encontrar as próprias raízes.

E também dividimos o mundo em esferas económicas, com todos os seus problemas. Talvez uma das principais causas da guerra seja a indústria pesada. Quando a indústria e a economia vão de mãos dadas com a política, elas têm inevitavelmente de sustentar uma atividade separativa para manter a sua estatura económica. Todos os países estão a fazer isto, os grandes e os pequenos. Os pequenos estão a ser armados pelas grandes nações — alguns silenciosamente, outros abertamente. Será a causa de toda esta miséria, sofrimento e do enorme desperdício de dinheiro em armamento, o sustento visível do orgulho, do querer ser superior aos outros?

É a nossa terra, não sua ou minha ou dele. Somos feitos para viver nela, ajudando-nos uns aos outros, não destruindo-nos uns aos outros. Isto não é nenhuma tolice romântica, mas o facto real. Mas o homem dividiu a terra, esperando por esse meio que no particular vá encontrar felicidade, segurança, uma sensação de conforto duradouro. Até que uma mudança radical ocorra e apaguemos todas as nacionalidades, todas as ideologias, todas as divisões religiosas, e estabeleçamos uma relação global — psicologicamente primeiro, interiormente antes de organizar o exterior —, continuaremos com as guerras. Se faz mal aos outros, se mata outros, quer em zanga quer por assassinato organizado que é chamado guerra, você, que é o resto da humanidade, não um ser humano separado a lutar contra o resto da humanidade, está a destruir-se a si próprio.

Esta é a verdadeira questão, a questão básica, que deve compreender e resolver. A menos que esteja comprometido, dedicado a erradicar esta divisão nacional, económica, religiosa, está a perpetuar a guerra, é responsável por todas as guerras, quer nucleares quer tradicionais.

Esta é realmente uma questão muito importante e urgente: se o homem, você, pode provocar esta mudança em si próprio — não dizer: "Se eu mudar, terá isso algum valor? Não será apenas uma gota num lago vasto e não terá efeito algum? Qual é o objetivo de eu mudar?" Essa é uma questão errada, se se pode apontar.

É errada porque você é o resto da humanidade. Você é o mundo, você não está separado do mundo. Você não é um americano, russo, hindu ou muçulmano. Você está à parte destes rótulos e palavras, você é o resto da humanidade porque a sua consciência, as suas reações são semelhantes às dos outros. Pode falar uma língua diferente, ter costumes diferentes, isso é cultura superficial — todas as culturas aparentemente são superficiais —, mas a sua consciência, as suas reações, a sua fé, as suas crenças, as suas ideologias, os seus medos, ansiedades, solidão, dor e prazer são semelhantes ao resto da humanidade. Se mudar, isso afetará a totalidade da humanidade.

Isto é importante considerar — não vagamente, superficialmente —, investigando, pesquisando, buscando as causas da guerra. A guerra só pode ser compreendida e posta um fim se você e todos aqueles que estão preocupados muito profundamente com a sobrevivência do homem sentirem que são totalmente responsáveis por matar outros. O que o fará mudar? O que o fará perceber a situação pavorosa que provocamos agora? O que o fará virar a sua face contra toda a divisão — religiosa, nacional, ética e assim por diante? Será mais sofrimento? Mas você teve milhares sobre milhares de anos de sofrimento e o homem não mudou; ele continua a perseguir a mesma tradição, o mesmo tribalismo, as mesmas divisões religiosas do "meu deus" e "teu deus".

Os deuses ou os seus representantes são inventados pelo pensamento; eles não têm na realidade existência real na vida diária. A maioria das religiões disse que matar seres humanos é o maior pecado. Muito antes do Cristianismo, os hindus disseram isto, os budistas disseram-no, contudo as pessoas matam apesar da sua crença em deus, ou da sua crença num salvador e assim por diante; continuam a perseguir o caminho do assassinato. Irá a recompensa do céu mudá-lo ou a punição do inferno? Isso também tem sido oferecido ao homem. E isso também falhou. Nenhuma imposição externa, leis, sistemas pararão alguma vez o assassinato do homem. Nem qualquer convicção intelectual, romântica parará as guerras. Elas pararão apenas quando você, como o resto da humanidade, vir a verdade de que enquanto houver divisão sob qualquer forma, tem de haver conflito, limitado ou amplo, estreito ou expansivo, que tem de haver luta, conflito, dor. Portanto, você é responsável, não apenas perante os seus filhos, mas perante o resto da humanidade. A menos que compreenda profundamente isto, não verbalmente ou ideacionalmente ou meramente intelectualmente, mas sinta isto no seu sangue, na sua forma de olhar para a vida, nas suas ações, está a apoiar o assassinato organizado que é chamado guerra. O imediatismo da percepção é muito mais importante do que o imediatismo de responder a uma questão que é o resultado de mil anos do homem a matar o homem.

O mundo está doente e não há ninguém fora de si para o ajudar exceto você mesmo. Tivemos líderes, especialistas, todo o tipo de agência externa, incluindo deus — eles não tiveram efeito algum; não influenciaram de forma alguma o seu estado psicológico. Não o podem guiar. Nenhum estadista, nenhum professor, nenhum guru, ninguém o pode tornar forte interiormente, supremamente saudável. Enquanto estiver em desordem, enquanto a sua casa não for mantida numa condição adequada, num estado adequado, criará o profeta externo, e ele estará sempre a enganá-lo. A sua casa está em desordem e ninguém nesta terra ou no céu pode provocar a ordem na sua casa. A menos que você mesmo compreenda a natureza da desordem, a natureza do conflito, a natureza da divisão, a sua casa, isto é, você, permanecerá sempre em desordem, em guerra.

Não é uma questão de quem tem o maior poderio militar, mas antes é o homem contra o homem, o homem que reuniu ideologias, e estas ideologias, que o homem fez, estão umas contra as outras. Até que estas ideias, ideologias terminem e o homem se torne responsável por outros seres humanos, não pode possivelmente haver paz no mundo.

OJAI, CALIFÓRNIA

SEGUNDA-FEIRA, 18 DE ABRIL DE 1983

É UM NOVO dia e o sol não nascerá durante uma hora ou algo do género. Está bastante escuro e as árvores estão silenciosas, à espera da alvorada e do sol a nascer atrás das colinas. Deveria haver uma oração para a alvorada. Ela vem tão lentamente, penetrando o mundo inteiro. E aqui nesta casa quieta e isolada, cercada por laranjeiras e algumas flores, está extraordinariamente quieto. Não há pássaros ainda a cantar a sua canção matinal. O mundo está a dormir, pelo menos nesta parte do mundo, longe de toda a civilização, do ruído, da brutalidade, da vulgaridade e da conversa dos políticos.

Lentamente, com grande paciência, a alvorada começa no silêncio profundo da noite. Foi interrompida pela rola-carpideira e pelo ulular de um mocho. Há vários mochos aqui, estavam a chamar

uns pelos outros. E as colinas e as árvores estão a começar a despertar. Em silêncio a alvorada começa, fica cada vez mais clara, e o orvalho está na folha e o sol está precisamente a subir sobre a colina. Os primeiros raios de sol são apanhados naquelas árvores altas, naquele velho carvalho que esteve ali durante muito, muito tempo. E a rola-carpideira começa com o seu chamamento suave e lamentoso. Do outro lado da estrada, através das laranjeiras, há um pavão a chamar. Mesmo nesta parte do mundo há pavões, pelo menos há alguns deles. E o dia começou. É um dia maravilhoso. É tão novo, tão fresco, tão vivo e cheio de beleza. É um dia novo sem quaisquer recordações passadas, sem o chamamento de outro.

Há um grande maravilhar quando se olha para todas as belezas — aquelas laranjas brilhantes com as folhas escuras, e as poucas flores, brilhantes na sua glória. Maravilha-se a pessoa com esta luz extraordinária que apenas esta parte do mundo parece ter. Maravilha-se a pessoa ao olhar para a criação que parece não ter início nem fim — uma criação não pelo pensamento astuto, mas a criação de uma nova manhã. Esta manhã é como nunca foi antes, tão brilhante, tão límpida. E as colinas azuis estão a olhar para baixo. É a criação de um novo dia como nunca foi antes.

Há um esquilo com uma cauda longa e felpuda, a tremer e tímido na velha pimenteira que perdeu muitos ramos; está a ficar muito velha. Deve ter visto muitas tempestades, como o carvalho na sua velhice, quieto, com uma grande dignidade. É uma manhã nova, cheia de uma vida antiga; não tem tempo, não tem problemas. Existe e isso em si mesmo é um milagre. É uma manhã nova sem memória alguma. Todos os dias passados acabaram, foram-se, e a voz da rola-carpideira vem através do vale, e o sol está agora sobre a colina, a cobrir a terra. E ele também não tem ontem. As árvores ao sol e as flores não têm tempo. É o milagre de um novo dia.

«Nós queremos continuidade», disse o homem. «A continuidade é parte da nossa vida. Continuidade de geração após geração, de tradição, das coisas que conhecemos e recordámos. Nós ansiamos por continuidade e temos de a ter. Caso contrário, o que somos? A

continuidade está nas próprias raízes do nosso ser. Ser é continuar. A morte pode vir, pode haver um fim para muitas coisas, mas há sempre a continuidade.

Voltamos atrás para encontrar as nossas raízes, a nossa identidade. Se alguém manteve o seu início como família, provavelmente pode traçá-lo, geração após geração durante muitos séculos, se estiver interessado nesse tipo de coisa. A continuidade da adoração a deus, a continuidade das ideologias, a continuidade das opiniões, valores, julgamentos, conclusões — há uma continuidade em todas as coisas que se recordou. Há uma continuidade desde o momento em que nascemos até morrermos, com todas as experiências, todo o conhecimento que o homem adquiriu. Será isso uma ilusão?»

«O que tem continuidade? Aquele carvalho, provavelmente com duzentos anos, tem uma continuidade até morrer ou ser derrubado pelo homem. E o que é esta continuidade que o homem quer, pelo qual anseia? O nome, a forma, a conta bancária, as coisas recordadas? A memória tem uma continuidade, recordações daquilo que foi. Toda a psique é memória e nada mais. Atribuímos à psique uma grande quantidade de coisas — qualidades, virtudes, atos ignóbeis e o exercício de muitos atos astutos no mundo exterior e interior. E se se examinar diligentemente, sem qualquer viés ou conclusão, começa-se a ver que toda a nossa existência, com a vasta rede de memórias, recordações, as coisas que aconteceram antes, tudo tem continuidade. E nós agarramo-nos a isso desesperadamente.»

O esquilo voltou. Esteve fora durante um par de horas; agora está de volta no ramo a picar algo, a observar, a escutar, extraordinariamente alerta e consciente, vivo, a tremer de entusiasmo. Ele vem e vai sem lhe dizer para onde vai e quando volta. E como o dia está a ficar mais quente, a rola e os pássaros foram-se. Há alguns pombos a voar de um lugar para outro em grupo. Pode ouvir-se as suas asas a bater no ar. Costumava haver uma raposa aqui — há muito tempo que não se vê uma. Provavelmente foi-se embora para sempre. Há gente a mais por perto. Há abundância de roedores, mas as pessoas

são perigosas. E este é um esquilo pequeno e tímido e caprichoso como a andorinha.

Embora não haja continuidade exceto a memória, haverá no ser humano inteiro, no cérebro, um lugar, um ponto, uma área pequena ou vasta, onde a memória não exista de todo, que a memória nunca tenha tocado? É uma coisa notável olhar para tudo isto, sentir o seu caminho sensatamente, racionalmente, ver a complexidade e as intrincâncias da memória, e a sua continuidade que é, afinal de contas, conhecimento. O conhecimento está sempre no passado, o conhecimento é o passado. O passado é vasta memória acumulada como tradição. E quando se percorreu esse caminho diligentemente, sensatamente, tem de se perguntar inevitavelmente: haverá uma área no cérebro humano, ou na própria natureza e estrutura de um ser humano, não meramente no mundo exterior das suas atividades, mas interiormente, no fundo dos vastos e quietos recessos do seu próprio cérebro, algo que não seja o resultado da memória, não seja o movimento de uma continuidade?

As colinas e as árvores, os prados e os olivais continuarão enquanto a terra existir, a menos que o homem, na sua crueldade e desespero, destrua tudo. O riacho, a fonte de onde ele vem têm uma continuidade, mas nunca se pergunta se as colinas e além das colinas têm a sua própria continuidade.

Se não há continuidade, o que há? Não há nada. Tem-se medo de não ser nada. Nada significa nem uma coisa — nada reunido pelo pensamento, nada reunido pela memória, recordações, nada que se possa pôr em palavras e depois medir. Há com toda a certeza, definitivamente, uma área onde o passado não projeta uma sombra, onde o tempo, o passado ou o futuro ou o presente, não tem significado. Nós tentámos sempre medir com palavras algo que não conhecemos.

O que não conhecemos tentamos compreender e dar-lhe palavras e fazer disso um ruído contínuo. E assim obstruímos o nosso cérebro, que já está obstruído com acontecimentos passados, experiências, conhecimento. Pensamos que o conhecimento é psicologicamente de

grande importância, mas não é. Não se pode ascender através do conhecimento; tem de haver um fim para o conhecimento para que o novo seja. Novo é uma palavra para algo que nunca existiu antes. E essa área não pode ser compreendida ou agarrada por palavras ou símbolos: está ali além de todas as recordações.

OJAI, CALIFÓRNIA

TERÇA-FEIRA, 19 DE ABRIL DE 1983

ESTE INVERNO tem havido chuva constante, dia após dia praticamente durante os últimos três meses. É bastante uma extravagância da Califórnia — ou não chove de todo ou chove para afogar a terra. Tem havido grandes tempestades e muito poucos dias de sol. Tem estado a chover durante o dia de ontem todo e esta manhã as nuvens estão baixas nas colinas e está bastante sombrio. Todas as folhas foram batidas pela chuva de ontem. A terra está muito molhada. As árvores e aquele magnífico carvalho devem estar a perguntar onde está o sol.

Nesta manhã em particular, com as nuvens a esconder as montanhas e as colinas quase até ao vale, o que significa ser sério? O que significa ter uma mente — ou, se quiser, cérebro — muito quieta e séria? Seremos alguma vez sérios? Ou vivemos sempre num mundo de superficialidade, a andar para trás e para a frente, a lutar, a disputar, violentos por causa de algo totalmente trivial? O que significa ter um cérebro que está muito desperto, não limitado pelos seus próprios pensamentos, memórias e recordações? O que significa ter um cérebro que está livre de toda a agitação da vida, de toda a dor, de toda a ansiedade e da dor sem fim? Será alguma vez possível ter uma mente totalmente livre, um cérebro livre, não moldado por influências, pela experiência e pela vasta acumulação de conhecimento? Conhecimento é tempo; aprender significa tempo. Aprender a tocar violino exige paciência infinita, meses de prática, anos de concentração dedicada. Aprender a adquirir uma perícia, aprender a tornar-se um atleta ou a montar um bom motor ou a ir à lua — tudo isto requer tempo. Mas

haverá algo para aprender sobre a psique, sobre o que se é — todas as extravagâncias, as intrincâncias das reações e ações de cada um, a esperança, o fracasso, o desgosto e a alegria —, o que há para aprender sobre tudo isso? Como dissemos, numa certa área da existência física de cada um, recolher conhecimento e agir a partir desse conhecimento requer tempo. Será que transportamos esse mesmo princípio, estendemos esse mesmo movimento do tempo para o mundo psicológico? Aí também dizemos que devemos aprender sobre nós próprios, sobre as nossas reações, o nosso comportamento, as nossas elevações e depressões, ideações e assim por diante; pensamos que tudo isso requer tempo também.

Pode aprender-se sobre o limitado, mas não se pode aprender sobre o ilimitado. E nós tentamos aprender sobre todo o campo da psique, e dizemos que isso precisa de tempo. Mas o tempo pode ser uma ilusão nessa área, pode ser um inimigo. O pensamento cria a ilusão, e essa ilusão evolui, cresce, estende-se. A ilusão de toda a atividade religiosa deve ter começado muito, muito simplesmente, e agora veja onde ela está — com um poder imenso, propriedades vastas, grande acumulação de arte, riqueza, e a hierarquia religiosa a exigir obediência, a instá-lo a ter mais fé. Tudo isso é a expansão, o cultivo e a evolução da ilusão que levou muitos séculos. E a psique é todo o conteúdo da consciência, é a memória de todas as coisas passadas e mortas. Nós damos tanta importância à memória. A psique é memória. Toda a tradição é meramente o passado. Nós agarramo-nos a isso e queremos aprender tudo sobre isso, e pensamos que o tempo é necessário para isso como na outra área.

Pergunto-me se alguém pergunta alguma vez se o tempo tem uma paragem — tempo para se tornar, tempo para realizar? Haverá algo para aprender sobre tudo isso? Ou pode ver-se que todo o movimento desta memória ilusória, que parece tão real, pode terminar? Se o tempo tem uma paragem, qual é então a relação entre aquilo que se encontra além do tempo e todas as atividades físicas do cérebro como memória, conhecimento, recordações, experiências? Qual é a relação entre as duas coisas? O conhecimento e o pensamento, como dissemos

muitas vezes, são limitados. O limitado não pode possivelmente ter relação alguma com o ilimitado, mas o ilimitado pode ter algum tipo de comunicação com o limitado, embora essa comunicação deva ser sempre limitada, estreita, fragmentária.

Poder-se-ia perguntar, se se tiver uma mente comercial, para que serve tudo isto, para que serve o ilimitado, o que pode o homem lucrar com isso? Nós queremos sempre uma recompensa. Vivemos com base no princípio da punição e da recompensa, como um cão que foi treinado: recompensa-se quando ele obedece. E nós somos quase semelhantes no sentido de que queremos ser recompensados pelas nossas ações, pela nossa obediência e assim por diante. Tal exigência nasce do cérebro limitado. O cérebro é o centro do pensamento e o pensamento é sempre limitado sob todas as circunstâncias. Pode inventar o extraordinário, teórico, imensurável, mas a sua invenção é sempre limitada. É por isso que se tem de estar completamente livre de todo o mourejo e labuta da vida e da atividade focada em si mesma para que o ilimitado seja.

Aquilo que é imensurável não pode ser medido por palavras. Estamos sempre a tentar pôr o imensurável num quadro de palavras, e o símbolo não é a realidade concreta. Mas nós adoramos o símbolo, portanto vivemos sempre num estado limitado. Por isso, com as nuvens a pairar sobre os topos das árvores e todos os pássaros quietos, à espera da trovoada, esta é uma boa manhã para ser sério, para questionar a totalidade da existência, para questionar os próprios deuses e toda a atividade humana.

As nossas vidas são tão curtas e durante esse curto período não há nada para aprender sobre todo o campo da psique, que é o movimento da memória; nós só o podemos observar. Observar sem qualquer movimento do pensamento, observar sem o tempo, sem o conhecimento passado, sem o observador que é a essência do passado. Apenas observe. Observe aquelas nuvens a ganhar forma e a mudar de forma, observe as árvores, os pequenos pássaros. Tudo é parte da vida. Quando observa atentamente, com diligência, não há nada para

aprender; há apenas esse espaço vasto, silêncio e vazio, que é energia que tudo consome.

OJAI, CALIFÓRNIA

QUARTA-FEIRA, 20 DE ABRIL DE 1983

NA PONTA de cada folha, das folhas grandes e das folhas minúsculas, havia uma gota de água a faiscar ao sol como uma joia extraordinária. E havia uma brisa ligeira, mas essa brisa não perturbava nem destruía de forma alguma aquela gota naquelas folhas que tinham sido lavadas e limpas pela chuva tardia. Era uma manhã muito quieta, cheia de encanto, pacífica e com uma sensação de bênção no ar. E à medida que observávamos a luz a faiscar em cada folha limpa, a terra tornava-se extraordinariamente bonita, apesar de todos os fios do telégrafo e dos seus postes feios. Apesar de todo o ruído do mundo, a terra era rica, duradoura, resistente. E embora houvesse sismos aqui e ali, muitíssimo destrutivos, a terra continuava bonita. Nunca se aprecia a terra a menos que se viva realmente com ela, se trabalhe com ela, se ponham as mãos no pó, levantando rochas e pedras grandes — nunca se conhece a sensação extraordinária de estar com a terra, as flores, as árvores gigantescas e a erva forte e as sebes ao longo da estrada.

Tudo estava vivo nessa manhã. À medida que observávamos, havia uma sensação de grande alegria e os céus estavam azuis, o sol estava lentamente a sair das colinas e havia luz. À medida que observávamos o mímico no fio, ele fazia as suas macacadas, saltando alto, dando uma cambalhota e depois descendo para o mesmo ponto no fio. À medida que observávamos o pássaro a divertir-se, a saltar no ar e depois a descer em círculos, com os seus gritos estridentes, o seu desfrute da vida, apenas esse pássaro existia, o observador não existia. O observador já lá não estava, apenas o pássaro, cinzento e branco, com uma cauda comprida. Essa observação era sem qualquer movimento do pensamento, a observar o alvoroço do pássaro que se estava a divertir.

Nós nunca observamos durante muito tempo. Quando observamos com grande paciência, observamos sem qualquer sentido do observador, observamos aqueles pássaros, aquelas gotículas nas folhas a tremer, as abelhas e as flores e o longo rasto de formigas, então o tempo cessa, o tempo tem uma paragem. Não se leva tempo a observar nem se tem a paciência de observar. Aprende-se muito através da observação — a observar as pessoas, a forma como caminham, a sua conversa, os seus gestos. Pode ver-se através da sua vaidade ou da negligência dos seus próprios corpos. Elas são indiferentes, são insensíveis.

Havia uma águia a voar alto no ar, a circular sem o bater das asas, levada pela corrente de ar além das colinas e perdeu-se. Observar, aprender: aprender é tempo, mas observar não tem tempo. Ou quando escuta, escute sem qualquer interpretação, sem qualquer reação, escute sem qualquer viés. Escute esse trovão nos céus, o trovão a rolar entre as colinas.

Nunca se escuta completamente, há sempre interrupção. Observar e escutar é uma grande arte — observar e escutar sem qualquer reação, sem qualquer sentido do ouvinte ou do observador. Ao observar e escutar aprendemos infinitamente mais do que em qualquer livro. Os livros são necessários, mas observar e escutar aguçam os seus sentidos. Pois, afinal de contas, o cérebro é o centro de todas as reações, pensamentos e recordações. Mas se os seus sentidos não estiverem altamente despertos, não pode realmente observar e escutar e aprender, não apenas como agir, mas sobre o aprender, que é o próprio solo em que a semente da bondade pode crescer.

Quando há esta observação e escuta simples e límpida, então há uma consciência — consciência da cor daquelas flores, vermelha, amarela, branca, das folhas de primavera, dos caules, tão tenros, tão delicados, consciência dos céus, da terra e daquelas pessoas que estão a passar. Elas têm estado a tagarelar ao longo daquela estrada longa, sem nunca olhar para as árvores, para as flores, para os céus e para as colinas maravilhosas.

Nem sequer estão conscientes do que se está a passar ao seu redor. Falam muito sobre o ambiente, como devemos proteger a natureza e assim por diante, mas parece que não estão conscientes da beleza e do silêncio das colinas e da dignidade de uma árvore velha e maravilhosa. Nem sequer estão conscientes dos seus próprios pensamentos, das suas próprias reações, nem estão conscientes da forma como caminham, das suas roupas. Isto não significa que devam estar focadas em si mesmas na sua observação, na sua consciência, mas apenas estar conscientes.

Quando se está consciente, há uma escolha do que fazer, do que não fazer, gostar e desgostar, os seus enviesamentos, os seus medos, as suas ansiedades, as alegrias que recordou, os prazeres que perseguiu; em tudo isto há escolha, e nós pensamos que a escolha nos dá liberdade. Gostamos dessa liberdade de escolher; pensamos que a liberdade é necessária para escolher — ou, melhor, que a escolha nos dá uma sensação de liberdade —, mas não há escolha quando se veem as coisas muito, muito claramente.

E isso leva-nos a uma consciência sem escolha — estar consciente sem qualquer gostar ou desgostar. Quando há esta consciência sem escolha realmente simples e honesta, isso leva a outro fator, que é a atenção. A própria palavra significa esticar-se, agarrar, segurar, mas isso continua a ser a atividade do cérebro, está no cérebro. Observar, consciência, atenção estão dentro da área do cérebro, e o cérebro é limitado — condicionado por todos os caminhos das gerações passadas, as impressões, as tradições e toda a tolice e a bondade do homem.

Portanto, toda a ação a partir desta atenção continua a ser limitada, e aquilo que é limitado tem inevitavelmente de provocar desordem. Quando se está a pensar sobre si mesmo de manhã até à noite — as preocupações de cada um, os desejos de cada um, exigências e realizações —, esta atitude focada em si mesma, sendo muito, muito limitada, tem de causar fricção na sua relação com outro, que também é limitado; tem de haver fricção, tem de haver tensão e perturbações de muitos tipos, a violência perpétua dos seres humanos.

Quando se está atento a tudo isto, consciente sem escolha, então disso surge a visão profunda. A visão profunda não é um ato de recordação, a continuação da memória. A visão profunda é como um clarão de luz. Vê-se com clareza absoluta todas as complicações, as consequências, as intrincâncias. Então esta própria visão profunda é ação, completa. Nisso não há lamentos, não há olhar para trás, não há sensação de estar sobrecarregado, não há discriminação. Isto é visão profunda pura, límpida — percepção sem qualquer sombra de dúvida. A maioria de nós começa com a certeza e, à medida que envelhecemos, a certeza muda para incerteza e morremos com a incerteza. Mas se se começar com a incerteza, duvidando, questionando, perguntando, exigindo, com dúvida real sobre o comportamento do homem, sobre todos os rituais religiosos e as suas imagens e os seus símbolos, então dessa dúvida surge a clareza da certeza.

Quando há uma visão profunda e límpida da violência, por exemplo, essa própria visão profunda bane toda a violência. Essa visão profunda está fora do cérebro, se se pode colocar assim. Não é do tempo. Não é da recordação ou do conhecimento, e por isso essa visão profunda e a sua ação mudam as próprias células cerebrais. Essa visão profunda é completa e a partir dessa profundidade pode haver ação lógica, sensata, racional.

Todo este movimento desde o observar, escutar, até ao trovão da visão profunda é um único movimento; não é chegar a ele passo a passo. É como uma seta veloz. E apenas essa visão profunda pode descondicionar o cérebro, não o esforço do pensamento, que é determinação, ver a necessidade de algo; nada disso provocará a liberdade total do condicionamento. Tudo isto é tempo e o fim do tempo. O homem está preso ao tempo e esse cativo ao tempo é o movimento do pensamento. Portanto, onde há um fim para o pensamento e para o tempo há visão profunda total. Apenas aí pode haver o florescimento do cérebro. Apenas aí pode ter uma relação completa com a mente.

OJAI, CALIFÓRNIA

QUINTA-FEIRA, 21 DE ABRIL DE 1983

HÁ UMA cabana alta entre as colinas, algo isolada embora haja lá outras cabanas. A cabana estava entre aquelas árvores velhas, gigantescas e maravilhosas, as sequóias. * Diz-se que algumas delas existiram desde o tempo dos antigos egípcios, talvez desde Ramsés II. São árvores realmente maravilhosas. A sua casca é de cor rosada e brilhante à luz do sol matinal. Estas árvores não podem ser queimadas; a sua casca resiste ao fogo e pode ver-se onde os antigos índios construíram um fogo ao redor da árvore; a marca escura do fogo continua lá.

Elas têm realmente um tamanho bastante gigantesco, os seus troncos são enormes e, se se sentar muito quieto debaixo delas à luz da manhã, com o sol entre os topos das árvores, todos os esquilos ali virão para muito perto de si. Eles são muito curiosos como os gaios-azuis, pois há gaios também, pássaros azuis, azuis, sempre prontos a ralar consigo, a perguntar por que está ali, a dizer-lhe que está a perturbar a área deles e que deveria ir embora o mais rapidamente possível. Mas se permanecer quieto, a observar, a olhar para a beleza da luz do sol entre as folhas no ar quieto, então eles deixá-lo-ão em paz, aceitá-lo-ão como os esquilos fazem.

Não era a época, por isso as cabanas estavam vazias e estava-se sozinho, e à noite era tão silencioso. E ocasionalmente os ursos vinham e podiam ouvir-se os seus corpos pesados contra a cabana. Poderia ter sido um lugar bastante selvagem, pois a civilização moderna não o tinha destruído completamente. Tem de se subir a partir das planícies, para dentro e para fora, para cima, para cima e para cima, até alcançar esta floresta de sequóias. Havia riachos a descer apressados pela encosta. Era tão extraordinariamente bonito estar sozinho entre estas árvores grandes, vastas e muito altas, antigas

além da memória e tão totalmente desinteressadas do que se estava a passar no mundo, silenciosas na sua dignidade e força antigas.

E nesta cabana, cercado por estas árvores velhas e sem idade, estava-se sozinho dia após dia, a observar, a dar longos passeios, quase sem encontrar ninguém. De tal altura podiam ver-se as planícies, iluminadas pelo sol, ocupadas; podiam ver-se os carros como pequenos insetos a perseguirem-se uns aos outros. E aqui em cima apenas os insetos reais estavam ocupados com o seu dia. Havia uma grande quantidade de formigas. As vermelhas rastejavam pelas suas pernas, mas nunca pareciam prestar-lhe muita atenção.

A partir desta cabana alimentavam-se os esquilos. Havia um esquilo em particular que vinha todas as manhãs e tinha-se um saco de amendoins e ia-se dando um a um: ele enchia a boca com eles, atravessava o caixilho da janela e vinha para a mesa com a sua cauda felpuda curvada, quase a tocar-lhe na cabeça. Ele levava muitos destes amendoins descascados, ou por vezes até os não descascados, e saltava de volta através do caixilho da janela para a varanda e ao longo do espaço aberto para dentro de uma árvore morta com um oco que era a sua casa. Ele vinha talvez durante uma hora ou mais a querer estes amendoins, para trás e para a frente, para trás e para a frente. E já estava bastante dócil por essa altura, podia alisar-se o seu pelo, era tão macio, tão suave, olhava com olhos de surpresa e depois de amizade. Ele sabia que não lhe faria mal. Um dia, fechando todas as janelas quando ele estava lá dentro e o saco de amendoins estava sobre a mesa, ele levou a boca cheia habitual e depois foi até às janelas e à porta, que estavam todas fechadas, e percebeu que era um prisioneiro. Veio a saltitar ao longo da mesa, saltou para cima dela, olhou para mim e começou a ralar. Afinal de contas, não se podia manter aquela coisa viva e bonita como prisioneira, por isso abriram-se as janelas. Ele saltou para o chão, subiu pelo caixilho da janela, voltou para o tronco morto e veio logo de volta a pedir mais. A partir daí fomos realmente grandes amigos.

Depois de ter enchido aquele buraco cheio de amendoins, provavelmente para o inverno, ele ia subindo pelos troncos das

árvores a perseguir outros esquilos e voltava sempre para o seu tronco morto. Depois, por vezes, ao fim da tarde, vinha para o caixilho da janela e sentava-se ali e tagarelava, a olhar para mim, a contar-me algo do trabalho do dia, e à medida que ficava mais escuro dizia boa noite e saltava de volta para a sua casa no buraco da árvore velha e morta. E na manhã seguinte cedo ele estaria ali no caixilho da janela a chamar, a tagarelar, e o dia começaria.

Cada animal naquela floresta, cada pequena coisa estava a fazer o mesmo — a recolher comida, a perseguir outros por diversão e em zanga, e os animais grandes como os veados eram curiosos e olhavam para si. E à medida que subia até uma altura moderada e ia ao longo de um caminho rochoso, voltava-se e estava um urso grande, preto com quatro crias, grandes como gatos grandes. Ele empurrou-os árvore acima, os quatro, e eles subiram para a segurança, e depois a mãe voltou-se e olhou para mim. Estranhamente não tínhamos medo. Olhámos um para o outro durante talvez dois ou três segundos ou mais e depois virou-se as costas e desceu-se pelo mesmo caminho. Apenas aí, quando se estava em segurança na cabana, se percebeu quão perigoso tinha sido este encontro com uma mãe urso com quatro crias.

A vida é um processo sem fim de tornar-se e terminar. Este grande país era ainda ingénuo naqueles dias; não era tão terrivelmente avançado tecnologicamente e não havia demasiada vulgaridade, como há agora. Sentado nos degraus daquela cabana observava-se e tudo estava ativo — as árvores, as formigas, os coelhos, os veados, o urso e o esquilo. A vida é ação. A vida é uma série de ação contínua e sem fim até morrer. A ação nascida do desejo é distorcida, é limitada, e esta ação limitada tem invariavelmente de, faça o que fizer, provocar um conflito sem fim.

Qualquer coisa que seja limitada tem na sua própria natureza de gerar muitos problemas, crises. É como um homem, como um ser humano que está todo o tempo a pensar sobre si mesmo, os seus problemas, as suas experiências, as suas alegrias e prazeres, os seus negócios — completamente focado em si mesmo. A atividade de tal pessoa é naturalmente muito limitada. Nunca se percebe a limitação

desta atitude focada em si mesma. Chamam a isso realização, expressar-se, alcançar o sucesso, a busca do prazer e tornar-se algo interiormente, o impulso, o desejo de ser. Toda essa atividade tem não só de ser limitada e distorcida, mas as suas ações sucessivas em qualquer direção têm inevitavelmente de gerar fragmentação, como se vê neste mundo. O desejo é muito forte; os monges e os *sannyasis* do mundo tentaram reprimi-lo, tentaram identificar essa chama ardente com alguns símbolos nobres ou alguma imagem — identificando o desejo com algo maior —, mas continua a ser desejo. Qualquer ação que venha do desejo, seja chamada nobre ou ignóbil, continua a ser limitada, distorcida.

Agora o gaio-azul voltou; está ali após a sua refeição matinal, a ralhar para ser notado. E atiraram-se-lhe alguns amendoins. Ele ralhou primeiro, depois saltitou para o chão, apanhou alguns deles no bico, voou de volta para o ramo, voou para longe, voltou a ralhar. E ele também, dia a dia, tornou-se gradualmente dócil. Veio para muito perto com olhos brilhantes, com a cauda levantada, o azul a brilhar com tal brilho e clareza — um azul que pintor nenhum pode apanhar. E ralhava com outros pássaros. Provavelmente esse era o seu domínio e ele não queria intrusos. Mas há sempre intrusos. Outros pássaros vieram logo. Todos pareciam gostar de passas e amendoins. Toda a atividade da existência estava ali.

O sol estava agora alto no céu e havia muito poucas sombras, mas em direção ao fim da tarde haverá sombras longas, bem formadas, esculpidas, escuras com um sorriso.

Haverá uma ação não do desejo? Se fazemos tal pergunta, e raramente fazemos, pode-se sondar, sem motivo algum, para encontrar uma ação que seja da inteligência. A ação do desejo não é inteligente; leva a todo o tipo de problemas e questões. Haverá uma ação da inteligência? Tem de se estar sempre algo cético nestas matérias; a dúvida é um fator extraordinário de purificação do cérebro, do coração. A dúvida, cuidadosamente medida, traz grande clareza, liberdade.

Nas religiões orientais, duvidar, questionar é uma das necessidades para encontrar a verdade, mas na cultura religiosa da civilização ocidental a dúvida é uma abominação do diabo. Mas na liberdade, numa ação que não é do desejo, tem de haver a faísca da dúvida. Quando se vê realmente, não teoricamente nem verbalmente, que a ação do desejo é corrupta, distorcida, a própria percepção é o início dessa inteligência a partir da qual a ação é totalmente diferente. Isto é, ver o falso como falso, a verdade no falso e a verdade como verdade.

Tal percepção é essa qualidade de inteligência que não é nem sua nem minha, que então age. Essa ação não tem distorção, não tem remorso. Não deixa uma marca, uma pegada nas areias do tempo. Essa inteligência não pode existir a menos que haja grande compaixão, amor, se quiser. Não pode haver compaixão se as atividades do pensamento estiverem ancoradas em qualquer ideologia ou fé em particular, ou apegadas a um símbolo ou a uma pessoa. Tem de haver liberdade para ser compassivo. E onde há essa chama, essa própria chama é o movimento da inteligência.

OJAI, CALIFÓRNIA

SEXTA-FEIRA, 22 DE ABRIL DE 1983

É A CERCA DE 1400 pés de altitude aqui entre os pomares, a laranjeira e o abacateiro, com as colinas atrás da casa. A colina mais alta ao redor daqui tem cerca de 6500 pés. Provavelmente seria chamada de montanha e o nome antigo é Topa Topa. Os antigos índios viveram aqui: eles devem ter sido uma raça muito singular e bastante simpática. Podem ter sido cruéis, mas as pessoas que os destruíram foram muito mais cruéis. Aqui em cima, após um dia chuvoso, a natureza está à espera sem fôlego por outra tempestade, e o mundo das flores e os pequenos arbustos estão a regozijar-se nesta manhã quieta, e até as folhas parecem tão brilhantes, tão nitidamente límpidas. Há um roseiral que está cheio de rosas, de um vermelho brilhante; a beleza disso, o perfume, a imobilidade dessa flor é uma maravilha.

Descendo no carro velho que tem sido mantido bem polido, o motor a funcionar suavemente — descendo para a aldeia, através da aldeia, passando por todos aqueles edifícios pequenos, escolas, e depois o espaço aberto cheio de abacateiros — descendo através da ravina, curvando para dentro e para fora numa estrada suave, tão bem feita; depois subindo, subindo e subindo, talvez mais de 5000 pés: ali o carro parou e ali estávamos nós no alto, com vista para todas as colinas que estavam muito verdes, com arbustos, árvores e ravinas profundas. Parecia que estávamos no alto entre os deuses.

Muito poucos usavam essa estrada, que prosseguia através do deserto para uma cidade grande a milhas de distância, longe à sua esquerda. Ao virar-se para sul vê o mar muito infinitamente distante — o Pacífico. É tão profundamente quieto aqui. Embora o homem tenha feito esta estrada, felizmente não há marca do homem. Tem havido incêndios aqui em cima, mas isso foi há anos. Pode ver-se alguns cepos queimados, pretos, mas ao redor deles tornou-se agora verde. Tem havido chuvas intensas e tudo está agora em flor, roxo, azul e amarelo, com manchas de um vermelho brilhante aqui e ali. A glória da terra nunca foi tão profundamente apaixonante como aqui em cima.

Sentámo-nos ao lado da estrada que estava bastante limpa. Era a terra; a terra é sempre limpa. E havia pequenas formigas, pequenos insetos, a rastejar, a correr por todo o lado. Mas não há animais selvagens aqui em cima, o que é estranho. Pode haver à noite — veados, coiotes e talvez alguns coelhos e lebres. Ocasionalmente um carro passava, e isso quebrava o silêncio, a dignidade e a pureza do silêncio. Este é realmente um lugar extraordinário.

Palavras não podem medir a expansão, as colinas ondulantes e o espaço vasto, nem o céu azul e o deserto distante. Era a terra inteira. Dificilmente se ousava falar, havia um silêncio tão imperioso, para não ser perturbado. E esse silêncio não pode ser medido por palavras. Se fosse um poeta, provavelmente medi-lo-ia com palavras, colocá-lo-ia num poema, mas aquilo que é escrito não é a realidade concreta. A palavra não é a coisa. E aqui, sentado ao lado de uma rocha que estava

a ficar quente, o homem não existia. As colinas ondulantes, as montanhas mais altas, os grandes vales de perder de vista, profundos em azul; não havia você, não havia nada senão aquilo.

Desde os tempos antigos todas as civilizações tiveram este conceito de medição. Todos os seus edifícios maravilhosos eram baseados na medição matemática. Quando olha para a Acrópole e para a glória do Pártenon, e para os edifícios de cento e dez andares de Nova Iorque, todos eles tiveram de ter esta medição.

A medição não é apenas pela régua; a medição existe no próprio cérebro: o alto e o baixo, o melhor, o mais. Este processo comparativo tem existido por tempo além do tempo. Estamos sempre a comparar. O passar nos exames da escola, do colégio, da universidade — todo o nosso modo de viver tornou-se uma série de medições calculadas: o bonito e o feio, o nobre e o ignóbil — todo o conjunto de valores de cada um, os argumentos que terminam em conclusões, o poder das pessoas, o poder das nações.

A medição tem sido necessária para o homem. E o cérebro, estando condicionado à medição, à comparação, tenta medir o imensurável — medindo com palavras aquilo que nunca pode ser medido. Tem sido um longo processo durante séculos sobre séculos — os deuses maiores e os deuses menores, medindo a vasta expansão do universo e medindo a velocidade do atleta. Esta comparação trouxe uma grande quantidade de medos e dores.

Agora, naquela rocha, um lagarto veio aquecer-se muito perto de nós. Pode ver-se os seus olhos pretos, as suas costas com escamas e a cauda comprida. Está tão quieto, imóvel. O sol tornou aquela rocha bastante quente, e o lagarto, saindo da sua noite fria e aquecendo-se, está à espera que alguma mosca ou inseto apareça — ele medirá a distância e apanhá-la-á.

Viver sem comparação, viver sem qualquer tipo de medição interiormente, nunca comparar o que se é com o que se deveria ser. A palavra "meditação" significa não apenas ponderar, pensar sobre, sondar, olhar, pesar; tem também um significado muito mais profundo

em sânscrito — medir, que é "tornar-se". Na meditação não deve haver medição. Esta meditação não deve ser uma meditação consciente em posturas deliberadamente escolhidas. Esta meditação deve ser totalmente inconsciente, nunca sabendo que está a meditar. Se medita deliberadamente é outra forma de desejo, como qualquer outra expressão de desejo.

Os objetos podem variar; a sua meditação pode ser para alcançar o mais elevado, mas o motivo é o desejo de alcançar, como o homem de negócios, como o construtor de uma grande catedral. A meditação é um movimento sem motivo algum, sem palavras e sem a atividade do pensamento.

Deve ser algo que não é deliberadamente iniciado. Apenas aí a meditação é um movimento no infinito, imensurável para o homem, sem uma meta, sem um fim e sem um início. E isso tem uma ação estranha na vida diária, porque toda a vida é uma só e torna-se então sagrada. E aquilo que é sagrado nunca pode ser morto. Matar outro é profano. Clama ao céu como um pássaro mantido numa gaiola. Nunca se percebe quão sagrada a vida é, não apenas a sua pequena vida, mas as vidas de milhões de outros, desde as coisas da natureza até seres humanos extraordinários. E na meditação que é sem medição, há a própria ação daquilo que é o mais nobre, o mais sagrado e santo.

No outro dia nas margens de um rio [*esta é uma memória de quando ele esteve em Benares nas margens do Gange*] — quão adoráveis são os rios; não há apenas um rio sagrado, todos os rios em todo o mundo têm a sua própria divindade —, no outro dia um homem estava sentado nas margens de um rio envolto num pano de cor alaranjada. As suas mãos estavam escondidas, os seus olhos estavam fechados e o seu corpo estava muito quieto.

Ele tinha contas nas mãos e estava a repetir algumas palavras e as mãos estavam a mover-se de conta em conta. Ele tinha feito isto durante muitos anos e nunca falhava uma conta. E o rio rolava ao lado dele, a sua corrente era profunda. Começara entre as grandes montanhas, cobertas de neve e distantes; começara como um pequeno

riacho e, à medida que se movia para sul, reunia todos os pequenos riachos e rios e tornava-se um grande rio. Nessa parte do mundo eles adoravam-no. Não se sabe durante quantos anos este homem esteve a repetir o seu *mantra* e a rolar as contas. Ele estava a meditar — pelo menos as pessoas pensavam que ele estava a meditar e provavelmente ele também.

Portanto, todos os transeuntes olhavam para ele, ficavam silenciosos e depois continuavam com o seu riso e a sua tagarelice. Aquela figura quase imóvel — podia ver-se através do pano apenas uma ligeira ação dos dedos — tinha estado ali sentada durante muito tempo, completamente absorvida, pois não ouvia outro som senão o som das suas próprias palavras e o ritmo delas, a música delas. E ele diria que estava a meditar. Há mil outros como ele, por todo o mundo, em mosteiros quietos e profundos entre as colinas e as cidades e ao lado dos rios.

A meditação não é palavras, um *mantram*, ou autohipnose, a droga das ilusões. Deve acontecer sem a sua volição. Deve ter lugar na tranquilidade quieta da noite, quando acorda subitamente e vê que o cérebro está quieto e há uma qualidade peculiar de meditação a acontecer. Deve ter lugar tão silenciosamente como uma cobra entre a erva alta, verde na luz fresca da manhã. Deve ter lugar nos recessos profundos do cérebro. A meditação não é uma realização. Não há método, sistema ou prática. A meditação começa com o fim da comparação, o fim do tornar-se ou não tornar-se. Como a abelha sussurra entre as folhas, assim o sussurro da meditação é ação.

OJAI, CALIFÓRNIA

SÁBADO, 23 DE ABRIL DE 1983

AS NUVENS continuam a pairar sobre as colinas, o vale e as montanhas. Ocasionalmente há uma abertura no céu e o sol surge, brilhante, límpido, mas logo desaparece. Gosta-se deste tipo de manhã, fresca, fresca, com o mundo inteiro verde ao seu redor. À medida que o verão se aproxima o sol queimará toda a erva verde, e os

prados através do vale estarão ressequidos, secos, e toda a erva com o verde brilhante ter-se-á ido. No verão toda a frescura se foi.

Gosta-se destas manhãs quietas. As laranjas estão tão brilhantes e as folhas, verde-escuras, estão a brilhar. E há um perfume no ar da flor de laranjeira, forte, quase sufocante. Há um tipo diferente de laranja para ser colhida mais tarde antes do calor do verão. Agora há a folha verde, a laranja e a flor na mesma árvore ao mesmo tempo. É um mundo bonito e o homem é tão indiferente a ele, estragando a terra, os rios e as baías e os lagos de água doce.

Mas deixemos tudo isso para trás e caminhemos ao longo de um caminho estreito, colina acima onde há um pequeno riacho que em poucas semanas estará seco. Você e um amigo estão a caminhar ao longo do caminho, a falar de vez em quando, a olhar para todas as várias cores de verde. Que variedade há, desde o verde mais claro, o verde Nilo, e talvez até mais claro, mais azul, até aos verdes escuros, suculentos, cheios da sua própria riqueza. E à medida que vai subindo pelo caminho, conseguindo apenas caminhar juntos lado a lado, acontece apanhar algo arrebatadoramente bonito, cintilante, uma joia de extraordinária antiguidade e beleza. Fica tão espantado por a encontrar neste caminho de tantos animais em que apenas poucas pessoas pisaram. Olha para ela com grande espanto.

É tão subtilmente feita, tão intrincada que mão alguma de joalheiro a poderia ter feito. Segura-a durante algum tempo, espantado e silencioso. Depois coloca-a muito cuidadosamente no seu bolso interior, abotoa-o, e fica quase assustado que a possa perder ou que ela possa perder a sua beleza cintilante e brilhante. E põe a sua mão por fora do bolso que a guarda. O outro vê-o a fazer isto e vê que a sua face e os seus olhos passaram por uma mudança notável. Há uma espécie de êxtase, um maravilhar sem palavras, um entusiasmo sem fôlego.

Quando o homem pergunta: "O que é isso que encontrou e pelo qual está tão extraordinariamente eufórico?", responde numa voz muito suave, gentil (parece-lhe tão estranho ouvir a sua própria voz)

que apanhou a verdade. Não quer falar sobre o assunto, é bastante tímido; a própria conversa poderia destruí-la. E o homem que está a caminhar ao seu lado fica ligeiramente irritado por não estar a comunicar com ele livremente, e diz que se encontrou a verdade, então vamos descer ao vale e organizá-la para que outros a compreendam, para que outros a agarrem e talvez isso os ajude. Não responde, tem pena de alguma vez lhe ter contado sobre isso.

As árvores estão cheias de flor. Mesmo aqui em cima, na brisa ligeira que sobe o vale, cheira a flor de laranjeira e olha vale abaixo e vê as muitas laranjeiras e sente o ar quieto, imóvel, sem fôlego. Mas deparou-se com algo que é muitíssimo precioso, que nunca pode ser contado a outro. Eles podem encontrá-lo, mas você tem-no, agarra-o e adora-o.

Instituições e organizações por todo o mundo não ajudaram o homem. Há todas as organizações físicas para as necessidades de cada um; as instituições da guerra, da democracia, as instituições da tirania e as instituições da religião — elas tiveram o seu dia e continuam, e o homem olha para elas com expectativa, ansiando por ser ajudado, não apenas fisicamente mas dentro da pele, dentro da dor pulsante, da sombra do tempo e dos pensamentos de longo alcance. Tem havido instituições de muitos, muitos tipos desde os dias mais antigos, e elas não mudaram interiormente o homem. Instituições nunca podem mudar o homem psicologicamente, profundamente. E pergunta-se o motivo por que o homem as criou, pois todas as instituições no mundo são reunidas pelo homem, esperando que elas o possam ajudar, que lhe possam dar algum tipo de segurança duradoura. E estranhamente não deram. Parece que nunca percebemos este facto. Estamos a criar cada vez mais instituições, cada vez mais organizações — uma organização a opor-se a outra.

O pensamento está a inventar tudo isto, não apenas as organizações democráticas ou as organizações totalitárias; o pensamento está também a percecionar, a perceber que o que criou não mudou basicamente a estrutura, a natureza do próprio si mesmo. As instituições, as organizações e todas as religiões são reunidas pelo

pensamento, pelo pensamento astuto, inteligente, erudito. O que o pensamento criou, provocou, molda o seu próprio pensamento. E a pessoa pergunta a si mesma, se for séria, meiga na sua investigação: por que razão o pensamento não percebeu a sua própria atividade? Poderá o pensamento estar consciente do seu próprio movimento? Poderá o pensamento ver-se a si próprio, ver o que está a fazer, tanto no exterior como no interior?

Não há realmente exterior e interior: o interior cria o exterior, e o exterior molda então o interior. Este fluxo e refluxo de ação e reação é o movimento do pensamento, e o pensamento está sempre a tentar superar o exterior, e consegue, provocando muitos problemas; ao resolver um problema surgem outros problemas. O pensamento também moldou o interior, moldou-o de acordo com as exigências exteriores. Este processo aparentemente sem fim criou esta sociedade, feia, cruel, imoral e violenta. E tendo-a criado, o interior torna-se um escravo dela. O exterior molda o interior e o interior molda o exterior. Este processo tem estado a decorrer durante milhares sobre milhares de anos e o pensamento parece não perceber a sua própria atividade. Portanto a pessoa pergunta: poderá o pensamento estar alguma vez consciente de si próprio — consciente do que está a fazer?

Não há pensador à parte do pensamento; o pensamento fez o pensador, o experienciador, o analisador. O pensador, aquele que está a observar, aquele que age é o passado, com toda a herança do homem, geneticamente, biologicamente — as tradições, os hábitos e todo o conhecimento acumulado. Afinal de contas, o passado é conhecimento, e o pensador não está separado do passado. O pensamento criou o passado, o pensamento é o passado; depois o pensamento divide o pensador e o pensamento, que o pensador deve moldar, controlar. Mas isso é uma falácia; há apenas pensamento. O si mesmo é o "mim", o passado. A imaginação pode projetar o futuro, mas continua a ser a atividade do pensamento.

Portanto o pensamento, que é o resultado do conhecimento, não mudou o homem e nunca o mudará porque o conhecimento é sempre limitado e será sempre limitado. Portanto novamente a pessoa

pergunta: poderá o pensamento ficar consciente de si próprio, o pensamento que reuniu toda a nossa consciência — ação e reação, a resposta sensorial, a sensualidade, os medos, as aspirações, a busca do prazer, toda a agonia da solidão e o sofrimento que o homem trouxe sobre si próprio através das guerras, através da sua irresponsabilidade, através de uma atitude insensível focada em si mesma? Tudo isso é a atividade do pensamento, que inventou o ilimitado e o deus que vive no ilimitado. Tudo isso é a atividade do tempo e do pensamento.

Quando se chega a este ponto pergunta-se ao instrumento velho, que está gasto, se ele pode provocar uma mutação radical no homem, que é, afinal de contas, o cérebro. Quando o pensamento se percebe a si próprio, vê onde o conhecimento é necessário no mundo físico e percebe a sua própria limitação, ele fica então quieto, silencioso. Apenas aí há um instrumento novo que não é reunido pelo tempo ou pelo pensamento, totalmente desprovido de relação com o conhecimento. É este instrumento — talvez a palavra instrumento possa estar errada —, é esta percepção que é sempre fresca, porque não tem passado, não tem recordação; é inteligência nascida da compaixão. Essa percepção traz uma mutação profunda nas próprias células cerebrais, e a sua ação é sempre a ação correta, límpida, precisa, sem a sombra do passado e do tempo.

OJAI, CALIFÓRNIA

DOMINGO, 24 DE ABRIL DE 1983

É UMA manhã de primavera, uma manhã que nunca existiu antes e nunca existirá novamente.

É uma manhã de primavera. Cada pequena lâmina de erva, as camélias, as rosas, todas estão a florescer e há perfume no ar.

É uma manhã de primavera e a terra está tão viva, e lá em cima neste vale todas as montanhas estão verdes e a mais alta delas tão extraordinariamente vital, imóvel e majestosa. É uma manhã que, à medida que vai ao longo do caminho e olha em redor para a beleza e para os esquilos-terrestres, cada folha tenra da primavera está a brilhar ao sol. Aquelas folhas têm estado à espera disto o inverno inteiro e acabaram de sair, tenras, vulneráveis. E sem ser romântico, imaginativo, há uma sensação de grande amor e compaixão, pois há tanta beleza, incorruptível. Tem havido mil manhãs de primavera, mas nunca uma manhã como esta, tão quieta, tão em silêncio, sem fôlego — talvez seja com adoração. E os esquilos estão fora e os lagartos também.

É uma manhã de primavera e o ar está festivo; há festivais por todo o mundo porque é primavera. Os festivais são expressos de tantas maneiras diferentes, mas aquilo que é nunca pode ser expresso em palavras. Em todo o lado, com a canção e a dança, há um sentimento profundo de primavera.

Por que razão parece que estamos a perder a qualidade altamente vulnerável da sensibilidade — sensibilidade a todas as coisas ao nosso redor, não apenas aos nossos próprios problemas e perturbações? Estar realmente sensível, não sobre algo, mas apenas estar sensível, estar vulnerável, como aquela folha nova, que nasceu há poucos dias para enfrentar tempestades, chuva, escuridão e luz. Quando somos vulneráveis parece que somos magoados; estando magoados recolhemo-nos para dentro de nós próprios, construímos uma parede ao nosso redor, tornamo-nos duros, cruéis. Mas quando somos vulneráveis sem quaisquer reações feias, brutais, vulneráveis a todos os movimentos do próprio ser de cada um, vulneráveis ao mundo, tão sensíveis que não há lamento, não há feridas, não há disciplina autoimposta, então há a qualidade de existência imensurável.

Nós perdemos toda esta vulnerabilidade no mundo do ruído e da brutalidade, vulgaridade e da agitação da vida de todos os dias. Ter os sentidos aguçados de cada um, não um qualquer sentido em particular mas ter todos os sentidos totalmente despertos, o que não significa

necessariamente comprazer-se — estar sensível a todos os movimentos do pensamento, aos sentimentos, às dores, à solidão, à ansiedade —, com esses sentidos totalmente despertados há um tipo diferente de sensação que vai além de todas as respostas sensoriais ou sensuais. Alguma vez olhou para o mar, ou para aquelas montanhas vastas, os Himalaias, que se estendem de horizonte a horizonte — alguma vez observou uma flor, com todos os seus sentidos? Quando há tal observação não há centro a partir do qual está a observar, não há "mim". O "mim", a observação limitada de um ou dois sentidos gera o movimento egotista. Afinal de contas, vivemos pelos sentidos, pela sensação, e é apenas quando o pensamento cria a imagem a partir das sensações que surgem todas as complexidades do desejo.

Nesta manhã, olha vale abaixo, vendo a expansão extraordinária de verde e a cidade distante, sentindo o ar puro, observando todas as coisas rastejantes da terra, observando sem a interferência das imagens que o pensamento construiu. Agora a brisa está a soprar do vale desfiladeiro acima e você volta-se à medida que o caminho volta. Descendo, há um lince-pardo logo à sua frente, a cerca de dez pés de distância. Pode ouvi-lo a ronronar, a esfregar-se contra uma rocha, o pelo a sobressair das suas orelhas, a sua cauda curta e o movimento extraordinário, gracioso. É uma manhã de primavera para ele também.

Caminhámos juntos caminho abaixo e ele dificilmente fazia ruído algum exceto pelo seu ronronar, divertindo-se muitíssimo, encantado por estar cá fora na luz do sol de primavera; estava tão limpo que o seu pelo estava a faiscar. E à medida que o observa, a natureza selvagem inteira está naquele animal. Pisa um ramo morto que faz um ruído, e ele foge, sem sequer olhar para trás; esse ruído indicava o homem, o mais perigoso de todos os animais. Foi-se num segundo entre arbustos e rochas e todo o encanto se foi dele. Ele sabe quão cruel o homem é e não quer esperar; quer estar longe, o mais longe possível.

É uma manhã de primavera e está pacífico. Consciente de que um homem estava atrás dele, a poucos pés de distância, aquele gato deve ter instintivamente respondido à imagem do que o homem é — o

homem que matou tantas coisas, destruiu tantas cidades, destruiu cultura após cultura, sempre a perseguir os seus desejos, sempre a buscar algum tipo de segurança e prazer.

O desejo, que tem sido a força motriz no homem, criou uma grande quantidade de coisas agradáveis e úteis; o desejo também, nas relações do homem, criou uma grande quantidade de problemas e perturbações e miséria — o desejo de prazer. Os monges e os *sannyasis* do mundo tentaram ir além dele, forçaram-se a adorar um ideal, uma imagem, um símbolo. Mas o desejo está sempre ali como uma chama, a arder. E descobrir, sondar a natureza do desejo, a complexidade do desejo, as suas atividades, as suas exigências, as suas realizações — cada vez mais e mais desejo de poder, posição, prestígio, estatuto, o desejo pelo inominável, aquilo que está além de toda a nossa vida diária — fez o homem fazer todo o tipo de coisas feias e brutais.

O desejo é o resultado da sensação — o resultado com todas as imagens que o pensamento construiu. E este desejo não só gera descontentamento mas uma sensação de falta de esperança. Nunca o reprima, nunca o discipline mas sonde a natureza dele — qual é a origem, o propósito, as intrincâncias dele? Escavar fundo nele não é outro desejo, pois não tem motivo; é como compreender a beleza de uma flor, sentar-se ao lado dela e olhar para ela. E à medida que olha ela começa a revelar-se como realmente é — a cor extraordinariamente delicada, o perfume, as pétalas, o caule e a terra a partir da qual cresceu.

Portanto olhe para este desejo e para a sua natureza sem o pensamento que está sempre a moldar sensações, prazer e dor, recompensa e punição. Então a pessoa compreende, não verbalmente, nem intelectualmente, toda a causação do desejo, a raiz do desejo. A própria percepção dele, a percepção subtil dele, isso em si mesmo é inteligência. E essa inteligência agirá sempre sensatamente e racionalmente ao lidar com o desejo.

Portanto, sem demasiada conversa esta manhã, sem demasiado pensamento, estar inteiramente envolvido por esta manhã de primavera, viver com ela, caminhar nela, é um encanto que está além de toda a medida. Não pode ser repetido. Estará ali até haver uma batida na porta.

OJAI, CALIFÓRNIA

TERÇA-FEIRA, 26 DE ABRIL DE 1983

VIU-SE UM pássaro a morrer, alvejado por um homem. Ele estava a voar com bater rítmico e lindamente, com tal liberdade e falta de medo. E a arma despedaçou-o; ele caiu para a terra e toda a vida se tinha ido dele. Um cão foi buscá-lo, e o homem recolheu outros pássaros mortos. Ele estava a tagarelar com o seu amigo e parecia tão totalmente indiferente. Tudo com que ele estava preocupado era abater tantos pássaros, e estava terminado no que lhe dizia respeito. Eles estão a matar por todo o mundo. Aqueles animais maravilhosos e grandes do mar, as baleias, são mortos aos milhões, e o tigre e tantos outros animais estão agora a tornar-se espécies em perigo. O homem é o único animal que deve ser temido.

Há algum tempo, hospedado com um amigo no alto das colinas, um homem veio e disse ao anfitrião que um tigre tinha morto uma vaca a noite passada, e gostaríamos de ver o tigre nessa tarde? Ele poderia organizá-lo construindo uma plataforma numa árvore e atando uma cabra, e o balido da cabra, do pequeno animal, atrairia o tigre e nós poderíamos vê-lo. Nós ambos recusámos satisfazer a nossa curiosidade tão cruelmente. Mas mais tarde nesse dia o anfitrião sugeriu que apanhássemos o carro e fôssemos para a floresta ver o tigre se pudéssemos. Portanto em direção à tarde entrámos num carro aberto com um motorista a conduzir-nos e fomos fundo para a floresta durante várias milhas. Claro que não vimos nada.

Estava a ficar bastante escuro e os faróis estavam acesos, e à medida que nos voltámos, ali estava ele sentado bem no meio da estrada à espera de nos receber. Era um animal muito grande, lindamente marcado, e os seus olhos, apanhados pelos faróis, estavam

brilhantes, a faiscar. Ele veio a rosar em direção ao carro, e à medida que passou a escassas polegadas da mão que estava estendida, o anfitrião disse: "Não lhe toque, é demasiado perigoso, seja rápido pois ele é mais rápido do que a sua mão." Mas podia sentir-se a energia daquele animal, a sua vitalidade; era um grande dínamo de energia. E à medida que passou sentiu-se uma atração enorme em relação a ele. E ele desapareceu nos bosques. [*Krishnamurti conta esta reunião com um tigre mais plenamente no seu Diário, p. 40*]

Aparentemente o amigo tinha visto muitos tigres e tinha ajudado há muito tempo na sua juventude a matar um, e desde aí ele tinha estado a arrepender-se do ato terrível. A crueldade em todas as formas está agora a espalhar-se no mundo. O homem provavelmente nunca foi tão cruel como é agora, tão violento. As igrejas e os padres do mundo têm falado sobre paz na terra; desde a hierarquia cristã mais alta até ao pobre padre da aldeia tem havido conversa sobre viver uma boa vida, não ferir, não matar uma coisa; especialmente os budistas e hindus de anos anteriores disseram: "Não mate a mosca, não mate nada, pois na próxima vida pagará por isso." Isso foi colocado de forma bastante rude, mas alguns deles mantiveram este espírito, esta intenção de não matar e não ferir outro ser humano. Mas matar com guerras continua e continua. O cão mata tão rapidamente o coelho. Ou o homem alveja outro com as suas máquinas maravilhosas, e ele próprio é talvez alvejado por outro.

E este assassinar tem vindo a acontecer há milénios e milénios. Alguns tratam-no como um desporto, outros matam por ódio, raiva, ciúme, e o homicídio organizado pelas várias nações com os seus armamentos continua. Interroga-me se o homem alguma vez viverá nesta bela terra pacificamente, sem nunca matar uma pequena coisa, ou ser morto, ou matar outro, mas viver pacificamente com alguma divindade e amor no seu coração.

Nesta parte do mundo, a que chamamos Ocidente, os cristãos talvez tenham morto mais do que qualquer outro. Estão sempre a falar de paz nesta terra. Mas para ter paz é preciso viver pacificamente, e isso parece tão absolutamente impossível. Há argumentos a favor e

contra a guerra, os argumentos de que o homem sempre foi um assassino e assim permanecerá, e aqueles que sustentam que ele pode provocar uma mudança em si mesmo e não matar. Esta é uma história muito antiga. O carnicheiro sem fim tornou-se um hábito, uma fórmula aceite, apesar de todas as religiões.

Estava-se a observar no outro dia um gavião-de-cauda-vermelha, no alto dos céus, a dar voltas sem esforço, sem um bater de asa, apenas pelo prazer de voar, apenas para ser sustentado pelas correntes de ar. Depois juntou-se-lhe outro, e voaram juntos durante bastante tempo. Era umas criaturas maravilhosas naquele céu azul, e feri-las de qualquer modo é um crime contra o céu. Claro que não há céu; o homem inventou o céu por esperança, pois a sua vida tornou-se um inferno, um conflito sem fim do nascimento à morte, indo e vindo, a ganhar dinheiro, a trabalhar sem fim. Esta vida tornou-se um turbilhão, um trabalho penoso de esforço sem fim. Interroga-me se o homem, um ser humano, alguma vez viverá nesta terra pacificamente. O conflito tem sido o seu modo de vida — dentro da pele e fora da pele, na área da psique e na sociedade que essa psique criou.

Provavelmente o amor desapareceu totalmente deste mundo. O amor implica generosidade, cuidado, não ferir o outro, não fazer o outro sentir-se culpado, ser generoso, cortês, e comportar-se de tal maneira que as suas palavras e pensamentos nasçam da compaixão. Claro que não se pode ser compassivo se se pertence a instituições religiosas organizadas — grandes, poderosas, tradicionais, dogmáticas, que insistem na fé. Deve haver liberdade para amar. Esse amor não é prazer, desejo, uma recordação de coisas que se foram. O amor não é o oposto do ciúme, do ódio e da raiva.

Tudo isto pode soar algo utópico, idealista, algo a que o homem só pode aspirar. Mas se se acredita nisso, então continuar-se-á a matar. O amor é tão real, tão forte, como a morte. Não tem nada a ver com imaginação, ou sentimento, ou romantismo; e naturalmente não tem nada a ver com poder, posição, prestígio. É tão quieto como as águas do mar e tão poderoso como o mar; é como as águas correntes de um rio caudaloso que flui sem fim, sem um início ou um fim. Mas o

homem que mata os bebés foca, ou as grandes baleias, está preocupado com o seu sustento. Ele diria: «Vivo disso, esse é o meu ofício.» Ele está totalmente despreocupado com esse algo a que chamamos amor. Ele provavelmente ama a sua família — ou julga que ama a sua família — e não está muito preocupado com o modo como ganha o seu sustento.

Talvez seja essa uma das razões pelas quais o homem vive uma vida fragmentária; ele nunca parece amar o que está a fazer — embora talvez umas poucas pessoas o façam. Se se vivesse do trabalho que se ama, seria muito diferente — compreender-se-ia a totalidade da vida. Nós despedaçámos a vida em fragmentos: o mundo dos negócios, o mundo artístico, o mundo científico, o mundo político e o mundo religioso. Parecemos pensar que são todos separados e deveriam ser mantidos separados. Assim nos tornamos hipócritas, fazendo algo feio, corrupto, no mundo dos negócios e depois vindo para casa viver pacificamente com a nossa família; isto gera hipocrisia, um duplo padrão de vida.

É realmente uma terra maravilhosa. Aquele pássaro sentado na árvore mais alta tem estado ali sentado todas as manhãs, olhando o mundo, atento a um pássaro maior, um pássaro que o possa matar, observando as nuvens, a sombra que passa, e a grande extensão desta terra rica, estes rios, florestas e todos os homens que trabalham da manhã à noite. Se se pensa de todo, no mundo psicológico, é para se estar cheio de tristeza. Interroga-me também se o homem alguma vez mudará, ou apenas os poucos, os muito, muito poucos. Nesse caso, qual é a relação dos poucos com os muitos? Ou, qual é a relação dos muitos com os poucos? Os muitos não têm relação com os poucos. Os poucos têm uma relação.

Sentado naquela rocha, olhando para baixo para o vale, com um lagarto ao teu lado, não te atreves a mexer caso o lagarto seja perturbado ou assustado. E o lagarto também está a observar. E assim o mundo continua: a inventar deuses, a seguir a hierarquia dos representantes de deus; e toda a farsa e a vergonha das ilusões provavelmente continuarão, tornando-se os mil problemas cada vez

mais complexos e intrincados. Apenas a inteligência do amor e da compaixão pode resolver todos os problemas da vida. Essa inteligência é o único instrumento que nunca se pode tornar embotado, inútil.

OJAI CALIFÓRNIA QUARTA-FEIRA, 4 DE MAIO DE 1983

ESTÁ UMA manhã de nevoeiro, mal se conseguem ver as laranjeiras que estão a cerca de três metros. Está frio e todas as colinas e as montanhas estão escondidas, e há orvalho nas folhas. Há de desanuviar mais tarde. É ainda de manhã cedo e o belo sol californiano e a aragem fresca virão um pouco mais tarde.

Interroga-me por que razão os seres humanos têm sido sempre tão cruéis, tão feios nas suas respostas a qualquer afirmação de que não gostem, agressivos, prontos a atacar. Isto tem vindo a acontecer há milhares de anos. Quase nunca se encontra hoje em dia uma pessoa suave que esteja pronta a ceder, totalmente generosa e feliz nas suas relações.

Ontem à noite ouviu-se o piar do mocho; era um grande mocho-de-orelhas, devia ser muito grande. E esperou que a sua companheira respondesse, e a companheira respondeu à distância e o piado desceu pelo vale e mal o podias ouvir. Estava uma noite tão perfeitamente quieta, escura, e estranhamente silenciosa.

Tudo parece viver em ordem, na sua própria ordem — o mar com as suas marés, a lua nova e o pôr da lua cheia, a adorável primavera e o calor do verão. Até o terramoto de ontem tem a sua própria ordem. A ordem é a própria essência do universo — a ordem do nascimento e da morte e assim por diante. É apenas o homem que parece viver em tal desordem, confusão. Ele tem vivido dessa maneira desde que o mocho começou.

A falar com o visitante sentado na varanda, com a roseira trepadeira vermelha e uma glicínia jovem e o cheiro da terra e das árvores, parecia tal pena discutir a desordem. Quando olhas em redor para aquelas colinas escuras e a montanha rochosa e ouves o sussurro de um ribeiro que em breve estará seco no verão, tudo tem uma ordem

tão curiosa que discutir a desordem humana, a confusão e a miséria humanas, parece tão absolutamente fora de lugar. Mas ali está ele, amigável, cultor do saber e provavelmente dado ao pensamento.

O mimídeo (*mockingbird*) está no fio do telefone; está a fazer o que faz geralmente — voar no ar, dar voltas e pousar no fio e depois escarnecer do mundo. Isto faz ele tão frequentemente e o mundo aparentemente não se importa. Mas o pássaro continua a escarnecer.

O nevoeiro está a desanuviar, há aquele sol de primavera e o lagarto está a sair, a aquecer-se na rocha, e todas as pequenas coisas da terra estão ocupadas. Elas têm a sua ordem, têm o seu prazer, divertimento. Parecem estar todas tão felizes, a desfrutar do sol, nenhum homem por perto para as ferir, para lhes estragar o dia.

«Se se pode perguntar», começou o visitante, «qual é para si a coisa mais importante na vida? Qual é para si a qualidade mais essencial que o homem deve cultivar?»

«Se cultivar, como cultiva os campos da terra, então não é a coisa mais essencial. Deve acontecer naturalmente — o que quer que aconteça — naturalmente, facilmente, sem quaisquer motivos centrados em si mesmo. A coisa mais importante para cada ser humano, com certeza, é viver em ordem, em harmonia com todas as coisas ao seu redor — mesmo com o barulho das grandes cidades, mesmo com algo que seja feio, vulgar, sem deixar que isso afete ou altere o curso da sua vida, altere ou distorça a ordem em que está a viver. Com certeza, senhor, a ordem é a coisa mais importante na vida, ou, antes, uma das mais importantes.»

«Porquê», pergunta ele, «deveria a ordem ser uma qualidade de um cérebro que pode agir corretamente, felizmente, precisamente?»

«A ordem não é criada pelo pensamento. A ordem não é algo que se siga dia após dia, se pratique, a que se conforma. Como os ribeiros se juntam ao mar, assim o ribeiro da ordem, o rio da ordem, é sem fim. Mas essa ordem não pode existir se houver qualquer espécie de esforço, qualquer espécie de luta para alcançar, ou para pôr de parte a desordem e escorregar numa rotina, em vários hábitos bem definidos.

Tudo isso não é ordem. O conflito é a própria fonte da desordem, é a própria causa.»

«Tudo luta, não é verdade? Aquelas árvores, lutaram para existir, lutaram para crescer. O carvalho maravilhoso ali atrás desta casa, resistiu a tempestades, anos de chuva e sol quente, lutou para existir. A vida é conflito, é um turbilhão, uma tempestade. E o senhor está a dizer, não é verdade, que a ordem é um estado em que não há conflito? Parecendo quase impossível, como falar numa língua estranha, algo absolutamente alheio à própria vida, ao próprio modo de pensar. O senhor, se não sou insolente, vive numa ordem em que não há conflito algum?»

É muito importante, senhor, descobrir se outro está a viver sem esforço, sem conflito? Ou preferiria perguntar se você, como ser humano, que vive na desordem, pode descobrir por si mesmo as muitas causas — ou talvez haja apenas uma causa — desta desordem? Aquelas flores não conhecem nem ordem nem desordem, elas apenas existem. Claro que, se não fossem regadas, cuidadas, morreriam, e morrer também é a ordem delas. O sol brilhante e quente vai destruí-las no próximo mês, e para elas isso é ordem.»

O lagarto aqueceu-se na rocha e está à espera que as moscas venham. E com certeza que virão. E o lagarto com a sua língua rápida vai engoli-las. Parece ser a natureza do mundo: as coisas grandes vivem das coisas pequenas, e as maiores vivem das grandes. Este é o ciclo no mundo da natureza. E nisso não há nem ordem nem desordem. Mas nós sabemos por nós mesmos de tempos a tempos o sentido de harmonia total e também a dor, a ansiedade, a tristeza, o conflito. A causa da desordem é o eterno tornar-se — tornar-se, procurar identidade, a luta para ser. Enquanto o cérebro, que está tão pesadamente condicionado, estiver a medir, «o mais», «o melhor», a mover-se psicologicamente disto para aquilo, deve inevitavelmente provocar um sentido de conflito, e isto é desordem. Não apenas as palavras «mais», «melhor», mas o sentimento, a reação de alcançar, ganhar — enquanto houver esta divisão, dualidade, deve haver conflito. E do conflito vem a desordem.

Talvez se esteja consciente de tudo isto, mas estando negligente desta consciência, continua-se da mesma maneira dia após dia todos os dias da própria vida. Esta dualidade não é apenas verbal, mas tem a divisão mais profunda como o pensador e o pensamento, como o pensador separado de si mesmo. O pensador é reunido pelo pensamento, o pensador é o passado, o pensador é conhecimento, e o pensamento também nasce do conhecimento. Na realidade não há divisão entre o pensador e o pensamento, eles são uma unidade inseparável; mas o pensamento prega um truque hábil a si mesmo, divide-se a si mesmo. Talvez esta constante divisão de si mesmo, a sua própria fragmentação, seja a causa da desordem. Apenas ver, perceber, a verdade disto, que o perceptor é o percecionado, acaba com a desordem.

O mimeto foi-se e a rola-carpideira está ali com o seu grito lamentoso. E logo a sua companheira junta-se-lhe. Sentam-se juntas naquele fio, silenciosas, imóveis, mas os seus olhos estão a mover-se, a olhar, atentos ao perigo. O gavião-de-cauda-vermelha e as aves de rapina que ali estavam há uma hora ou duas foram-se. Talvez voltem amanhã. E assim a manhã termina e o sol agora está brilhante e há mil sombras. A terra está quieta e o homem está perdido e confuso.

CALIFÓRNIA SEXTA-FEIRA, 6 DE MAIO DE 1983

ESTAVA UMA manhã agradável, nublada, um ligeiro frio no ar, e as colinas estavam cobertas e quietas. Havia um aroma a flor de laranjeira, não muito forte mas estava lá. É um cheiro peculiar, penetrante, e entrou no quarto. E todas as flores esta manhã estavam prontas para o sol sair. As nuvens em breve passariam e haveria sol brilhante mais tarde.

O carro passou pela pequena aldeia, passou pelos muitos pequenos povoados, pelas torres de extração de petróleo, tanques de petróleo, e toda a atividade em redor daqueles campos de petróleo, e finalmente chegaste ao mar. Passaste novamente por uma grande cidade, não demasiado grande, passaste pelos vários pomares de limoeiros e laranjeiras, e encontraste, não pedaços de terreno de

morangos, não pequenos campos de couves, mas hectares deles, milhas deles — morangos, aipo, espinafres, alface e outros vegetais — milhas de solo plano e rico entre as colinas e o mar. Aqui tudo é feito em grande escala, quase extravagante demais — milhas de limões e laranjas, nogueiras e assim por diante. É uma terra rica, bela. E as colinas estavam tão amigáveis aquela manhã.

Finalmente chegaste ao azul Pacífico. Estava como um lago esta manhã, tão quieto, tão extraordinariamente parado, e a luz da manhã estava sobre ele. Dever-se-ia realmente meditar nessa luz, não diretamente no sol, mas no reflexo do sol na água cintilante. Mas o mar nem sempre é assim; há um mês ou dois rolou com fúria, esmagando o cais, destruindo as casas em redor da praia, trazendo a devastação, até para a estrada principal ao longo dele. Agora estavam a reparar o cais esmagado com toda a madeira arrastada para a costa, grandes quantidades dela. Hoje, porém, como um animal amansado, podias acariciá-lo, podias sentir a profundidade e a largura e a beleza deste vasto mar, tão azul. Mais perto da costa era de um verde Nilo. Ir por aquela estrada junto ao mar no ar salgado era uma coisa extremamente agradável, apenas ver as colinas, a relva a ondular e o vasto mar de água.

Tudo isto desapareceu na enorme e feia cidade, uma cidade que se estendeu por milhas e milhas e milhas. Não era uma cidade muito agradável, mas as pessoas viviam ali e pareciam gostar dela.

Não sei se, sentado na praia, alguma vez observaste o mar, observaste as ondas ir e vir. A sétima onda parece ser a maior, estrondando em direção à terra. Há muito pouca maré no Pacífico — pelo menos não aqui, não como aquelas marés que recuam muitas milhas e entram tão rapidamente. Aqui há sempre um pequeno fluxo e refluxo, entrando e saindo, repetido por séculos e séculos. Se puderes olhar para esse mar, o cintilar da luz deslumbrante, e a água límpida, com todos os teus sentidos altamente despertos para a sua excelência, nessa observação não há o centro como tu, a observar. É uma coisa bela observar esse mar, e a areia, limpa, lavada todos os dias.

Nenhuma pegada pode permanecer ali, até os pequenos pássaros do mar nunca deixam a sua marca, o mar lava-as.

As casas ao longo da praia são pequenas, asseadas; provavelmente pessoas muito ricas vivem por ali. Mas tudo isso não conta para nada — as suas riquezas, a sua vulgaridade, os seus carros elegantes. Viu-se um Mercedes muito antigo com tubos de escape fora do capô, três de cada lado. Os proprietários pareciam estar muito orgulhosos dele, tinham-no polido, lavado, tido tão grande cuidado com ele. Provavelmente tinham comprado aquela máquina em vez de muitas outras coisas. Ainda se podiam fazer muitas milhas nele; estava bem montado para durar.

Sentado na costa a observar os pássaros, o céu e a ouvir o som distante dos carros a passar, era uma manhã extremamente bela. Saías com o refluxo e entravas com a maré. Saías para longe e voltavas novamente — este movimento sem fim de entrar e sair e sair e entrar. Podias ver até onde o horizonte onde o céu se encontrava com as águas. Era uma grande baía com água azul e branca e pequenas casas ao redor. E atrás de ti estavam as montanhas, cordilheira após cordilheira. Observando sem um único pensamento, observando sem qualquer reação, observando sem identidade, apenas observando sem fim, tu realmente não estás acordado, estás distraído, não estás todo ali; tu não és tu, mas a observar. A observar os pensamentos que surgem e depois se desvanecem, pensamento após pensamento, o próprio pensamento está a tornar-se consciente de si mesmo. Não há pensador a observar o pensamento, o pensador é o pensamento.

Sentado na praia a observar as pessoas a passar, dois ou três casais e uma mulher sozinha, parece que toda a natureza, tudo ao teu redor, desde o mar azul profundo até àquelas altas montanhas rochosas, estava também a observar. Nós estamos a observar, não a esperar, não a expectativa de que algo aconteça, mas a observar sem fim. Nessa observação há aprendizagem, não a acumulação de conhecimento através da aprendizagem que é quase mecânica, mas observando de perto, nunca superficialmente, mas profundamente, com uma rapidez e uma ternura; então não há observador. Quando há

um observador é meramente o passado a observar, e isso não é observar, isso é apenas recordar e é matéria bastante morta. Observar é enormemente vivo, a cada momento um vazio. Aqueles pequenos caranguejos e aquelas gaivotas e todos aqueles pássaros a voar perto estão a observar. Estão a observar à procura de presa, de peixe, a observar algo para comer; eles também estão a observar. Alguém passa perto de ti e pergunta-se o que estás a observar. Tu não estás a observar nada, e nesse nada tudo presente.

No outro dia um homem que tinha viajado imenso, visto imenso, escrito esta ou aquela coisa, veio — um homem idoso com uma barba, que estava bem cuidada; estava vestido decentemente, sem o desleixo da vulgaridade. Cuidava dos seus sapatos, das suas roupas. Falava um inglês excelente, embora fosse estrangeiro. E ao homem que estava sentado na praia a observar, disse que tinha falado com imensas pessoas, discutido com alguns professores e eruditos, e enquanto esteve na Índia tinha falado com alguns dos pundita. E a maior parte deles, parecia, segundo ele, não estava preocupada com a sociedade, não estava profundamente empenhada em qualquer reforma social ou na crise presente da guerra. Ele estava profundamente preocupado com a sociedade em que estávamos a viver, embora não fosse um reformador social. Não tinha a certeza se a sociedade podia ser mudada, se se podia fazer algo a esse respeito. Mas via o que ela era; a vasta corrupção, a absurdidade dos políticos, a pequenez, a vaidade e a brutalidade que é rampante no mundo.

Disse ele: «O que podemos fazer relativamente a esta sociedade? — não pequenas reformas insignificantes aqui e ali, mudando um Presidente por outro, ou um Primeiro-Ministro por outro — eles são todos do mesmo tacho mais ou menos; não podem fazer muito porque representam a mediocridade, ou até menos do que isso, a vulgaridade; querem exhibir-se, nunca farão nada. Provocarão pequenas reformas insignificantes aqui e ali, mas a sociedade continuará apesar deles.»

Ele tinha observado as várias sociedades, culturas. Não são assim tão diferentes fundamentalmente. Parecia ser um homem muito sério com um sorriso e falou sobre a beleza deste país, a vastidão, a

variedade, desde os desertos quentes até às altas Rochosas com o seu esplendor. Escutava-se ele como se escutaria e observaria o mar.

A sociedade não pode ser mudada a menos que o homem mude. O homem, tu e outros, criámos estas sociedades durante gerações e gerações; todos nós criámos estas sociedades a partir da nossa pequenez, estreiteza, a partir da nossa limitação, da nossa ganância, inveja, brutalidade, violência, competição, e assim por diante. Nós somos responsáveis pela mediocridade, pela estupidez, pela vulgaridade, por toda a tolice tribal e sectarismo religioso. A menos que cada um de nós mude radicalmente, a sociedade nunca mudará. Ela está ali, nós fizemo-la, e depois ela faz-nos. Molda-nos, como nós a moldámos. Põe-nos num molde e o molde põe-na numa estrutura que é a sociedade.

Assim esta ação está a acontecer sem fim, como o mar com uma maré que vai para muito longe e depois entra, por vezes muito, muito lentamente, outras vezes rapidamente, perigosamente. Entrar e sair; ação, reação, ação. Esta parece ser a natureza deste movimento, a menos que haja uma ordem profunda em si mesmo. Essa mesma ordem provocará a ordem na sociedade, não através de legislação, governos e todo esse negócio — embora enquanto houver desordem, confusão, a lei, a autoridade, que é criada pela nossa desordem, continuará. A lei é feitura do homem, como a sociedade é — o produto do homem é a lei.

Assim o interior, a psique, cria o exterior segundo a sua limitação; e o exterior depois controla e molda o interior. Os comunistas pensaram, e provavelmente ainda pensam, que ao controlar o exterior, provocando certas leis, regulamentos, instituições, certas formas de tirania, podem mudar o homem. Mas até agora não tiveram sucesso, e nunca terão sucesso. Esta é também a atividade dos socialistas. Os capitalistas fazem-no de uma maneira diferente, mas é a mesma coisa. O interior vence sempre o exterior, pois o interior é muito mais forte, muito mais vital do que o exterior.

Pode este movimento alguma vez parar — o interior a criar o ambiente exterior psicologicamente, e o exterior, a lei, as instituições, as organizações, a tentar moldar o homem, o cérebro, para agir de uma certa maneira, e o cérebro, o interior, a psique, depois a mudar, a contornar o exterior? Este movimento tem vindo a acontecer desde que o homem está nesta terra, rudemente, superficialmente, por vezes brilhantemente — é sempre o interior a vencer o exterior, como o mar com as suas marés a sair e a entrar.

Dever-se-ia realmente perguntar se este movimento pode alguma vez parar — ação e reação, ódio e mais ódio, violência e mais violência. Tem um fim quando há apenas observar, sem motivo, sem resposta, sem direção. A direção passa a existir quando há acumulação. Mas observar, em que há atenção, consciência, e um grande sentido de compaixão, tem a sua própria inteligência. Esse observar e a inteligência agem. E essa ação não é o fluxo e refluxo. Mas isto requer uma grande alerta, ver as coisas sem a palavra, sem o nome, sem qualquer reação; nesse observar há uma grande vitalidade, paixão.

CALIFÓRNIA SEGUNDA-FEIRA, 9 DE MAIO DE 1983

JÁ ESTAVAS BASTANTE no alto, olhando para baixo para o vale, e se subires uma milha ou mais para cima e para cima no caminho sinuoso, passando por todo o tipo de vegetação — carvalhos-da-Califórnia, salvia, carvalho-venenoso — e passando por um ribeiro que está sempre seco no verão, podes ver o mar azul longe na distância, através de cordilheira após cordilheira. Aqui em cima está absolutamente quieto. Está tão parado que não há um sopro de ar. Olhas para baixo e as montanhas olham para baixo para ti. Podes

continuar a subir a montanha durante muitas horas, descer para outro vale e subir novamente. Já o fizeste várias vezes antes, duas vezes alcançando o próprio topo daquelas montanhas rochosas. Para lá delas, para norte, está uma vasta planície de deserto. Lá em baixo está muito calor, aqui está bastante frio; tens de vestir algo apesar do sol quente.

E à medida que desces, olhando para as várias árvores, plantas e pequenos insetos, de repente ouves o guizo de uma cascavel. E das um salto, felizmente para longe da cascavel. Estás apenas a cerca de três metros dela. Ela ainda está a chocalhar o guizo. Olham um para o outro e observam. As cobras não têm pálpebras. Esta não era muito comprida, mas bastante grossa, tão grossa como o teu braço. Manténs a tua distância e observa-la muito cuidadosamente, o seu padrão, a sua cabeça triangular e a sua língua preta a oscilar para dentro e para fora. Observam-se um ao outro. Ela não se mexe e tu não te mexes. Mas no momento seguinte, com a cabeça e a cauda viradas para ti, ela desliza para trás e tu dás um passo em frente. Novamente ela enrola-se e chocalha o guizo e vocês observam-se um ao outro. E novamente, com a cabeça e a cauda viradas para ti, ela começa a recuar e novamente tu moves-te para a frente; e novamente ela enrola-se e chocalha. Fazes isto durante vários minutos, talvez dez minutos ou mais; depois ela fica cansada. Vês que ela está imóvel, à espera, mas à medida que te aproximas dela, ela não chocalha.

Perdeu temporariamente a sua energia. Estás bastante perto dela. Ao contrário da cobra-capelo que se levanta para atacar, esta cobra ataca lançando-se para a frente. Mas não houve movimento. Estava demasiado exausta, por isso deixa-la. Era realmente uma coisa bastante venenosa, perigosa. Provavelmente podias tocar-lhe, mas estás indisposto a fazê-lo, embora não assustado. Sentes que preferias não lhe tocar e deixa-la em paz.

E à medida que desces mais, quase pisas uma codorniz com cerca de uma dúzia ou mais de bebés. Eles dispersam para os arbustos próximos, e a mãe também desaparece num arbusto e chamam todos uns pelos outros. Tu desces e esperas, e se tiveres a paciência de

observar, no momento seguinte vê todos a juntarem-se debaixo da asa da mãe. Está fresco lá em cima e eles estão à espera que o sol aqueça o ar e a terra.

Desces através do pequeno ribeiro, passas por um prado que está quase a perder o seu verde, e regressas ao teu quarto bastante cansado, mas revigorado pela caminhada e pelo sol da manhã. Vês as laranjeiras com as suas laranjas amarelo-brilhante, os arbustos de roseiras e o murto, e as altas eucaliptos. Está tudo muito pacífico na casa.

Era uma manhã agradável, repleta de atividades estranhas sobre a terra. Todas aquelas pequenas coisas vivas, correndo de um lado para o outro, procurando a sua comida matinal — o esquilo, a toupeira. Comem as raízes tenras das plantas e são bastante destrutivos. Um cão pode matá-los num instante com uma dentada.

Está muito seco, as chuvas acabaram e foram-se, para regressar talvez daqui a quatro meses ou mais. Todo o vale lá em baixo continua a reluzir. É estranho como há um silêncio velado sobre toda a terra. Apesar do ruído das cidades e do trânsito, há algo de quase palpável, algo de sagrado. Se estiver em harmonia com a natureza, com todas as coisas ao seu redor, então estará em harmonia com todos os seres humanos. Se perdeu a sua relação com a natureza, perderá inevitavelmente a sua relação com os seres humanos.

Um grupo inteiro de nós, sentados à mesa no final da refeição, começou uma conversa séria, como já tinha acontecido várias vezes. Era sobre o significado das palavras, o peso da palavra, o conteúdo da palavra, não apenas o sentido superficial da palavra, mas a sua profundidade, a sua qualidade, o seu sentimento. É claro que a palavra nunca é a coisa real. A descrição, a explicação, não é aquilo que é descrito, nem aquilo sobre o qual há uma explicação.

A palavra, a frase, a explicação não são a realidade. Mas a palavra é usada como uma comunicação do pensamento de alguém, do sentimento de alguém, e a palavra, embora não seja comunicada a outro, guarda o sentimento dentro de si mesmo. O real nunca

condiciona o cérebro, mas a teoria, a conclusão, a descrição, a abstração condicionam-no. A mesa nunca condiciona o cérebro, mas Deus sim, seja o Deus dos hindus, dos cristãos ou dos muçulmanos. O conceito, a imagem, condiciona o cérebro, não aquilo que está realmente a acontecer, a ter lugar.

Para o cristão, a palavra Jesus ou Cristo tem um grande significado, uma grande importância, evoca um sentimento profundo, uma sensação. Essas palavras não têm significado para o hindu, para o budista ou para o muçulmano. Essas palavras não são o real. Portanto, essas palavras, que têm sido usadas há dois mil anos, condicionaram o cérebro. O hindu tem os seus próprios deuses, as suas próprias divindades. Essas divindades, tal como as dos cristãos, são as projeções do pensamento, resultantes do medo, do prazer e assim por diante.

Parece que a linguagem realmente não condiciona o cérebro; o que condiciona é a teoria da linguagem, a abstração de um certo sentimento e a abstração a tomar a forma de uma ideia, de um símbolo, de uma pessoa — não a pessoa real, mas uma pessoa imaginada, ou desejada, ou projetada pelo pensamento. Todas essas abstrações, essas ideias, conclusões, por mais fortes que sejam, condicionam o cérebro. Mas o real, como a mesa, nunca o faz.

Tome-se uma palavra como «sofrimento». Essa palavra tem um significado diferente para o hindu e para o cristão. Mas o sofrimento, de qualquer modo que seja descrito por palavras, é partilhado por todos nós. O sofrimento é o facto, o real. Mas quando tentamos escapar-lhe através de alguma teoria, ou através de uma pessoa idealizada, ou através de um símbolo, essas formas de fuga moldam o cérebro. O sofrimento como facto não o faz, e é importante compreender isto.

Como a palavra «apego»; ver a palavra, segurá-la como que na mão e observá-la, sentir a sua profundidade, todo o seu conteúdo, as suas consequências, o facto de estarmos apegados — o facto, não a palavra; esse sentimento não molda o cérebro, não o coloca num

molde, mas no momento em que alguém se afasta dele, isto é, quando o pensamento se afasta do facto, esse próprio movimento de afastamento, movimento de fuga, não é apenas um fator de tempo, mas o início da moldagem do cérebro num determinado formato.

Para o budista, a palavra Buda, a impressão, a imagem, cria uma grande reverência, um grande sentimento, devoção; ele procura refúgio na imagem que o pensamento criou. E como o pensamento é limitado, porque todo o conhecimento é sempre limitado, essa própria imagem traz o conflito — o sentimento de reverência a uma pessoa, ou a um símbolo, ou a uma certa tradição há muito estabelecida —, mas o sentimento de reverência em si, divorciado de todas as imagens externas, símbolos e assim por diante, não é um fator de condicionamento do cérebro.

Ali, sentado na cadeira ao lado, estava um cristão modificado. E quando do outro lado da mesa se mencionava Cristo, podia sentir-se imediatamente a reserva restritiva e reverencial. Essa palavra condicionou o cérebro. É absolutamente extraordinário observar todo este fenómeno de comunicação com palavras, cada raça dando um significado e uma importância diferentes à palavra e criando assim uma divisão, uma limitação ao sentimento de que a humanidade sofre. O sofrimento da humanidade é comum, é partilhado por todos os seres humanos. O russo pode expressá-lo de uma maneira, o hindu, o cristão de outra, e assim por diante, mas o facto do sofrimento, a sensação real de dor, desgosto, solidão, esse sentimento nunca molda ou condiciona o cérebro. Por isso, a pessoa torna-se muito atenta a, consciente de, as subtilezas da palavra, o significado, o peso dela.

O sentimento universal e global de todos os seres humanos e da sua inter-relação só pode surgir quando as palavras «nação», «tribo», «religião» tiverem todas desaparecido. Ou a palavra tem profundidade, significado, ou não tem nenhum. Para a maioria de nós, as palavras têm muito pouca profundidade, perderam o seu peso. Um rio não é um rio em particular. Os rios da América ou de Inglaterra ou da Europa ou da Índia são todos rios, mas no momento em que há identificação através de uma palavra, há divisão. E esta divisão é uma

abstração do rio, da qualidade da água, da profundidade da água, do volume, do fluxo, da beleza do rio.

OJAI CALIFÓRNIA QUINTA-FEIRA, 12 DE MAIO DE 1983

É A ALVORADA nestas latitudes do norte. Nestas latitudes a alvorada começa muito cedo e dura muito tempo. É uma das coisas mais belas da terra, o começo de uma alvorada e o começo de um dia.

Depois de uma noite de tempestade, as árvores sacudidas, as folhas agitadas e os ramos secos partidos, os ventos longos e perseguidores limpam o ar, que está seco. A alvorada estava a rastejar tão lentamente sobre a terra; tinha uma qualidade extraordinária esta manhã, especialmente esta manhã — é provavelmente devido aos ventos de ontem. Mas esta alvorada neste dia em particular era algo mais do que a alvorada de outros dias. Era tão profundamente silenciosa. Quase não se ousava respirar com medo de perturbar seja o que for. As folhas estavam quietas, até as folhas mais tenras. Era como se toda a terra estivesse a reter a respiração, provavelmente em grande adoração. E lentamente o sol tocou o topo das montanhas, cor-de-laranja, amarelo, e havia salpicos de luz noutras colinas. E ainda havia um grande silêncio. Depois começaram os ruídos — o canto dos pássaros, o gavião-de-cauda-vermelha a pairar no céu, e a rola começou o seu canto lamentoso —, mas o silêncio da alvorada estava na manhã, em toda a terra.

Se caminharmos lá para baixo, abaixo da colina, atravessando o vale no alto, passando pelos pomares de laranjeiras e por alguns relvados verdes, passando pelos eucaliptos altos e esguios, chegamos a uma colina na qual existem muitos edifícios. É um instituto para uma coisa qualquer, e do outro lado do vale há um longo campo de golfe, belissimamente mantido; jogámos nele há muito tempo. A pessoa já se esqueceu do campo, dos bunkers, mas ele ainda lá está, mantido com muito cuidado. Vê-se bastante gente com sacos pesados a jogar nele. Antigamente a pessoa tinha um saco com apenas seis tacos, mas agora há cerca de uma dúzia. Está a tornar-se demasiado profissional, demasiado dispendioso.

Chega-se a outra colina, e aí também há várias instituições, fundações, organizações de quase todo o tipo. Por todo o mundo há dezenas de instituições, fóruns, grupos de orientação interna e externa. Por todo o lado onde se vá no chamado mundo livre há todo o tipo de instituição, organização, fórum, para fazer isto e para fazer aquilo, para trazer a paz ao homem, para preservar a natureza selvagem, para salvar os vários animais e assim por diante. É bastante desconcertante e bastante comum agora — grupos disto e grupos daquilo, cada grupo com os seus próprios líderes, os seus próprios presidentes e secretários, o homem que o começou e os outros que o seguiram. É bastante extraordinário, todas estas pequeninas organizações e instituições. E lentamente começam a deteriorar-se; provavelmente é inerente a todas as instituições, incluindo as instituições que ajudam o homem exteriormente, como as instituições para um maior conhecimento.

Essas são provavelmente necessárias, mas a pessoa fica bastante sobressaltada por haver também estes grupos de orientação interna de vários tipos que fazem diferentes tipos de meditação. São bastante curiosas essas duas palavras «orientado internamente» — quem é o orientador e qual é a orientação? Será o orientador diferente da orientação? Parece que nunca fazemos perguntas fundamentais.

Há organizações para ajudar o homem no mundo físico, controladas por homens que em si mesmos têm os seus problemas e as suas ambições e realizações, a adorar o sucesso, mas isso parece ser quase inevitável e esse tipo de coisa tem vindo a acontecer há milhares e milhares de anos. Mas haverá instituições para estudar o homem ou trazer a paz ao homem? Irão os vários sistemas, baseados em alguma conclusão, realmente ajudar o homem? Aparentemente todos os organizadores no mundo sentem que sim, mas terão eles realmente ajudado o homem a libertar-se do seu desgosto, dor, ansiedade e de todo o tormento da vida? Poderá uma agência externa, por mais exaltada, por mais estabelecida que esteja em algum tipo de tradição mística ideacional, de alguma forma mudar o homem?

O que trará fundamentalmente uma mudança radical na brutalidade do homem, porá fim às guerras pelas quais ele passou e ao conflito constante em que vive? Irá o conhecimento ajudá-lo? Se se quiser usar essa palavra, evolução — o homem evoluiu através do conhecimento. Desde os tempos antigos que ele acumulou uma grande quantidade de informação, conhecimento sobre o mundo ao seu redor, acima dele, do carro de bois ao jato, do jato à ida à Lua, e assim por diante. Há um progresso tremendo em tudo isto. Mas terá este conhecimento de alguma forma posto fim ao seu egoísmo, à sua imprudência agressiva e competitiva?

O conhecimento, afinal de contas, é estar consciente e conhecer todas as coisas do mundo, como o mundo foi criado, as realizações do homem desde o início até aos dias de hoje. Estamos todos bem informados, uns mais, outros menos, mas interiormente somos muito primitivos, quase bárbaros, por mais cultivados que sejamos exteriormente, por mais bem informados sobre muitas, muitas coisas, capazes de argumentar, de convencer, de chegar a algumas decisões e conclusões. Isto pode continuar infinitamente no exterior. Há dezenas e dezenas de especialistas de todo o tipo, mas a pessoa pergunta seriamente: poderá qualquer tipo de agência externa, incluindo Deus, ajudar o homem a acabar com o seu desgosto, a sua absoluta solidão, confusão, ansiedade e assim por diante? Ou terá ele de viver sempre com isso, aguentar isso, habituar-se a isso e dizer que faz parte da vida? A vasta maioria da humanidade em todo o mundo tolera-o, aceita-o. Ou têm instituições para rezar a algo exterior — rezar pela paz, fazer manifestações pela paz, mas não há paz no coração do homem.

O que mudará o homem? Ele tem sofrido infinitamente, preso na teia do medo, sempre a perseguir o prazer. Este tem sido o rumo da sua vida, e nada parece mudá-lo. Em vez de ser cínico em relação a tudo isto, ou amargo, ou zangado, é assim, a vida é assim, e perguntamos, como pode tudo isso ser mudado? Certamente não por uma agência externa. O homem tem de enfrentar isso, não evitar isso, e examinar isso sem pedir qualquer ajuda; ele é dono de si mesmo. Ele

fez esta sociedade, ele é responsável por ela, e esta própria responsabilidade exige que ele provoque uma mudança em si mesmo. Mas muito poucos prestam atenção a tudo isto. Para a vasta massa de pessoas, o seu pensamento é tão profundamente indiferente, irresponsável, procurando preencher a sua própria vida egoísta, sublimando os seus desejos, mas continuando ainda assim egoísta.

Olhar para tudo isto não é ser um pessimista nem tentar ser um otimista. A pessoa tem de olhar para tudo isto. E você é o único que pode mudar a si mesmo e a sociedade em que vive. Isso é um facto, e não pode escapar-lhe. Se escapar-lhe, então nunca vai ter paz nesta terra, nunca um sentido duradouro de alegria, um sentido de ventura.

A alvorada acabou e um novo dia começou. É realmente um novo dia, uma nova manhã. E quando se olha ao redor, a pessoa maravilha-se com a beleza da terra e das árvores e com a riqueza dela. É realmente um novo dia e a maravilha disto é que está ali.

BROCKWOOD PARK SEGUNDA-FEIRA, 30 DE MAIO DE 1983

TEM ESTADO A chover aqui há mais de um mês, todos os dias. Quando se vem de um clima como o da Califórnia, onde as chuvas pararam há mais de um mês, onde os campos verdes estavam a secar e a ficar castanhos e o sol estava muito quente (estava a mais de 90° e ficaria ainda mais quente, embora digam que vai ser um verão ameno) — quando se vem desse clima é bastante chocante e surpreendente ver a relva verde, as árvores verdes maravilhosas e as faias-vermelhas, que são de um castanho claro, copadas, tornando-se gradualmente cada vez mais escuras. Vê-las agora entre as árvores verdes é um encanto. Vão ficar muito escuras à medida que o verão avança. E esta terra é muito bela. A terra, quer seja deserto ou cheia de pomares e campos verdes e brilhantes, é sempre bela.

Dar um passeio pelos campos com o gado e os cordeiros novos, e nos bosques com o canto dos pássaros, sem um único pensamento na mente, apenas a observar a terra, as árvores, as ovelhas e a ouvir o cuco a chamar e os pombos-torcazes; caminhar sem qualquer emoção,

qualquer sentimento, observar as árvores e toda a terra: quando se observa assim, aprende-se o próprio pensamento, fica-se consciente das próprias reações e não se permite que um único pensamento escape sem compreender por que razão veio, qual foi a causa dele. Se estiver atento, nunca deixando passar um pensamento, então o cérebro torna-se muito quieto. Então observa-se num grande silêncio e esse silêncio tem uma profundidade imensa, uma beleza duradoura e incorruptível.

O rapaz era bom nos jogos, realmente bastante bom. Também era bom nos estudos; era sério. Por isso, um dia foi ter com o seu professor e disse: «Senhor, poderia conversar consigo?» O educador disse: «Sim, podemos conversar; vamos dar um passeio lá fora.» Tiveram assim um diálogo. Foi uma conversa entre o professor e o aluno, uma conversa na qual havia algum respeito de ambos os lados e, como o educador também era sério, a conversa foi agradável, amigável, e tinham-se esquecido de que ele era um professor com um estudante; o posto foi esquecido, a importância daquele que sabe, a autoridade, e do outro que é curioso.

«Senhor, pergunto-me se sabe do que se trata tudo isto, por que razão estou a receber uma educação, que papel desempenhará quando eu crescer, que papel tenho eu neste mundo, por que razão tenho de estudar, por que razão tenho de me casar e qual é o meu futuro? É claro que percebo que tenho de estudar e passar em algum tipo de exames e espero ser capaz de passar. Provavelmente viverei durante alguns anos, talvez cinquenta, sessenta ou mais, e em todos esses anos vindouros qual será a minha vida e a vida das pessoas ao meu redor? O que vou ser e qual é o sentido destas longas horas sobre livros e a ouvir os professores? Pode haver uma guerra devastadora; podíamos ser todos mortos. Se a morte é tudo o que está à frente, então qual é o sentido de toda esta educação? Por favor, estou a fazer estas perguntas com muita seriedade porque ouvi os outros professores e o senhor também a apontarem muitas destas coisas.»

«Gostaria de pegar numa pergunta de cada vez. Fizeste muitas perguntas, colocaste vários problemas diante de mim, por isso

primeiro vamos olhar para talvez a pergunta mais importante: qual é o futuro da humanidade e de ti mesmo? Como sabes, os teus pais têm uma vida bastante desafogada e é claro que querem ajudar-te de todas as formas que puderem. Talvez se te casares eles te deem uma casa, comprem uma casa com todas as coisas necessárias lá dentro, e podes vir a ter uma boa esposa — podes. Então o que é que vais ser? A pessoa medíocre habitual? Arranjar um emprego, assentar a vida com todos os problemas ao teu redor e dentro de ti — é esse o teu futuro? É claro que uma guerra pode vir, mas pode não acontecer; esperemos que não aconteça.

Esperemos que o homem possa chegar a compreender que guerras de qualquer tipo nunca resolverão nenhum problema humano. Os homens podem melhorar, podem inventar aviões melhores e assim por diante, mas as guerras nunca resolveram os problemas humanos e nunca resolverão. Por isso, esqueçamos por um momento que todos nós poderíamos ser destruídos através da loucura de superpotências, através da loucura de terroristas ou de algum demagogo em algum país a querer destruir os seus inimigos inventados. Esqueçamos tudo isso por um momento. Consideremos qual é o teu futuro, sabendo que és parte do resto do mundo. Qual é o teu futuro? Como perguntei, ser uma pessoa medíocre? Mediocridade significa ir até meio da colina, ficar a meio caminho em qualquer coisa, nunca ir até ao topo da montanha ou exigir toda a tua energia, a tua capacidade, nunca exigir a excelência.

É claro que deves compreender também que haverá todas as pressões de fora — pressões para fazer isto, todas as várias e estreitas pressões e propagandas sectárias religiosas. A propaganda nunca pode dizer a verdade; a verdade nunca pode ser propagada. Por isso espero que percebas a pressão sobre ti — pressão dos teus pais, da tua sociedade, da tradição para seres um cientista, para seres um filósofo, para seres um físico, um homem que realiza investigação em qualquer campo; ou para seres um homem de negócios. Percebendo tudo isto, o que deves fazer na tua idade, que caminho seguirás? Temos vindo a

falar sobre todas estas coisas durante muitos períodos letivos e provavelmente, se se puder assinalar, aplicaste a tua mente a tudo isto.

Por isso, como temos algum tempo juntos para dar uma volta à colina e voltar, pergunto-te, não como professor, mas com afeto, como um amigo verdadeiramente preocupado, qual é o teu futuro? Mesmo que já tenhas decidido passar em alguns exames e ter uma carreira, uma boa profissão, ainda tens de perguntar: é só isso? Mesmo que venhas a ter uma boa profissão, talvez uma vida bastante agradável, terás muitos problemas, dificuldades. Se tiveres uma família, qual será o futuro dos teus filhos? Esta é uma pergunta a que tens de responder tu mesmo e talvez possamos falar sobre isso. Tens de considerar o futuro dos teus filhos, não apenas o teu próprio futuro, e tens de considerar o futuro da humanidade, esquecendo que és alemão, francês, inglês ou indiano. Vamos falar sobre isso, mas por favor compreende que não te estou a dizer o que deves fazer. Só os tolos dão conselhos, por isso não estou a entrar nessa categoria. Estou apenas a questionar de uma forma amigável, o que espero que percebas; não te estou a empurrar, a orientar, a persuadir. Qual é o teu futuro? Irás amadurecer rapidamente ou lentamente, graciosamente, sensivelmente? Serás medíocre, embora possas ser de primeira classe na tua profissão? Podes sobressair, podes ser muito, muito bom em seja o que for que faças, mas estou a falar da mediocridade da mente, do coração, da mediocridade de todo o teu ser.»

«Senhor, não sei realmente como responder a estas perguntas. Não pensei muito nisso, mas quando faz essa pergunta, se vou tornar-me como o resto do mundo, medíocre, certamente não quero ser isso. Também percebo a atração do mundo. Também vejo que parte de mim quer tudo isso. Quero divertir-me um pouco, ter alguns momentos felizes, mas o outro lado de mim também vê o perigo de tudo isso, as dificuldades, os impulsos, as tentações. Por isso não sei realmente onde vou parar.

E também, como assinalou em várias ocasiões, não sei eu próprio o que sou. Uma coisa é certa, não quero mesmo ser uma pessoa medíocre com uma mente e um coração pequenos, embora com um

cérebro que possa ser extraordinariamente inteligente. Posso estudar livros e adquirir uma grande quantidade de conhecimento, mas posso continuar a ser uma pessoa muito limitada e estreita. Mediocridade, senhor, é uma palavra muito boa que usou e quando olho para ela estou a ficar assustado — não da palavra, mas de todas as implicações do que mostrou. Não sei realmente e talvez, ao conversar sobre isso consigo, as coisas se possam esclarecer. Não consigo falar tão facilmente com os meus pais. Eles provavelmente tiveram os mesmos problemas que eu; podem ser mais maduros fisicamente, mas podem estar na mesma posição em que eu estou. Por isso, se posso pedir, senhor, posso aproveitar noutra ocasião, se estiver disposto, para falar comigo? Sinto-me realmente bastante assustado, nervoso, receoso da minha capacidade para enfrentar tudo isto, encarar isto, passar por isto e não me tornar uma pessoa medíocre.»

Foi uma daquelas manhãs como nunca houve outra antes: o prado próximo, as faias quietas e o caminho que vai para o bosque mais profundo — tudo era silêncio. Não havia um único pássaro a piar e os cavalos ali perto estavam parados. Uma manhã como esta, fresca, tenra, é uma coisa rara. Há paz nesta parte da terra e tudo estava muito quieto. Havia aquele sentimento, aquela sensação de silêncio absoluto. Não era um sentimentalismo romântico, não era imaginação poética. Era e é. Uma coisa simples é tudo o que isto é. As faias-vermelhas esta manhã estavam cheias de esplendor contra os campos verdes que se estendiam até ao longe, e uma nuvem cheia daquela luz da manhã flutuava preguiçosamente. O sol estava a nascer, havia uma grande paz e um sentido de adoração. Não a adoração de algum deus ou divindade imaginária, mas uma reverência que nasce de uma grande beleza. Esta manhã a pessoa podia libertar-se de todas as coisas que acumulou e ficar em silêncio com os bosques e as árvores e o relvado tranquilo. O céu era de um azul pálido e tenro e longe, através dos campos, um cuco chamava, os pombos-torcazes arrulhavam e os melros começavam o seu canto matinal. Ao longe podia ouvir-se um carro a passar. Provavelmente, quando os céus estão tão tranquilos com tanta beleza, choverá mais tarde. Acontece sempre quando o início da manhã é muito límpido. Mas esta manhã tudo era muito

especial, algo que nunca tinha acontecido antes e nunca poderia acontecer de novo.

«Ainda bem que vieste por tua própria iniciativa, sem seres convidado, e talvez, se estiveres preparado, possamos continuar a nossa conversa sobre a mediocridade e o futuro da tua vida. A pessoa pode ser excelente na sua carreira; não estamos a dizer que há mediocridade em todas as profissões; um bom carpinteiro pode não ser medíocre no seu trabalho, mas na sua vida diária e interior, na sua vida com a sua família, pode sê-lo. Ambos compreendemos o significado dessa palavra agora e devíamos investigar juntos a profundidade dessa palavra.

Estamos a falar de mediocridade interior, conflitos psicológicos, problemas e tormento. Pode haver grandes cientistas que contudo interiormente levam uma vida medíocre. Então qual vai ser a tua vida? De certas formas és um estudante inteligente, mas para que vais usar o teu cérebro? Não estamos a falar da tua carreira, isso virá mais tarde; aquilo com que nos devíamos preocupar é a forma como vais viver. É claro que não vais ser um criminoso no sentido comum dessa palavra. Não vais ser, se fores sábio, um rufia; eles são demasiado agressivos. Provavelmente arranjarás um excelente emprego, farás um excelente trabalho em seja o que for que escolhas fazer. Por isso ponhamos isso de parte por um momento; mas por dentro, qual é a tua vida? Interiormente, qual é o futuro? Vais ser como o resto do mundo, sempre a caçar o prazer, sempre perturbado com uma dúzia de problemas psicológicos?»

«Neste momento, senhor, não tenho problemas, exceto os problemas de passar nos exames e o cansaço de tudo isso. De resto parece que não tenho problemas. Há uma certa liberdade. Sinto-me feliz, jovem. Quando vejo todas estas pessoas idosas pergunto a mim mesmo: vou acabar assim? Parecem ter tido boas carreiras ou ter feito algo que queriam fazer, mas apesar disso tornam-se sombrias, maçadoras, e parece que nunca sobressaíram nas qualidades mais profundas do cérebro. Certamente não quero ser assim. Não é vaidade, mas quero ter algo diferente. Não é uma ambição. Quero ter uma boa

carreira e toda essa história, mas certamente não quero de modo nenhum ser como estas pessoas idosas que parecem ter perdido tudo o que gostam.»

«Podes não querer ser como elas, mas a vida é uma coisa muito exigente e cruel. Não te deixará em paz. Terás uma grande pressão da sociedade, quer vivas aqui, na América ou em qualquer outra parte do mundo. Serás constantemente impelido a tornar-te como os outros, a tornar-te um pouco hipócrita, a dizer coisas que não queres realmente dizer, e se te casares isso também pode trazer problemas. Tens de compreender que a vida é um assunto muito complexo — não é apenas perseguir o que queres fazer e ser casmurro em relação a isso. Estes jovens querem tornar-se algo — advogados, engenheiros, políticos e assim por diante; há o impulso, a força da ambição pelo poder, pelo dinheiro. É por isso que essas pessoas idosas de quem falas passaram. Estão desgastadas pelo conflito constante, pelos seus desejos. Olha para isso, olha para as pessoas ao teu redor. Estão todas no mesmo barco. Algumas abandonam o barco e vagam sem fim e morrem. Algumas procuram um canto tranquilo da terra e reformam-se; algumas entram para um mosteiro, tornam-se monges de vários tipos, fazendo votos desesperados. A vasta maioria, milhões e milhões, levam uma vida muito pequena, o seu horizonte é muito limitado. Têm os seus desgostos, as suas alegrias e parece que nunca escapam deles nem os compreendem e vão além.

Por isso perguntamos novamente um ao outro: qual é o nosso futuro, especificamente qual é o teu futuro? É claro que és demasiado jovem para entrar nesta questão muito profundamente, pois a juventude não tem nada a ver com a compreensão total desta questão. Podes ser um agnóstico; os jovens não acreditam em nada, mas à medida que ficas mais velho viras-te para alguma forma de superstição religiosa, dogma religioso, convicção religiosa. A religião não é um opiado, mas o homem fez a religião à sua própria imagem, conforto cego e, portanto, segurança. Fez da religião algo totalmente ininteligente e impraticável, não algo com que se possa viver. Que idade tens?»

«Vou fazer dezanove anos, senhor. A minha avó deixou-me alguma coisa para quando eu tiver vinte e um anos e talvez, antes de ir para a universidade, possa viajar e ver o mundo. Mas levarei sempre esta pergunta comigo onde quer que esteja, seja qual for o meu futuro. Posso casar-me, provavelmente casar-me-ei, e ter filhos, e assim surge a grande pergunta — qual é o futuro deles? Estou de certo modo consciente do que os políticos estão a fazer em todo o mundo. É um assunto feio no que me diz respeito, por isso acho que não serei um político. Tenho quase a certeza disso, mas quero um bom emprego. Gostaria de trabalhar com as minhas mãos e com o meu cérebro, mas a questão será como não me tornar uma pessoa medíocre como noventa e nove por cento do mundo. Por isso, senhor, o que devo fazer? Ah, sim, estou consciente das igrejas e dos templos e de tudo isso; não me sinto atraído por eles. Até me revolto contra tudo isso — os padres e a hierarquia da autoridade —, mas como vou evitar tornar-me uma pessoa comum, média, medíocre?»

«Se me é permitido sugerir, nunca, sob circunstância alguma, perguntes “como”. Quando usas a palavra “como”, queres realmente que alguém te diga o que fazer, algum guia, algum sistema, alguém que te leve pela mão de modo a que percas a tua liberdade, a tua capacidade de observar, as tuas próprias atividades, os teus próprios pensamentos, o teu próprio modo de vida. Quando perguntas “como”, tornas-te realmente um ser humano de segunda mão; perdes a integridade e também a honestidade inata para olhares para ti mesmo, para seres o que és e para ires além e acima do que és. Nunca, jamais faças a pergunta “como”. Estamos a falar psicologicamente, é claro. Tens de perguntar “como” quando queres montar um motor ou construir um computador. Tens de aprender algo sobre isso com alguém. Mas ser psicologicamente livre e original só pode acontecer quando estás consciente das tuas próprias atividades interiores, quando observas o que estás a pensar e nunca deixas escapar um único pensamento sem observar a natureza dele, a fonte dele. Observar, vigiar. Aprende-se muito mais sobre si mesmo observando do que através de livros ou de algum psicólogo ou de um académico ou professor complicado, inteligente e erudito.

Vai ser muito difícil, meu amigo. Pode despedaçar-te em muitas direções. Há uma grande quantidade de chamadas tentações — biológicas, sociais —, e podes ser despedaçado pela crueldade da sociedade. É claro que vais ter de te manter de pé sozinho, mas isso pode acontecer não através da força, da determinação ou do desejo, mas quando comesas a ver as coisas falsas ao teu redor e em ti mesmo: as emoções, as esperanças. Quando comesas a ver aquilo que é falso, então há o início da consciência, da inteligência. Tens de ser uma luz para ti mesmo e essa é uma das coisas mais difíceis da vida.»

«Senhor, fez com que tudo parecesse tão difícil, tão complexo, tão impressionante, assustador.»

«Estou apenas a apontar-te tudo isto. Não significa que os factos te devam assustar. Os factos estão lá para ser observados. Se os observares, eles nunca te assustam. Os factos não são assustadores. Mas se quiseses evitá-los, voltar as costas e correr, então isso é assustador. Ficar de pé, ver que o que fizeste pode não ter sido totalmente correto, viver com o facto e não interpretar o facto de acordo com o teu prazer ou forma de reação, isso não é assustador. A vida não é muito simples. A pessoa pode viver simplesmente, mas a vida em si é vasta, complexa. Estende-se de horizonte a horizonte. Podes viver com pouca roupa ou com uma refeição por dia, mas isso não é simplicidade. Por isso sê simples, não vivas de uma forma complicada, contraditória e assim por diante, sê apenas simples interiormente.... Jogaste ténis esta manhã. Estava a observar e pareces ser bastante bom nisso. Talvez nos voltemos a encontrar. Isso depende de ti.»

«Obrigado, senhor.»

OJAI CALIFÓRNIA TERÇA-FEIRA, 27 DE MARÇO DE 1984

NAQUELA VIAGEM DE carro a partir do aeroporto através da vulgaridade das grandes cidades que se estendem por muitas e muitas milhas, com luzes ofuscantes e tanto ruído, ao apanhar a autoestrada e ao passar por um pequeno túnel, de repente ia-se dar ao Pacífico. Era um dia límpido, sem um sopro de vento, mas como era de manhã cedo

havia uma frescura antes que a poluição do monóxido de carbono enchesse o ar. O mar estava tão calmo, quase como um lago imenso. E o sol estava justamente a surgir por cima da colina, e as águas profundas do Pacífico eram da cor do Nilo, mas nas margens eram de um azul-claro, lambendo suavemente as praias. E havia muitos pássaros e via-se ao longe uma baleia.

Seguindo a estrada da costa, havia muito poucos carros nessa manhã, mas casas por todo o lado; provavelmente viviam ali pessoas muito ricas. E viam-se as colinas agradáveis à esquerda quando se chegava ao Pacífico. Havia casas no topo das colinas e a estrada serpenteava para dentro e para fora, acompanhando o mar, e ia dar novamente a outra cidade, mas felizmente a autoestrada não passava por dentro dela.

Havia ali um centro naval com os seus meios modernos de matar a humanidade. E seguia-se em frente e virava-se à direita, deixando o mar para trás, e depois dos poços de petróleo conduzia-se para mais longe do mar, através de pomares de laranjeiras, passando por um campo de golfe, até uma pequena aldeia, com a estrada a serpentear pelos pomares de laranjeiras, e o ar estava cheio com o perfume da flor de laranjeira. E todas as folhas das árvores brilhavam. Parecia haver tanta paz neste vale, tão quieto, longe de todas as multidões e do ruído e da vulgaridade. Este país é belo, tão vasto — com desertos, montanhas cobertas de neve, aldeias, grandes cidades e rios ainda maiores. A terra é maravilhosa e belíssima, vasta, tudo incluindo.

E chegámos a esta casa que era ainda mais quieta e bela, construída recentemente e com a limpeza que as casas nas cidades não têm. Havia muitas flores, rosas e assim por diante. Um lugar para se estar quieto, não apenas para vegetar, mas para se estar realmente, profundamente, interiormente quieto. O silêncio é uma grande bênção, limpa o cérebro, dá-lhe vitalidade, e este silêncio acumula uma grande energia, não a energia do pensamento ou a energia das máquinas, mas essa energia não poluída, intocada pelo pensamento. É a energia que tem uma capacidade incalculável, aptidões. E este é um lugar onde o cérebro, estando muito ativo, pode estar silencioso. Essa própria

atividade intensa do cérebro tem a qualidade e a profundidade e a beleza do silêncio.

Embora se tenha repetido isto frequentemente, a educação é o cultivo de todo o cérebro, não de uma parte dele; é um cultivo holístico do ser humano. Uma escola secundária devia ensinar tanto ciência como religião. Ciência significa realmente o cultivo do conhecimento, não é? A ciência é o que trouxe o atual estado de tensão no mundo, pois juntou através do conhecimento o instrumento mais destrutivo que o homem alguma vez encontrou. Pode varrer cidades inteiras de um só golpe, milhões podem ser destruídos num segundo. Um milhão de seres humanos pode ser vaporizado.

E a ciência também nos deu uma grande quantidade de coisas benéficas — comunicação, medicina, cirurgia e inumeráveis pequenas coisas para o conforto do homem, para um modo de vida fácil no qual os seres humanos não precisam de lutar infinitamente para recolher comida, cozinhar e assim por diante. E deu-nos a divindade moderna, o computador. Pode-se enumerar as muitas, muitas coisas que a ciência trouxe para ajudar o homem e também para destruir o homem, destruir todo o mundo da humanidade e a vasta beleza da natureza. Os governos estão a usar os cientistas, e os cientistas gostam de ser usados pelos governos porque assim têm uma posição, dinheiro, reconhecimento e assim por diante. Os seres humanos também olham para a ciência para trazer a paz ao mundo, mas ela falhou, tal como a política e os políticos falharam em dar-lhes segurança total, paz para viverem e cultivarem não apenas os campos, mas o seu cérebro, o seu coração, o seu modo de viver, que é a arte mais elevada.

E as religiões — as religiões aceites, tradicionais, superficiais, credos e dogmas — trouxeram um grande dano ao mundo. Foram responsáveis por guerras na história, dividindo o homem contra o homem — um continente inteiro com crenças muito fortes, rituais, dogmas contra outro continente que não acredita nas mesmas coisas, não tem os mesmos símbolos, os mesmos rituais. Isto não é religião, é apenas a repetição de uma tradição, de rituais sem fim que perderam o sentido, exceto pelo facto de darem algum tipo de estímulo; tornou-se

um vasto entretenimento. A religião é algo inteiramente diferente. Falámos frequentemente sobre a religião. A essência da religião é a liberdade, não fazer o que se quer, isso é demasiado infantil, demasiado imaturo e demasiado contraditório, trazendo grande conflito, miséria e confusão.

A liberdade, novamente, é algo inteiramente diferente. Liberdade significa não ter conflito, psicologicamente, interiormente. E com a liberdade o cérebro torna-se holístico, não fragmentado em si mesmo. Liberdade também significa amor, compaixão, e não há liberdade se não houver inteligência. A inteligência é inerente à compaixão e ao amor. Podemos aprofundar isto infinitamente, não verbalmente ou intelectualmente, mas viver interiormente uma vida dessa natureza. E numa escola secundária, a ciência é o conhecimento. O conhecimento pode expandir-se infinitamente, mas esse conhecimento é sempre limitado porque o conhecimento se baseia na experiência e essa experiência pode ser um resultado teórico, hipotético. O conhecimento é necessário, mas enquanto a ciência for a atividade de um grupo separado, ou de uma nação separada, o que é uma atividade tribal, tal conhecimento só pode trazer um maior conflito, uma maior devastação ao mundo, que é o que está a acontecer agora. A ciência com o seu conhecimento não serve para destruir seres humanos porque os cientistas, afinal de contas, são seres humanos em primeiro lugar, não apenas especialistas; são ambiciosos, gananciosos, procurando a sua própria segurança pessoal como todos os outros seres humanos no mundo.

São como você e outro qualquer. Mas a sua especialização está a trazer uma grande destruição, bem como algum benefício. As últimas duas grandes guerras mostraram isso. A humanidade parece estar num movimento perpétuo de destruição e reconstrução — destruir e construir; destruir seres humanos e dar à luz uma população maior. Mas se todos os cientistas do mundo pousassem as suas ferramentas e dissessem: «Não contribuiremos para a guerra, para destruir a humanidade», poderiam virar a sua atenção, a sua aptidão, o seu

compromisso para trazer uma melhor relação entre a natureza, o meio ambiente e os seres humanos.

Se houver alguma paz entre algumas pessoas, então essas poucas, não necessariamente a elite, empregarão toda a sua aptidão para trazer um mundo diferente, e então a religião e a ciência podem caminhar juntas.

A religião é uma forma de ciência. Isto é, conhecer e ir além de todo o conhecimento, compreender a natureza e a imensidão do universo, não através de um telescópio, mas a imensidão da mente e do coração. E esta imensidão não tem absolutamente nada a ver com qualquer religião organizada. Quão facilmente o homem se torna um instrumento da sua própria crença, do seu próprio fanatismo, comprometido com algum tipo de dogma que não tem realidade. Nenhum templo, nenhuma mesquita, nenhuma igreja contém a verdade. São símbolos, talvez, mas os símbolos não são o real. Ao adorar um símbolo perderá o real, a verdade. Mas infelizmente foi dada ao símbolo uma importância muito maior do que à verdade. Adora-se o símbolo. Todas as religiões se baseiam em algumas conclusões e crenças, e todas as crenças são divisivas, quer sejam crenças políticas ou religiosas.

Onde há divisão tem de haver conflito. E uma escola secundária não é um lugar para o conflito. É um lugar para aprender a arte de viver. Esta arte é a maior, ultrapassa todas as outras artes porque esta arte toca todo o ser humano, não uma parte dele, por mais agradável que essa parte possa ser. E numa escola deste tipo, se o educador estiver comprometido com isto, não como um ideal, mas como uma realidade da vida diária — comprometido, repitamos novamente, não com algum ideal, alguma utopia, alguma conclusão nobre —, ele pode realmente tentar encontrar no cérebro humano um modo de viver que não esteja preso em problemas, lutas, conflitos e dor. O amor não é um movimento de dor, ansiedade, solidão; é intemporal. E o educador, se perseverar nisso, poderia incutir nos estudantes, juntamente com a aquisição de conhecimento, este verdadeiro espírito religioso que vai muito além de todo o conhecimento, que é talvez o próprio fim do

conhecimento — não talvez —, é o fim do conhecimento. Pois tem de haver libertação do conhecimento para compreender aquilo que é eterno, que é intemporal. O conhecimento pertence ao tempo, e a religião está livre da escravidão do tempo.

Parece tão urgente e importante que façamos surgir uma nova geração; mesmo meia dúzia de pessoas no mundo faria uma enorme diferença. Mas o educador precisa de educação. É a maior vocação do mundo.

OJAI CALIFÓRNIA QUARTA-FEIRA, 28 DE MARÇO DE 1984

O PACÍFICO NÃO parece ter grandes marés, pelo menos não deste lado do Pacífico ao longo da costa da Califórnia. É uma maré muito pequena, enche e vaza, ao contrário daquelas vastas marés que recuam várias centenas de jardas e vêm a correr para dentro. Há um som bastante diferente quando a maré está a vazar, quando o fluxo de água está a retirar-se, de quando está a entrar com uma certa fúria, uma qualidade de som totalmente diferente do som do vento entre as folhas.

Tudo parece ter um som. Aquela árvore no campo, na sua solidão, tem aquele som peculiar de estar separada de todas as outras árvores. As grandes sequóias têm o seu próprio som profundo, duradouro e ancestral. O silêncio tem o seu próprio som peculiar. E, claro, a tagarelice diária e sem fim dos seres humanos sobre os seus negócios, a sua política e os seus avanços tecnológicos e assim por diante, tem o seu próprio som. Um livro realmente bom tem as suas vibrações particulares de som. O vasto vazio também tem o seu som pulsante.

O refluxo e o fluxo da maré é como a ação e a reação humanas. As nossas ações e reações são tão rápidas. Não há uma pausa antes de a reação ocorrer. É colocada uma pergunta e imediatamente, instantaneamente, a pessoa tenta procurar uma resposta, uma solução para um problema. Não há uma pausa entre a pergunta e a resposta. Afinal de contas, nós somos o refluxo e o fluxo da vida — o exterior e

o interior. Tentamos estabelecer uma relação com o exterior, pensando que o interior é algo separado, algo que não tem ligação com o exterior. Mas certamente o movimento do exterior é o fluxo do interior. Ambos são o mesmo, como as águas do mar, este movimento constante e inquieto do exterior e do interior, a resposta ao desafio.

Essa é a nossa vida. Quando primeiro construímos a partir do interior, depois o interior torna-se o escravo do exterior. A sociedade que criámos é o exterior, e depois para essa sociedade o interior torna-se o escravo. E a revolta contra o exterior é igual à revolta do interior. Este constante refluxo e fluxo, inquieto, ansioso, temeroso: poderá este movimento parar alguma vez? É claro que o refluxo e o fluxo das águas do mar estão inteiramente livres deste refluxo e fluxo do exterior e do interior — o interior a tornar-se o exterior, e depois o exterior a tentar controlar o interior porque o externo se tornou suma importância; e depois a reação a essa importância a partir do interior. Este tem sido o modo de vida, uma vida de constante dor e prazer.

Parece que nunca aprendemos sobre este movimento, que ele é um único movimento. O exterior e o interior não são dois movimentos separados. As águas do mar recuam da praia, e depois a mesma água entra, fustigando as praias, os penhascos. Como separámos o externo e o interior, a contradição começa, a contradição que gera conflito e dor. Esta divisão entre o externo e o interno é tão irreal, tão ilusória, mas mantemos o externo totalmente separado do interior. Talvez esta possa ser uma das causas principais do conflito, contudo parece que nunca aprendemos — aprender não é memorizar, aprender é uma forma de movimento a todo o tempo —, aprender a viver sem esta contradição. O exterior e o interior são um só, um movimento unitário, não separado, mas todo. A pessoa pode talvez compreendê-lo intelectualmente, aceitá-lo como uma afirmação teórica ou um conceito intelectual, mas quando se vive com conceitos nunca se aprende.

Os conceitos tornam-se estáticos. Pode-se mudá-los, mas a própria transformação de um conceito noutro continua a ser estática, continua fixa. Mas sentir, ter a sensibilidade de ver que a vida não é

um movimento de duas atividades separadas, a externa e a interior, ver que é uma só, perceber que a inter-relação é este movimento, é este refluxo e fluxo de tristeza e prazer, alegria e depressão, solidão e fuga, perceber não verbalmente esta vida como um todo, não fragmentada, não despedaçada, é aprender.

Aprender sobre isso não é uma questão de tempo, contudo, não é um processo gradual, pois aí o tempo torna-se novamente divisivo. O tempo atua na fragmentação do todo. Mas ver a verdade disso num instante, e então ela está lá, esta ação e reação, sem fim — esta luz e escuridão, a beleza e a fealdade.

Aquilo que é todo está livre do refluxo e fluxo da vida, da ação e reação. A beleza não tem oposto. O ódio não é o oposto do amor.

OJAI CALIFÓRNIA SEXTA-FEIRA, 30 DE MARÇO DE 1984

CAMINHANDO PELA ESTRADA reta numa bela manhã, era primavera, e o céu estava extraordinariamente azul; não havia uma nuvem nele, e o sol estava apenas morno, não muito quente. Sabe bem. E as folhas brilhavam e havia um cintilar no ar. Era realmente uma manhã das mais extraordinariamente belas. A montanha alta estava lá, impenetrável, e as colinas lá em baixo estavam verdes e adoráveis. E enquanto caminhava silenciosamente, sem grande pensamento, viu uma folha morta, amarela e vermelho-brilhante, uma folha do outono. Quão bela era essa folha, tão simples na sua morte, tão viva, cheia da beleza e da vitalidade de toda a árvore e do verão. Estranho que não tivesse murchado. Olhando para ela mais de perto, viam-se todas as veias e o talo e a forma dessa folha. Essa folha era toda a árvore.

Por que razão os seres humanos morrem tão miseravelmente, tão infelizmente, com uma doença, velhice, senilidade, o corpo encolhido, feio? Por que não podem morrer naturalmente e tão belamente como esta folha? O que há de errado connosco? Apesar de todos os médicos, medicamentos e hospitais, operações e toda a agonia da vida, e dos prazeres também, parece que não somos capazes de morrer com dignidade, simplicidade e com um sorriso.

Uma vez, caminhando por uma azinhaga, ouviu-se atrás de si um cântico, melodioso, rítmico, com a força ancestral do sânscrito. A pessoa parou e olhou para trás. Um filho mais velho, nu até à cintura, carregava um vaso de terracota com um fogo a arder dentro dele. Segurava-o noutro recipiente e atrás dele vinham dois homens a carregar o seu pai morto, coberto com um pano branco, e estavam todos a cantar. Sabia-se o que era aquele cântico, quase que nos juntávamos a eles. Eles passaram e a pessoa seguiu-os. Iam estrada fora a cantar, e o filho mais velho estava em lágrimas. Carregaram o pai até à praia, onde já tinham recolhido uma grande pilha de madeira, e deitaram o corpo em cima desse monte de madeira e pegaram-lhe fogo.

Era tudo tão natural, tão extraordinariamente simples: não havia flores, não havia carro fúnebre, não havia carruagens pretas com cavalos pretos. Era tudo muito quieto e profundamente digno. E olhou-se para aquela folha, e para mil folhas da árvore. O inverno trouxe essa folha da sua mãe para aquele caminho e ela em breve secaria completamente e murcharia, desapareceria, levada pelos ventos e perdida.

À medida que ensina matemática, escrita, leitura e todo o processo de aquisição de conhecimento às crianças, devia ser-lhes ensinada também a grande dignidade da morte, não como uma coisa mórbida e infeliz que se tem de enfrentar eventualmente, mas como algo da vida diária — a vida diária de olhar para o céu azul e para o gafanhoto numa folha. Faz parte da aprendizagem, tal como nascerem os dentes e ter-se todo o desconforto das doenças infantis.

As crianças têm uma curiosidade extraordinária. Se vir a natureza da morte, não explica que tudo morre, do pó ao pó e assim por diante, mas sem qualquer medo explica-lhes suavemente e faz com que sintam que o viver e o morrer são um só — não no fim da vida de uma pessoa, após cinquenta, sessenta ou noventa anos, mas que a morte é como essa folha. Olhe para os homens e mulheres idosos, quão decrepitos, quão perdidos, quão infelizes e quão feios parecem. Será porque não compreenderam realmente nem o viver nem o morrer?

Usaram a vida, desperdiçam a sua vida com um conflito incessante que apenas exercita e dá força ao eu, ao «eu», ao ego.

Passamos os nossos dias em tais variedades de conflito e infelicidade, com alguma alegria e prazer a beber, a fumar, noites até tarde e trabalho, trabalho, trabalho. E no fim da vida a pessoa enfrenta essa coisa chamada morte e fica assustada com ela. A pessoa pensa que ela pode ser sempre compreendida, sentida profundamente. A criança, com a sua curiosidade, pode ser ajudada a compreender que a morte não é meramente o definhamento do corpo através da doença, da velhice e de algum acidente inesperado, mas que o fim de cada dia é também o fim de si mesmo todos os dias.

Não há ressurreição, isso é superstição, uma crença dogmática. Tudo na terra, nesta bela terra, vive, morre, surge e murcha. Apressar todo este movimento da vida requer inteligência, não a inteligência do pensamento, ou dos livros, ou do conhecimento, mas a inteligência do amor e da compaixão com a sua sensibilidade. Tem-se a certeza de que se o educador compreender o significado da morte e a dignidade dela, a extraordinária simplicidade do morrer — compreender isto não intelectualmente, mas profundamente —, então poderá ser capaz de transmitir ao estudante, à criança, que o morrer, o fim, não deve ser evitado, não é algo de que se deva ter medo, pois faz parte de toda a vida da pessoa, de modo a que, à medida que o estudante, a criança, cresce, nunca tenha medo do fim. Se todos os seres humanos que viveram antes de nós, gerações e gerações passadas, ainda vivessem nesta terra, quão terrível seria. O início não é o fim.

E a pessoa gostaria de ajudar — não, essa é a palavra errada —, a pessoa gostaria, na educação, de trazer a morte para algum tipo de realidade, de atualidade, não de alguém a morrer, mas de cada um de nós, por mais velho ou jovem que seja, ter inevitavelmente de enfrentar essa coisa. Não é um assunto triste de lágrimas, de solidão, de separação. Matamos tão facilmente, não apenas os animais para alimentação, mas a vasta matança desnecessária por diversão, chamada desporto — matar um veado porque é a época. Matar um veado é como matar o seu vizinho. Matam-se animais porque se

perdeu o contacto com a natureza, com todas as coisas vivas nesta terra. Mata-se em guerras por tantas ideologias românticas, nacionalistas, políticas. Em nome de Deus mataram-se pessoas. A violência e a matança vão juntas.

Ao olhar para aquela folha morta com toda a sua beleza e cor, talvez a pessoa compreendesse muito profundamente, ficasse consciente de qual deve ser a sua própria morte, não no próprio fim, mas no próprio início. A morte não é uma coisa horrorosa, algo a ser evitado, algo a ser adiado, mas antes algo para se estar junto dia sim, dia sim também. E disso nasce uma extraordinária sensação de imensidão.